

## DESMEMBAMENTO



Associados de Ijuí se reúnem com a direção da Cotrijuí para discutir a separação do Mato Grosso



Você aprova o desmembramento da Regional do MS?

Assinale com um "X" a sua opção!

( ) SIM

( ) NÃO

# HORA DA DECISÃO

A questão do desmembramento da Regional do Mato Grosso do Sul da Cotrijuí começa a se encaminhar para a reta final, depois de quase oito anos de discussão. Os associados vão dizer sim ou não à separação em um plebiscito que acontece nos dias 25, 26 e 27 de maio, em todas as unidades da Pioneira, Mato Grosso e Dom Pedrito. **4 a 9**



- o roteiro das urnas
- os mesários
- os dias e os horários em que as urnas ficarão à disposição do quadro social
- quem pode participar do plebiscito

**IRFA** Tecnologia de ponta a serviço da agropecuária

**Centrais**

**COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161  
CGC ICM 065/0007700  
Inscr. IN CRA n° 248/73  
CGC. MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre — Av. Júlio de Castilhos, 342  
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 - Telex 511102 CTXT  
Rio Grande — Terminal Granelheiro - 4ª Secção da Barra  
CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS  
Dom Pedrito — BR-293 - Km 237 - CEP 96450 -  
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

Campo Grande (MS) — Rua Ceará, 2245 - Vila Célia -  
CEP 79040 - Fone (067) 382-5048 - Telex 672247 CRTS

**SUBSIDIÁRIAS**

— Cotrijournal Cia de Comércio Internacional  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030  
- Fone (0512) 28-3155 - Telex 511102 CTXT

— Cotrijournal Corretora de Seguros Ltda  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030  
- Fone (0512) 21-0809 - Telex 511102 CTXT

— Cotrijournal — Processamento de Dados Ltda.  
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— Transcooper — Serviços de Transportes Ltda  
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 - Fone (067) 421-3815  
- Telex 674102 TSCO

— IRFA — Instituto Riograndense de Febra Aférea Ltda  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS -  
CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

— Hospital Dom Pastor S/A  
Av. David José Martins, 1376 - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

**ADMINISTRAÇÃO**

**DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente:

Oswaldo Olmiro Meotti

Vice-presidente/Pioneira:

Celso Bolivar Sperotto

Superintendente/Pioneira:

Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:

Oscar Vicente Silva

Vice-presidente/MS:

Nedy Rodrigues Borges

Superintendente/MS:

Lotário Becker

**Conselho de Administração (Eletivos):**

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz,  
Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair  
Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio  
Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da  
Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido  
de Godoy Dias e Florício Barreto.

**Conselho Fiscal (Eletivos):**

Amário Becker, Valdeci Oli Martinelli e Otalíz de Vargas Montardo

**Suplentes:**

Ervin Egon Preissler, Ivo José Basso e Alvor Rosa

**Diretores contratados:**

Wilmir Hendges e Léo José Goi

**LOJAS COTRIJUI**

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

**CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM**

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

**Associado da ABERJE**

**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

**REVISOR**

Sérgio Corrêa

**CORRESPONDENTES**

Campo Grande: Rosane Henn  
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Os 2.795 associados da Regional do Mato Grosso do Sul estão se preparando para, depois de quase 13 anos de convivência, deixar a Cotrijuí. O assunto desmembramento já percorre o cerrado e a colônia há quase oito anos, numa discussão que até então nunca tinha chegado tão perto de uma decisão final.

Para deixar a Cotrijuí, a Regional do Mato Grosso do Sul, fruto de um tempo em que o tamanho de uma cooperativa se media pela sua área de atuação, está se propondo a pagar uma indenização de 12 milhões de dólares. Na verdade, a Pioneira que investiu no Mato Grosso durante alguns anos, um grande volume dos recursos gerados na região e um outro volume incalculável de recursos humanos, vai receber de indenização, 3,6 milhões de dólares num prazo de três anos. Os outros 8,4 milhões de dólares a Regional do Mato

Grosso vai pagar assumindo uma dívida da Cotrijuí junto ao Banco do Brasil e que diz respeito a Cayman.

Para os associados, tanto da Pioneira como do Mato Grosso a separação, que ainda precisa passar pelo teste do plebiscito, significa uma outra postura a uma nova realidade. A Pioneira se poder redimensionar o seu tamanho e voltar mais a sua atenção para os interesses dos associados da sua região de origem. A Regional do Mato Grosso vai ter pela frente o desafio de um novo nome sem nenhum vínculo com a Cotrijuí. Mas, independente dos aspectos "um para cada lado", o que pode prevalecer, daqui para frente é uma solidariedade ainda mais forte, preservada entre duas entidades que, em determinada época, não só sentaram à mesma mesa, como também comeram no mesmo prato.

**DO LEITOR**

**Uma triste realidade**

Rivaldo Dhein

O homem só começou a se preocupar com as questões ambientais no final dos anos 60, quando surgiram os primeiros movimentos ecológicos nos Estados Unidos e na Europa. Esta preocupação só extrapolou os limites destes grupos especializados, a partir da década de 80, em reconhecimento à frequência cada vez maior de catástrofes — temporais, inundações, terremotos, mortandades de peixes e outros animais, desertificação ... — e à redução na qualidade de vida a nível mundial.

O crescimento acelerado da produção mundial e a conseqüente exploração muito intensiva dos recursos naturais, impõe prejuízos permanentes ao meio ambiente, incluindo as águas, o ar, a terra, as florestas, entre outros. Os limites de resistência e tolerância da natureza e estas agressões começam a ser ultrapassadas. A sua capacidade para reciclar os poluentes naturalmente é mais lenta que o atual nível de poluição.

É claro que o homem precisa produzir os alimentos e outros produtos para suas necessidades básicas — o que, inevitavelmente, afeta o meio ambiente e o equilíbrio ecológico — mas pode e deve fazê-lo de forma menos agressiva possível, sob pena de comprometer a própria sobrevivência da humanidade.

No mundo são jogados na atmosfera anualmente cerca de 250 milhões de toneladas de resíduos industriais sob a forma de poeiras; 145 milhões de toneladas de dióxido de enxofre — causador da chuva ácida —; 75 milhões de toneladas de gás carbônico — um dos causadores do "efeito estufa" ou aquecimento da terra —; um milhão de metros cúbicos de chumbo — que afeta o sistema nervoso central e o aparelho digestivo — e milhares de toneladas de compostos tóxicos de flúor e cloro. Ainda mais 40 milhões de toneladas de resíduos são depositados em algum lugar sobre a terra ou no fundo do mar: um milhão de toneladas de resíduo de petróleo são jogados no oceano e os rios e lagos recebem dezenas de quilômetros cúbicos de águas industriais não tratadas.

O desmatamento e a prática agrícola — que nos dizem mais respeito a nível regional — também são grandes deterioradores do meio ambiente. No mundo atual, a cada ano, são destruídos 11 milhões de hectares de florestas — participação do fogo — liberação de gás carbônico — e 210 milhões de hectares de terra tomam-se economicamente improdutivas devido a má utilização agrícola.

Os desmatamentos no sul do Brasil e no Paraguai já são apontados como responsáveis por frequentes temperaturas mais baixas, com geadas in-



O desmatamento e a prática agrícola também são grandes deterioradores do meio ambiente

clusive em Curitiba e no Mato Grosso do Sul. Os cientistas prevêem que em pouco tempo serão frequentes as geadas no sul de Minas Gerais.

As chuvas nas matas virgens tropicais, reconhecidamente consistem de 70 a 80 por cento das águas evaporadas e transpiradas pela vegetação no próprio local. Sem dúvida são — e serão — cada vez mais afetadas pelo desmatamento.

Os efeitos na agricultura, além da degradação do solo — chegando à desertificação e sua inutilização completa em muitos casos — causada pelo mau uso e manejo inadequado, são agravados pelo uso intensivo e indiscriminado, muitas vezes criminoso até, dos agrotóxicos. O Brasil é apenas o 7º produtor mundial de alimentos, mas ocupa o 4º lugar no consumo de agrotóxicos. Nos últimos anos, no país, foram aplicados na agricultura, um milhão de toneladas de agrotóxicos, o que significa a "bagatela" de 6,5 a 7,0 quilos de veneno por habitante.

Considere-se que muitos destes produtos são de degradação muito lenta, acumulando-se de alguma forma na natureza — no solo, na água, nas plantas, nos rios, — com as aplicações que se sucedem ao longo dos anos. Baseado em dados como estes, o prof. Milton Guerra, presidente do Centro de Estudos Toxicológicos do Estado e professor da Universidade Federal de Pelotas, denuncia que, "de uma forma ou de outra, no campo, está todo o mundo intoxicado".

As pesquisas da enfermeira Mara T. Calliari, de Passo Fundo, parecem confirmar esta triste realidade. Entre 1983 e 1986, ela pesquisou 300 casos — esse número já subiu para 600 —, de crianças anormais, deformadas — anomalias congênitas — nascidas na re-

gião de Passo Fundo. São crianças com falas, sem os ossos do crânio, com o cérebro fora do crânio, sem céu da boca, com os lábios abertos, etc ... Em seus estudos concluiu ainda que 70 por cento das mães destas crianças eram trabalhadoras rurais e haviam tido contato direto — 40 por cento — ou indireto — 30 por cento — com agrotóxicos durante a gravidez.

As mortes por agrotóxicos — diretos ou indiretos — na sua grande maioria são "mascaradas", aparecendo como paradas cardíacas, câncer, problemas hepáticos, renais, cerebrais, entre outros. Os próprios diagnósticos médicos, de um modo geral, são pouco precisos, até mesmo porque as análises laboratoriais são muito caras, normalmente não são realizadas — dos ZH de 6 de maio de 1990.

A desinformação é muito grande e, até mesmo em regiões como a nossa, onde se concentra uma das agriculturas mais tecnificadas e modernas do país, os agricultores continuam se intoxicando — e ao meio ambiente — até morrendo através de venenos que eles mesmo aplicam.

Na verdade, o modelo de desenvolvimento imposto à agricultura, exigindo um rápido aumento da produção agrícola — abastecer as necessidades industriais internas ou então, exportar para buscar o equilíbrio da balança comercial do país ou ainda economizar divisas, substituindo importações — trigo, álcool, entre outros —, levam a esta situação.

Os incentivos destinados a estes propósitos acentuaram a degradação do meio ambiente. Estimularam a monocultura, a degradação do solo, o aumento das pragas e doenças, promovendo o desequilíbrio cada vez maior do ecossistema. O próprio crédito agrícola condicionava o emprego de maior parcela financiada aos insumos modernos — sementes, fertilizantes químicos (orgânicos não eram financiados) e agrotóxicos, obrigatoriamente incluídos.

As soluções para os problemas ambientais também passam forçosamente, pela educação. Sem conhecer e entender a natureza — para então amá-la, respeitá-la e administrá-la corretamente — o homem jamais entenderá que a própria humanidade está condenada, a persistir o ritmo atual de desenvolvimento insustentável.

Não se trata de ignorar e desfazer a tecnologia. Mas sim de buscar um desenvolvimento sustentado no crescimento econômico e social baseado em políticas capazes de respeitar e preservar os recursos naturais e o meio ambiente.

Rivaldo Dhein é agrônomo e especialista na área de solos do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

EXPOLEITE

# Genética sai do over e entra no tambo

“Os preparativos para a realização da 13ª Exposição Estadual de Gado Leiteiro — Expoleite — vem despertando desde o início do ano, enorme expectativa. Programada para o período de 23 a 27 de maio no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, pretende testar a estabilização econômica, proposta e já praticada pelo Plano Collor”.

A declaração é de seu coordenador, Altemo de Oliveira, para quem “a genética sai do ‘over’ e retorna para os tambos a fim de produzir mais leite”. Ele disse que no ano passado o leilão Holandês Classic, realizado durante a Expoinfer de 1989, no mesmo local, estabeleceu os melhores preços do país, para a raça, tendo superado, inclusive, praças tradicionais e mais fortes, como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Em declarações feitas à imprensa de Porto Alegre, Altemo de Oliveira disse que agora, com a queda da inflação, “as boas vacas é que vão dar cria, regadas a muito leite e lucros para os produtores”.

Criador de gado holandês, recém empossado na presidência do Sindicato Rural de Santo Antonio da Patrulha, o produtor confia que acontecerão grandes e bons negócios na 13ª Expoleite.

O mesmo ponto de vista é manifestado pelo presidente da Associação de Gado Holandês do RGS, Orlando Heemann. Ele acredita que a Expoleite/90 irá se transformar na maior concentração de raças leiteiras do país no primeiro semestre do ano, estimando em mais de mil animais inscritos. Ele declara-se em guerra contra o amadorismo no setor que acabar de vez com as importações de leite em pó. Conta com o apoio da CCGL, que já confirmou sua presença na Expoleite.

A 13ª Expoleite terá a participação das raças leiteiras, holandesa, jersey, normanda e pardo-suíço; várias raças bubalinas e cabras leiteiras. O leiloeiro oficial do certame será Fausto Crespo, que diz apostar alto no reaquecimento do mercado leiteiro após a implantação do Plano Brasil e sua aprovação pelo Congresso Nacional.



Jarbas Sperotto e Lauri Seifert  
Estágio na França por três meses

grarem o grupo de outros 9 agricultores brasileiros que viajaram para a França com a mesma finalidade. A ida dos agricultores brasileiros — o estágio deverá se estender até fins de julho — faz parte do Programa Franco-Brasileiro de Cooperativas e que conta com o apoio da Confederação Francesa de Cooperativas Agrícolas e a Organização das Cooperativas Brasileiras. Os agricultores brasileiros vão realizar estágios em cooperativas e propriedades rurais visando não apenas conhecer o sistema de produção agrícola e pecuária, mas também o sistema de comercialização e agroindustrial, a organização dos agricultores e a vida dos franceses. Os três associados da Cotrijuí foram escolhidos por terem sido os primeiros classificados no Concurso Produtividade, promovido pela Fecotrigo, em 1989. A La Cana está recebendo Lauri, Mauri e Jarbas, por ser considerada a cooperativa “gêmea” da Cotrijuí na França. O intercâmbio iniciou no ano passado, com a vinda de agricultores franceses ao Brasil. Destes, três realizaram estágio na Cotrijuí.

Lauri Rogério Seifert, de Ijuí, Jarbas Sperotto, de Santo Augusto e Mauro Porazzi, de Ajuricaba, são os três jovens agricultores associados da Cotrijuí que, desde o dia 21 de abril, se encontram na França realizando estágio junto a cooperativa francesa La Cana. Lauri, Jarbas e Mauri saíram de Ijuí para, em São Paulo, inte-

## Trigo: muitas manifestações

A reportagem feita com o então diretor do extinto CTRIN, Nilo Fensterseifer, publicada no Cotrijornal de fevereiro, comprovou mais uma vez que a triticultura continua sendo um termômetro sensível para se avaliar o comportamento brasileiro frente a essa economia. Enganam-se aqueles que pretendem fazer da triticultura nacional uma questão menor no contexto da economia, sob o argumento — hoje já desmoralizado, “que a importação do cereal é mais conveniente para o país”.

Na reportagem em referência, Nilo Fensterseifer, com o conhecimento que tem do assunto trigo, mostrou, através de estatística e projeções de dados, o futuro da triticultura no Brasil, do que já somos, praticamente, au-

to-suficientes. Mas ele prevê que já nos próximos cinco anos podemos estar colhendo safras de 20 milhões de toneladas/ano, com isso, passando a nos emparelhar com os maiores produtores do mundo.

Dentre as dezenas de manifestações recebidas por consequência daquela reportagem, destacamos quatro vindas de Brasília, da Câmara Federal, por iniciativa de deputados gaúchos. Assinaram telegramas de manifestação de apoio os parlamentares Nelson Jobim (PMDB); Adylson Motta (PDS); Vicente Bogo (PSDB) e Osvaldo Bender (PDS), todos eles considerando da maior valia os argumentos colocados por Nilo Fensterseifer.

## FRASES

A competência foi castigada.

Oswaldo Meotti, diretor presidente do Grupo Cotrijuí em relação a extinção do Ctrin.

O desmembramento é o reconhecimento tácito, em seu contexto global, de que o tamanho da cooperativa estava maior que as nossas cabeças.

Ruben Ilgenfritz da Silva, ex-presidente da Cotrijuí, falando, também, sobre a separação da Regional do Mato Grosso do Sul.



Técnicos e produtores observaram de perto o suporte da diversificação

O trabalho de diversificação agrícola desenvolvido pela Cotrijuí, desde 1973, foi o assunto apreciado pelo grupo de técnicos e produtores vinculados a Federação dos Clubes de Integração e Troca de Experiência — Federacite, que estiveram visitando a Cooperativa em Ijuí, no dia 26 de abril.

Coordenado pelo ex-secretário da Agricultura do Estado, Getúlio Marcantônio, o grupo conheceu de perto os projetos de piscicultura, suinocultura e forrageiras, que integram atualmente 150 experimentos desenvolvidos pelo CTC.

## MULHER

### Concurso de textos

Mulher pela igualdade na vida e na lei. Este é o tema do concurso de textos que está sendo promovido pela União de Mulheres de Ijuí e que convida a todos, homens e mulheres, a fazerem uma análise da família no contexto social, abordando aspectos de educação, oportunidades de emprego, sexualidade, controle da natalidade, dupla jornada de trabalho, seus direitos legais, a violência, as relações com o poder, as conquistas frente a nova Constituição Brasileira, entre outros. Podem participar do Concurso homens e mulheres acima de 16 anos e o resultado será divulgado durante a Semana Centenária de Ijuí, de 12 a 21 de outubro de 1990. Os dois melhores textos receberão como premiação estadias na Fonte Ijuí. O terceiro colocado vai receber assinatura, por um ano, da Revista Contexto e Educação, da Unijuí.

#### Aos leitores e anunciantes

Esta edição do Cotrijornal está circulando com certo atraso, por esta razão, é bimensal — abril e maio. A edição foi retardada por duas razões: para que pudessemos circular com o roteiro das urnas do plebiscito que acontece no final do mês de maio e também porque estamos mudando a data de circulação do Cotrijornal que passa, de agora em diante, para os dias 15 de cada mês.

## CONTAS

Ajoergs, a Associação dos Jornalistas de Economia do Rio Grande do Sul, está com a diretoria. Isnar Camargo Ruas, por muitos anos exerceu a função de diretor econômico do Correio do Povo e hoje diretor da Intermédio — Associação Social Ltda, de Porto Alegre, é o novo presidente da entidade. Isnar Ruas, que substituiu no cargo o jornalista Cláudio Medina, foi eleito no dia 11 de abril, durante reunião realizada no Ritter Hotel. Também eleito, Aparecida de Oliveira, do Correio do Povo, foi eleita vice-presidente. Outros membros da diretoria são: José Quevedo, da Cotrijuí/Cotrijornal; Nelva Leocádia Castro Mello, do Correio do Povo; Gerda, secretária. Ainda foram eleitos Mário Villas-Boas da Regional do Grupo GBOEX e Gerson Francisco da Silveira, do Banrisul, como assessores.

Ao revirar a economia e a vida dos brasileiros de cabeça para baixo, o governo Collor e o Plano de Estabilização Econômica estão mostrando que nem mesmo os camisas e pés descalços vão passar inunes frente a tantas mudanças. O salário também está sendo convocado a dar sua cota de sacrifício, através de um salário mínimo que, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Sócio-Econômico — DIEESE —, tem o menor poder de compra de toda a sua história. Ele equivale hoje, a exatamente 25,43 por cento do que valia em julho de 1940.

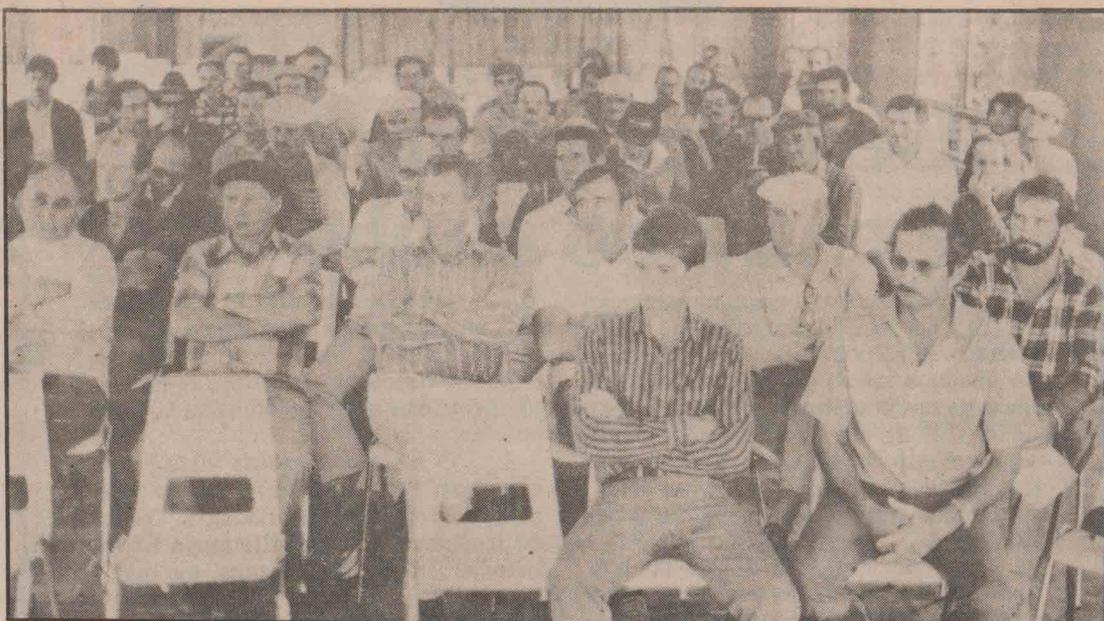
Segundo os cálculos do Banco Mundial — o Bird —, o Brasil, em termos de injustiça social na América Latina, só perde mesmo para o Equador. Os 20 por cento dos brasileiros mais ricos detêm 72 por cento da renda. No Brasil, esses mesmos 20 por cento levam 66 por cento da conta do bolo. Na outra ponta, somente os 20 por cento mais pobres, levando apenas 1,8 por cento da renda do Equador e 2 por cento no caso do Brasil. Na média geral dos países da América Latina, os 20 por cento mais ricos detêm 57,7 por cento da renda e os 20 por cento mais pobres, 3,2 por cento. O Uruguai é o país que aparece com a menor disparidade em termos de distribuição de renda: 20 por cento dos brasileiros ricos detêm 47,5 por cento e os 20 por cento mais pobres 4,4 por cento.

Escritórios de defesa do consumidor estão sendo prometidos para Ijuí, Augusto Pestana, da Condor, nesta região. Acordos semelhantes foram assinados pelo secretário da Justiça, Bernardo de Souza, com os prefeitos Valdir Heck, de Darcis Sallet, de Augusto Pestana; Miguel Vieira Leal, de Jóia e Barão, de Condor.

Os escritórios deverão ser coordenados pelas comissões municipais de defesa do consumidor, recebendo o apoio técnico da Secretaria Executiva do Conselho Estadual de Defesa do Consumidor, órgão subordinado a Secretaria da Justiça do Estado.

O recebimento de soja da Cotrijuí, Regional Pioneira está fechando com as estimativas positivas. Até o início de maio, a cooperativa na região, já havia recebido 330 toneladas de produto, que segundo Jarbas Sperotto, vice-presidente da Regional, é o resultado do apoio dado pelo governo social “que soube atender o movimento da Cotrijuí. Celso Sperotto, ao atendimento do quadro sócio-econômico das unidades, representadas pelos seus gerentes e funcionários no sentido de melhorar as condições de recebimento.

A Regional do Mato Grosso do Sul pode deixar a Cotrijuí, transformando-se numa nova cooperativa. O desmembramento é uma idéia madura a ser formalizada pelos associados em assembléia geral extraordinária seguida de um plebiscito que acontece nos dias 25, 26 e 27 de maio. Pelo seu afastamento, a Regional do Mato Grosso do Sul deverá pagar uma indenização de 12 milhões de dólares



A reunião com associados de Ijuí na pauta de discussão o desmembramento da Regional de Mato Grosso do Sul



Oswaldo Meotti



Celso Sperotto



Oscar Silva

# Missão cumprida

A Regional do Mato Grosso do Sul está prestes a deixar, via desmembramento, o Grupo Cotrijuí. A discussão em torno da separação não é nova e já se arrasta há quase oito anos. Agora, no entanto, parece que a decisão é mesmo irreversível, embora, para efeitos legais, ainda esteja na dependência da realização de um plebiscito envolvendo os associados das três regionais — Pioneira, Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito — que deverão, através das urnas, se pronunciar a favor ou contra a separação em duas assembléias gerais extraordinárias. Mas enquanto as urnas não vão para as comunidades do interior de cada município onde a Cotrijuí atua, o assunto desmembramento é a pauta principal de uma série de reuniões que acontecem pelas três regionais, onde direção eleita e conselheiros esclarecem as dúvidas que ainda persistem.

"Missão cumprida", resume o diretor presidente do Grupo Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, para quem a separação da Regional do Mato Grosso do Sul é o caminho normal de "empresas do gênero". Lembra que em 1977, quando a Cotrijuí ingressou no Mato Grosso do Sul, a Coopemara, a cooperativa de Maracaju incorporada, existia apenas no papel. Se vendêssemos todos os seus bens, não poderíamos pagar todas as suas dívidas, assinala convicto de que a separação vai ser muito boa para o Grupo.

Para Meotti, a separação está ocorrendo num momento muito tranquilo da vida da Cotrijuí, "com seus compromissos, que se não estão saldados, estão muito bem encaminhados". Então, entende ser muito natural que a Regional do Mato Grosso do Sul, que já era de fato independente, legalize a sua situação. Uma situação de separação, na vida de qualquer empresa, só acontece nos momentos de tranquilidade, observa o diretor presidente lembrando que a união e a aproximação, normalmente só acontecem nos momentos de crise, de dificuldades. Nenhuma cooperativa pede para ser incorporada quando está bem de vida", reforça.

Em 12 anos, a antiga Coopemara transformou-se numa das regionais do Grupo e, ao declarar a sua maioria, leva junto não mais apenas os armazéns localizados em Maracaju, Sidrolândia e Rio Brilhante mas toda

uma organização estruturada e que se resume em vários imóveis espalhados por cerca de 12 municípios da área de atuação da Cotrijuí em Mato Grosso do Sul. É uma Regional com um patrimônio contábil de mais de Cr\$ 2 milhões, constituído por uma capacidade armazenadora de 514 mil toneladas, uma indústria de milho, uma indústria de rações e uma indústria de frangos. O quadro social, hoje, está constituído por cerca de 2.795 agricultores, contra o pequeno grupo de pouco mais de 791 que operava com a Coopemara em 1977.

**INDENIZAÇÃO** — Para se tornarem independentes, os associados da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul estão dispostos a pagar 3,6 milhões de dólares de indenização — de forma parcelada e em 3 anos — para a Regional Pioneira e ainda assumir uma dívida de 8,4 milhões de dólares, com prazo de pagamento de 10 anos e mais dois de carência que o Grupo tem junto ao Banco do Brasil. Os números da negociação foram definidos em reuniões realizadas entre direção eleita, conselhos de Administração, Fiscal e de Representantes, sujeitos a serem retificados através das assembléias e do plebiscito.

Do desmembramento, vai nascer no Mato Grosso do Sul, uma nova cooperativa, "com razão social própria", sem qualquer vínculo com o Grupo Cotrijuí, "nem de nome e nem

de marca", assinala Oswaldo Meotti vendo a separação até como um compromisso da atual diretoria eleita. Era da nossa responsabilidade dar um encaminhamento final à questão, diz.

**PIONEIRISMO** — A Cotrijuí só vai perder em estatística, avisa o diretor presidente do Grupo, classificando o ato de separação como mais um pioneirismo vivido pela Cotrijuí. Fomos pioneiros em sair do Estado para incorporar novas regiões e, agora o estamos sendo novamente na medida em que estamos nos separando. Não vê outra saída para a questão, considerando que uma cooperativa é uma sociedade de pessoas, onde existem interesses diferentes. Se a Cotrijuí fosse uma sociedade de capital, esclarece, a direção a ser tomada seria outra, pois neste caso o ideal seria uma administração única, buscando fortalecer o Grupo como um todo.

Aponta o distanciamento e a realidade diferente do cerrado como responsáveis pela separação e pelo relacionamento da Regional com o Grupo "que já não era mais sadio". Esse relacionamento, segundo Meotti, vinha, inclusive, impedindo uma distribuição mais equânime dos recursos gerados. Até entendendo ser perfeitamente normal que hoje já não se queira fazer o que a Regional Pioneira fez no passado, ao distribuir de forma equânime os recursos gerados aqui no Rio Grande do Sul,

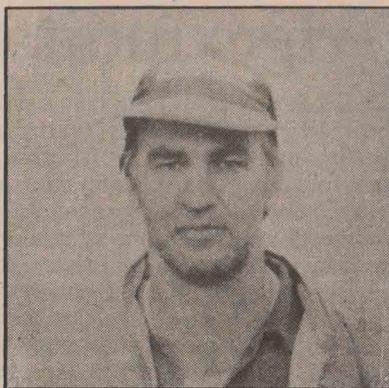
lamentava.

A tranquilidade com a qual só a direção, mas também o quadro social está vendo a separação, tem a ver com o fato de que, oficializado o desmembramento, cada Regional vai poder repensar sua vida, seus investimentos e, inclusive, "reprogramar sua administração com mais tranquilidade". Para Meotti, o tamanho de uma cooperativa deve ser diretamente proporcional ao ângulo de visão dos seus administradores. Foi mais uma experiência que se teve e é mais uma responsabilidade que se assume, resume o diretor presidente do Grupo Cotrijuí que, mesmo separado da Regional do Mato Grosso vai continuar atuando na região de Dom Pedrito. O Terminal Granelero de Luiz Fogliatto, localizado em Rio Grande e todas as subsidiárias vão continuar com a Cotrijuí.

**OS FILHOS** — Chega um tempo em que os filhos crescem e se vão de casa, diz o vice-presidente da Regional de Dom Pedrito, referindo-se ao desmembramento da Regional do Mato Grosso do Sul. Ao se expandir, diz ainda Oscar Silva, a Cotrijuí já considera a possibilidade de um dia vir se separar. Diz que em função das distâncias já não existia mais compromissos entre a Regional do Mato Grosso com a Pioneira e Dom Pedrito e vice-versa. Enquanto a Cotrijuí no Estado frutifica seus investimentos, a Regional do Mato Grosso do Sul aproveitou o momento e tinha mesmo que fazer isto, pois também verticalizar suas atividades observa.

O desmembramento teria que sair, mais cedo ou mais tarde, assinala Celso Sperotto, vice-presidente da Cotrijuí na Regional Pioneira e para o qual a separação é um antigo desejo dos associados do Mato Grosso do Sul. "Espero que a separação realmente traga proveito para as duas regionais e que o Mato Grosso do Sul tenha muito sucesso nessa nova caminhada", diz o diretor vice-presidente da Pioneira, encarando a decisão da separação como de responsabilidade da atual direção. É uma situação que precisamos enfrentar diz ainda, reconhecendo por outro lado que a questão vem sendo preparada e discutida com o quadro social há quase oito anos.

**Arlindo Albrecht** — representante pela unidade de Tenente Portela: "Há mais de oito anos a Regional do Mato Grosso do Sul vem falando em separação, mas na hora de discutir os números de indenização, o assunto empacava e a idéia era colocada mais uma vez em banho-maria. Pelo que tenho sentido, o quadro social está a favor dessa separação. Uma reforma administrativa não ia resolver o problema, porque da forma como a Regional do Mato Grosso está estruturada, ela não ia aceitar a interferência da Regional Pioneira. Os valores a serem restituídos à Pioneira pela Regional do Mato Grosso, como forma de indenização, não são na verdade tão elevados. A Pioneira aplicou muito dinheiro no Mato Grosso e, por esta razão, foi obrigada a abandonar alguns projetos que deveriam ter sido feitos aqui na região. No meu entender essa é a hora de cada um seguir o seu caminho".



# Um momento novo

A decisão do desmembramento, formalizada com a assembléia extraordinária e oficializada através do registro, nada mais é do que o reconhecimento tácito, por parte do quadro, de que o tamanho da cooperativa estava maior do que as nossas possibilidades. A afirmação é do agrônomo e diretor Ruben Ilgenfritz da Silva, na ocasião da incorporação da Coopemara ao Cotrijuí, ao defender a decisão da Regional do Mato Grosso de sugerir um redimensionamento da cooperativa no seu âmbito global. Para Ilgenfritz, o desmembramento também vai permitir que as lideranças da Cotrijuí possam voltar a sua força e o seu trabalho na região mais harmônica, "como é o caso da Pioneira".

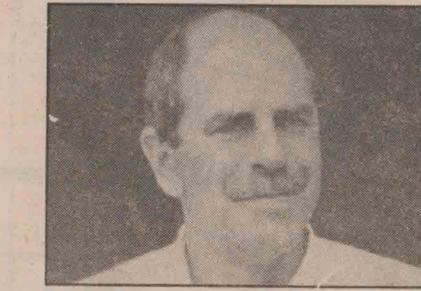
A Cotrijuí é hoje uma cooperativa vigorosa, segundo seu ex-presidente, graças a sua estrutura organizacional e a participação do seu quadro. É graças a todo este trabalho de 30 anos que a Cotrijuí está podendo dar mostras de uma capacidade muito mais clara dos seus associados no seu contexto global e na organização por representatividade. É justamente, toda essa clareza de decisão, segundo Ilgenfritz, que vai permitir que a Regional do Mato Grosso do Sul, "que tem um com-

portamento e uma estrutura fundiária diferente e que possui outro tipo de produtor, mais capitalizado e com maior visão empresarial", possa se desmembrar e seguir a sua vida.

**UMA ETAPA** — Mas assim como defende a idéia da separação, Ilgenfritz garante, por outro lado, ser impossível "historicamente", negar o que representou a Cotrijuí na agricultura e na economia do Mato Grosso. Ela deu segurança quando não existiam armazéns, quando não existia assistência técnica e nem crédito. Deu segurança na hora de fazer investimentos, observa, certo de que a Cotrijuí cumpriu mais uma etapa. "Fomos profundamente solidários enquanto pudemos ser solidários".

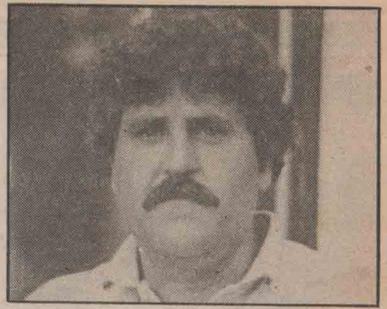
Para o ex-presidente da Cotrijuí não restam dúvidas de que a separação vai permitir um melhor relacionamento econômico, "pois embora a denominação da nova cooperativa a ser criada no Mato Grosso seja outra, o espírito cooperativista vai prevalecer. Nós não só vamos ser mais solidários, como também mais irmãos, pois vamos poder abandonar os problemas que, sob certos aspectos nos separavam e que se resumiam na liberdade de podermos decidir sem ter que prestar contas".

**NOVO MOMENTO** — A separação, segundo Ilgenfritz, acontece num mo-



Ruben Ilgenfritz  
Redimensionamento  
da cooperativa

mento tecnologicamente novo, a exigir, não só dos produtores, mas também da própria cooperativa um redimensionamento da sua atuação. Nesse novo momento, a produção, principalmente da lavoura de grãos, passa a exigir, obrigatoriamente uma certa postura empresarial, até porque o próprio processo tecnológico, no seu avanço, vem tomando-se seletivo. "De repente estamos convivendo com experiências, até a nível local, de diferenças percentuais muito grandes, diz referindo-se a questão da produtividade. Por este motivo, a necessidade da retomada da questão tecnológica em seu sentido econômico e político. Se essa retomada não acontecer, a expulsão da terra vai acontecer numa velocidade muito maior, alerta.



**Jorge Alberto Sperotto** — *conselheiro de Administração da Regional Pioneira: "Não tínhamos outra saída. O Mato Grosso do Sul já estava desmembrado. As nossas relações comerciais não tinham mais fundamento. Se vinha prolongando uma questão que de muito tempo já se vinha conversando sem uma decisão final. O caninho é esse e, agora é partirmos para uma reforma estatutária e uma administração mais moderna e, para isto, temos pessoas competentes. A Cotrijuí deu uma grande contribuição ao Mato Grosso, isso não se pode negar, mas hoje, essas relações de cooperativismo não tinham mais nenhum sentido. A Regional do Mato Grosso cresceu e agora é hora de caminhar com seus próprios pés. E nós, aqui na Pioneira, vamos, por nossa vez, continuar lutando".*



**Ruben Marcos Fiad Bresan** — *representante de Vila Dois Irmãos, Everaldo Seco: "Levando em consideração a Cotrijuí como organização, como um todo, não se pode negar que se vai sair perdendo alguma coisa. Mas olhando por outro lado, a separação vai ser muito boa, pois os recursos aplicados pela Pioneira no Mato Grosso vão retornar, podendo serem investidos aqui, em benefício dos associados da região. A cisão é necessária em função da distância e também porque, de fato, essa separação já existe há muito tempo. E, mesmo nos momentos de crise da Pioneira, a Regional do Mato Grosso do Sul não parou de fazer investimentos. Tenho certeza que, numa cooperativa menor, a Cotrijuí vai poder se expandir com mais tranquilidade beneficiando os associados do Rio Grande do Sul".*

## Idéia madura

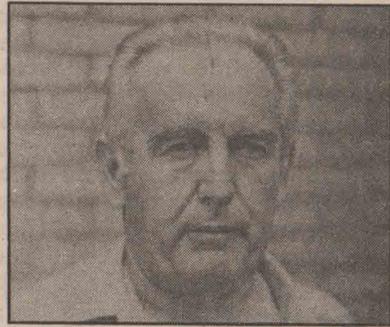
A finalidade da incorporação cumprida, resume Euclides Casagrande, associado em Ijuí, na época da incorporação da Coopemara, um dos membros da Cotrijuí. Considera o desmembramento como uma idéia madura, porque o Mato Grosso do Sul, está passando de tal forma que não precisava da Pioneira.

Euclides Casagrande só lamenta, para formar e fortalecer a Regional do Mato Grosso, a Pioneira ter sido prejudicado, suspendendo todos os investimentos na região. A Pioneira, não investiu apenas recursos financeiros no Mato Grosso. Ela deu para lá os seus melhores funcionários. Mas de qualquer forma, vê a separação como uma saída "capaz de levar a uma maior integração, industrial e econômica".

**RECONHECIMENTO** — Casagran-

de tem certeza de que os associados da Regional do Mato Grosso têm um grande reconhecimento pelo trabalho da Cotrijuí em seu Estado. Todo o desenvolvimento do Estado, inclusive a construção de estradas, está diretamente relacionado com o desenvolvimento da produção, garante o produtor, recordando que, na época da incorporação, nem estradas asfaltadas existiam no Mato Grosso. As viagens daqui para lá, conta, eram mais longas até porque o trajeto percorrido passava por São Paulo e Presidente Prudente.

Ao defender o papel desempenhado pela Cotrijuí no Mato Grosso, Casagrande assinala a malha armazenadora criada pela cooperativa ao longo dos anos "e que influenciou no crescimento da economia do Estado.



Euclides Casagrande  
Reconhecimento pelo trabalho

Mas a presença da Cotrijuí não ficou só na construção de armazéns, no incentivo a produção, na organização do quadro social. A Cotrijuí levou também para o Mato Grosso, a idéia do produtor trabalhar com Nota Fiscal, "que até então, ninguém conhecia", lembra. Foram procedimentos deste tipo que levaram a Cotrijuí a deter, por muitos anos, o título de maior recolhadora de ICM do Estado.

## Cooperativa mais enxuta

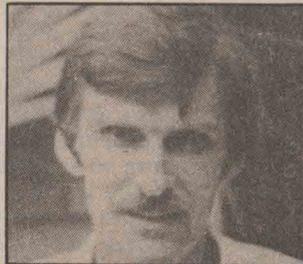
O associado Valdir Zardin, vê a decisão da Regional do Mato Grosso do Sul como um processo normal, "resultado de uma nova situação econômica pelo país". Mas conta que, na ocasião da incorporação da Coopemara, que se tinha era de que, quanto à cooperativa, mais forte ela se tornaria com o maior poder de barganha teria sido alcançado se só teríamos força polifuncionalizando nossa área de atuação justificando a entrada da Cotrijuí na campanha, via Dom Pedrito e Mato Grosso, via Mato Grosso. Zardin, na ocasião, um dos diretores da Cotrijuí, reconhece que hoje a situação é completamente diferente e a imagem de grande no tamanho da cooperativa, mantida pela expansão vertical, graças a esforços, pela competên-

zões para este desgaste a própria distância e os interesses do quadro social, inseridos numa realidade completamente diferente da vivida pelos associados da Pioneira. Diante desta situação e sem saída para escoar a sua produção, a Regional do Mato Grosso tomou o caminho da industrialização "até como forma de baratear os custos de produção", diz o associado.

**MAIS ENXUTA** — Para Zardin, ao redimensionar o seu tamanho, a Cotrijuí vai se tornar uma cooperativa mais enxuta, em condições de oferecer maiores benefícios aos seus associados. As decisões, tanto na Pioneira, como na nova cooperativa a ser criada no Mato Grosso do Sul, vão andar mais rápidas, diz apontando a separação como o caminho da vontade do quadro social.

Ao não perceber nenhuma dificuldade no fato da Cotrijuí, "um grande conglomerado", voltar às suas origens, o associado compara a situação

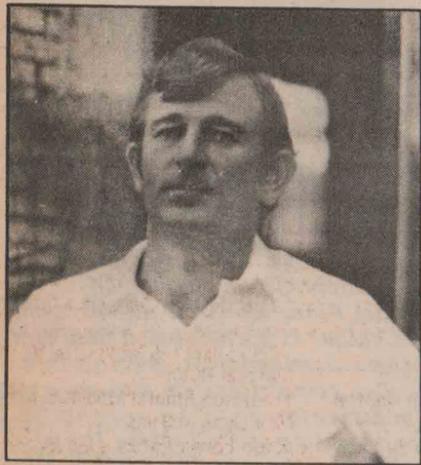
Valdir Zardin  
Finalidade se  
esgotou



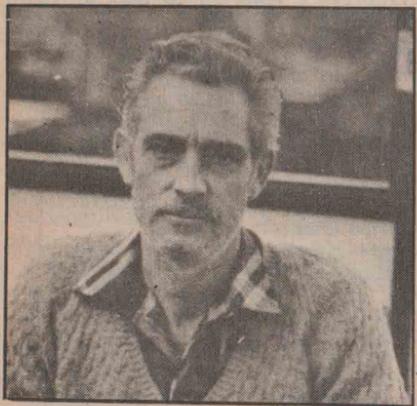
vivida pela cooperativa, a da maioria dos agricultores da região que começaram na atividade agrícola em parceria. Entendo que assim como aconteceu com os agricultores e cada um pegou o seu caminho, está acontecendo com a Cotrijuí. Tanto a Regional do Mato Grosso como a Pioneira vão buscar suas viabilidades, mesmo sabendo que algumas dificuldades vão aparecer, diz Zardin referindo-se ao fato de que a Pioneira não vai mais contar com o poderio da Regional do Mato Grosso e nem essa com a força e a influência do nome Cotrijuí. Neste momento, diz ainda nada melhor do que cada um cultivar a sua região e os seus interesses e tocar seus destinos dentro daquilo que a economia mais favorece".



**Vilibaldo Friderichs** — *representante pela unidade de Chiapeta: "O desmembramento é um anseio do quadro social desde quando se fez a reforma administrativa em 1985. Penso que a separação da Regional do Mato Grosso do Sul, se constituindo numa outra cooperativa, vai ser muito boa para o Grupo. A Pioneira, por exemplo, vai poder se reestruturar e redimensionar as suas atividades. É a chance, ao rever os recursos aplicados no Mato Grosso durante muitos anos, da Pioneira poder fazer algum investimento, principalmente na área da diversificação".*



**Sênio Reinoldo Kirst** — coordenador do Conselho de Representantes de Ijuí: "Do jeito que estava, não dava mais para continuar. A Regional de Mato Grosso já havia declarado a sua independência e, apesar do seu endividamento com a Regional Pioneira, continuou investindo, verticalizando suas atividades. Enquanto isso, a Pioneira, para poder saldar seus compromissos, se viu, inclusive, obrigada a vender imóveis, como foi o caso da Fábrica de Óleo de Rio Grande. Agora é a hora de cobrar do Mato Grosso o dinheiro investido lá. Nós precisamos, mais do que nunca, investir na agroindústria, que é prioridade para a região. Precisamos de um frigorífico, de uma indústria de aveia, de uma indústria de milho além de moegas e armazéns no interior. Está na hora dos projetos saírem do papel. Precisamos usar nossa força política para cobrar o que temos para receber. A idéia do desmembramento é antiga e já está madura. Uma reforma administrativa não ia resolver o problema, pois há muito tempo a Regional do Mato Grosso do Sul não era mais solidária com a Pioneira. Na última reunião de coordenadores dos representantes que aconteceu no Mato Grosso, já deu para sentir que não existia mais ambiente para continuar juntos. Foi a partir dessa reunião que se passou a trabalhar mais em cima do desmembramento."



**Félix Gotardo** — conselheiro de Administração da Regional Pioneira: "Lembro muito bem quando a Cotrijuí foi para o Mato Grosso, porque o seu João Telló, que era o conselheiro da época, nos trazia as informações. Nesse meio tempo de incorporação a Regional do Mato Grosso do Sul se formou com estrutura própria e, agora é hora de fazer sozinha sua vida. De um modo em geral, os associados estão gostando da idéia da separação, até porque entendem que o dinheiro aplicado pela Pioneira do Mato Grosso já começa a fazer falta. Uma reforma administrativa, por exemplo, como chegou a ser levantada, até que seria uma boa idéia, mas não resolveria o problema, pois passado algum tempo, o Mato Grosso ia voltar a falar em separação. Então, a meu ver, é hora de dar um fim nesta história."



# Palavra final com o associado

Nos dias 25, 26 e 27 de maio os associados da Cotrijuí devem decidir sobre o futuro da Cooperativa

Usado pela última vez, na Cotrijuí, em julho de 84, para aprovar a Estrutura do Poder, o plebiscito volta este ano para que o associado referende ou não o desmembramento da Regional do Mato Grosso do Sul. Utilizado desde a Roma antiga, antes de Cristo, quando as leis eram ou não aprovadas pelo povo, ele é ainda hoje uma forma de dar a palavra final às chamadas bases, e no caso da Cooperativa, o sim ou não à separação. Para registrar a sua manifestação, os associados vão contar com três dias de votação — 25, 26 e 27 de maio, com exceção daqueles pertencentes a Regional do Mato Grosso, que terão apenas os dois primeiros dias.

**URNAS E ROTEIRO** — Urnas fixas e itinerantes vão ser colocadas nos escritórios da Cotrijuí, sindicatos, clubes, igrejas e bolichos, desde a sexta à tarde até 17 horas e 30 minutos do domingo, para que o associado dê a sua opinião sobre a proposta. Seguindo o processo de outras eleições, o plebiscito contará com um total de 110 urnas, espalhadas em cada uma das unidades das Regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul. As urnas fixas, colocadas nos mercados, lojas e escritórios das unidades, nos Postos de Recebimento do Produto e em Sindicatos Rurais vão permanecer à disposição do quadro social durante todos os dias de votação. As urnas volantes, aquelas que vão percorrer roteiros itinerantes — verificar o roteiro das urnas nas páginas seguintes — só irão funcionar no primeiro dia de votação. No Mato Grosso do Sul, no entanto, o esquema das urnas é um pouco diferente. Todas as urnas serão fixas e estarão à disposição do associado, durante os dois dias de votação.

Urnas, roteiros, mesários e horários de votação foram estabelecidos pelos representantes em conjunto com o pessoal da área de Comunicação e Educação da Cotrijuí. Os associados das regionais Pioneira e Dom Pedrito que, no dia 26 de maio estiverem atrapalhados demais com a lavoura, podem ficar descansados, que não vão precisar largar o serviço para vir até a cidade votar. Uma urna deverá passar por perto de suas casas, permanecendo, no mínimo, uma hora no salão da comunidade, na escola, na igreja ou no bolicho do vizinho. Mas se algum associado deixou para votar no dia 27, vai ter que ir até a cidade, pois neste dia, tanto na Pioneira, como em Dom Pedrito as urnas não sairão para o interior.

**QUEM PODÉ VOTAR** — Como dita o regulamento, as mulheres não participam da eleição, podendo somente votar aquelas em torno de 600 — que forem associadas da Cotrijuí. A mulher não pode votar no lugar do marido.

Dos 17.985 associados da Cotrijuí, incluindo as três regionais, apenas 14.034 estão aptos a votar e exercer o direito de voto, representando 82,67 por cento do total de associados. É na Regional Pioneira que se concentra o maior número de associados aptos a votar. De um total de 12.493 associados, 11.149 podem votar. Em Dom Pedrito, de um total de 1.195, 828 estão aptos ao voto e, em Mato Grosso do Sul, de um total de 3.070 associados,

## MODELO DA CÉDULA

Nos dias da votação, o associado receberá de um dos mesários, uma cédula semelhante a que estamos publicando abaixo. Nesta cédula, que já estará rubricada, ele deve responder a pergunta, assinalando com um "X" a sua opção. Qualquer dúvida pode ser desfeita com os mesários.



Você aprova o desmembramento da Regional do MS?

Assinale com um "X" a sua opção:

( ) Sim

( ) Não

2.057 podem votar, representando 67 por cento do total das matrículas.

Embora todo o associado esteja cansado de saber, é sempre bom lembrar que somente poderão votar aqueles que entregaram sua produção até o dia 31 de dezembro de 1989. Não pode votar, segundo o estatuto, associado funcionário da Cotrijuí.

Por fim as instruções do voto, que não diferem muito de uma eleição normal na Cooperativa, a não ser pela cédula. Para votar, os associados devem trazer junto sua carteirinha social. Ela funciona como título e como tal de-

ve ser carimbada no dia do plebiscito. O associado deve procurar votar na Unidade em que entregou a sua produção. Caso esteja em trânsito, pode votar, desde que comprove estar apto a exercer o direito ao voto. Para comprovação vale uma nota fiscal ou bloco de produtor.

Quando dois associados estiverem juntos, apenas um deles poderá votar. Caso um dos parceiros tenha matrícula individual, terá garantido seu direito de voto, podendo ainda votar duas vezes, caso seja escolhido para parceria para responder sim ou não.

## COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA

### EDITAL DE CONVOCAÇÃO N° 70 ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

O presidente da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., no uso das atribuições que lhe confere o Art. 25 e letra "b" do Art. 55 do Estatuto Social, convoca os Representantes Eleitos, aptos a votarem, para reunirem-se em

### ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

no próximo dia 25 de maio de 1990, na sede da Associação dos Funcionários da Cotrijuí — AFUCOTRI — sita na Linha 3 Oeste, na cidade de Ijuí/RS, bem como todos os associados aptos a votarem, para cumprirem o que determina o Art. 38 e seu § 1º, em primeira convocação às 12 (doze) horas, com a presença de no mínimo 213 (dois terços); ou em segunda convocação às 13 (treze) horas com a presença de no mínimo a metade mais um; ou em terceira e última convocação às 14 (quatorze) horas, com a presença de no mínimo 141 (um terço) dos Representantes Eleitos, no mesmo dia e no mesmo local, para deliberarem sobre a seguinte

### ORDEM DO DIA

1 — Deliberar sobre o desmembramento da área de ação circunscrita à região do Mato Grosso do Sul.

2 — Nomear uma Comissão para elaborar as formalidades legais do desmembramento, inclusive a Reforma do Estatuto Social e o projeto do Estatuto Social da nova cooperativa resultante.

**NOTAS:** 1 — Para efeitos de "quorum", declara-se que o número dos Representantes Eleitos é de 103 (cento e três).

2 — A Assembléia permanecerá aberta até às 18 horas do dia 27 de maio, conforme determina o Art. 38 e seu § primeiro, a fim de que todos os associados aptos exerçam o seu direito de voto e, encerrar-se-á no dia 28 com a proclamação do resultado e nomeação da Comissão de que trata o Art. 61 da Lei 5764 de 16 de dezembro de 1971.

Ijuí/RS, 12 de maio de 1990

OSWALDO OLMIRO MEGOTTI

Presidente

## CORONEL BICACO

DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

14,00-18,00 hs	Escritório	Alvaro Rotilli, Dalmiro Diniz, Nilo Milkzareck, Braúlio Rocha, Constante Della Flora
14,00-18,00 hs	Mercado	Irani Amaral, Paulo Rigodanzo, Enio Della Flora, Erich Breunig, Jurandir Diniz

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

8,00-18,00 hs	Escritório	Alvaro Rotilli, Dalmiro Diniz, Nilo Milkzareck, Braúlio Rocha, Constante Della Flora
8,00-18,00 hs	Mercado	Irani Amaral, Paulo Rigodanzo, Enio Della Flora, Erich Breunig, Jurandir Diniz
8,00- 9,00 hs	Escola	João Carlos F. Batista, Aristides Almeida
9,00- 9,30 hs	Escola	João Saquete Garcez, José L. de Mello
9,30-10,00 hs	Escola	Antônio Santo Kerpel, Eduardo Rocha
10,00-11,00 hs	Escola	Roberto Kunzler, Luiz B. Depiere
14,00-14,30 hs	Escola	Ernestildes da Silva, Umberto Rocha
14,30-15,30 hs	CTG	Ari Maffi, Eliseu Shawabb
15,30-16,00 hs	Escola	Leoni Barriuello, Antônio Moraes
8,00- 9,00 hs	Escola	Vicente Florentini, Marlene Shirmann
9,00- 9,30 hs	Salão	Valcir Dalabrada, Servílio Massalai
9,30-10,30 hs	Salão	Helmute Barbosa, Verno Jung
10,30-11,00 hs	Escola	Luiz Carlos Fava, Carlos Volpatto
14,00-15,00 hs	Salão Paroquial	Ivo Fava, Olmiro Radons
15,00-16,00 hs	Salão	Ademiro Fava, Natalino Pezini
8,00- 9,00 hs	Escola	Oswaldo Courdenuncci, Edmundo Oliveira
9,00- 9,30 hs	Escola	Brasil Portela, Godolcindo Ferreira
9,30-10,00 hs	Escola	Helio Simionatto, Milton Gutierrez
10,00-11,00 hs	Escola	João Valter da Silva, Luiz Osvaldo Lima
14,00-15,00 hs	Salão	Jean Jaques, Olibio Cossul
15,00-16,00 hs	Salão	Ninceto Berlezi, Osmildo Bielecki
16,00-16,30 hs	Escola	Clair Antônio Birkan, Tristão M. Reis
16,30-17,00 hs	Escola	José Irani Miotto, Milton Birkan

DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

8,00-18,00 hs	Escritório	Alvaro Rotilli, Dalmiro Diniz, Nilo Milkzareck, Braúlio Rocha, Constante Della Flora
8,00-18,00 hs	Mercado	Irani Amaral, Paulo Rigodanzo, Enio Della Flora, Erich Breunig, Jurandir Diniz

## JÓIA

DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	8,00-11,30 hs	Escritório	Jorge A. Conceição
	14,00-17,30 hs		Osmar Mensch e Gilseu Pinheiro

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Unidade	8,00-11,30 hs	Escritório	Jorge A. Conceição
	14,00-17,30 hs		Osmar Mensch e Gilseu Pinheiro
São Pedro	8,00-11,30 hs	Posto Cotrijuf	Oneide Burtet
	14,00-17,30 hs		Obiratan Treméa, Acélio Lassen, Valdir Sarturi, Artur Bazzan
Pará	8,00-11,30 hs	Clube São Jorge	Valdir J. Patias
	14,00-17,30 hs		Solano Moura, Calisto Zardin, Algemiro Patias, Marcos Bremm
Coronel Lima	8,00-11,30 hs	Escola Cel. Lima	Honório Burtet, Almiro S. Brites, Alzimar Soares
São. Dto. Antônio	14,00-17,30 hs	Esc. Pedro Brumm	José A. Conceição, Cláudio Pascoal, Alzimar Soares
São José	8,00-11,30 hs	CTG Recanto do Pago	Gomercindo Bernardi
	14,00-17,30 hs		Jânio Andreatta, Ornélio Selle, Lauri Andreatta, Valderino Ferrari
Peixinhos	8,00-11,30 hs	Esc. Inácio Montanha	Cleito Gonzales, Brasil C. da Rosa, Jorge Dornelles
Pará Grande	8,00-11,30 hs	Escola Ângelo H.	João D. Oliveira, José C. R. Vianna, Jair Mello
S. João Mirim	14,00-17,30 hs	Esc. João Francisco	João F. da Silva, Francisco V. Siqueira, Jair Mello
União dos Machado	8,00-11,30 hs	Esc. Pe. Antônio Vieira	Olmiro Machado, Setembrino Silva, Romir Maboni
União dos Machado	14,00-17,30 hs	Esc. Fernando Ferrari	Inocência Q. Filho, Eloir Schneider, Romir Maboni
Unidade	8,00-11,30 hs	Escritório	Jorge A. Conceição, Osmar Mensch, Gilseu Pinheiro
Inst. Trab. Rurais	8,00-11,30 hs	Sede	Batista Tonelli
	14,00-17,30 hs		Vavilho Portolan, Ivori Dambrós, João Mário Padilha, Paulo Stalschuss
São Roque	8,00-11,30 hs	Esc. Sta. Ana M.	Aquiles Della Flora, Gildo Menegazzi,
S. João Bela Vista	14,00-17,30 hs	Esc. José do Patrocínio	João M. Padilha
			Ernesto Strada,

DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Unidade	8,00-11,30 hs	Escritório	Jorge A. Conceição,
	14,00-17,30 hs		Osmar Mensch e Gilseu Pinheiro

## DOM PEDRITO

DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Campo Seco	14,00-15,00 hs	Bolicho do Leomar	Leomar Silveira Leite e Divaldo Silva da Silva
Caveira	15,00-17,00 hs	Bolicho da Rosa Ondina	Leomar da Silveira Leite e Divaldo S. da Silva
Banhado dos Anastácios	14,00-15,30 hs	Bolicho do Torrão	Luiz Carlos Alves e Roberto Prato
Bolicho da Pedra	16,00-17,00 hs	Escola	Felipe Maciel e Roberto Prato
Ponche Verde	14,00-15,30 hs	Bolicho do Chibiaque	Elpídio Chibiaque e Marcelo Burin
Sucessão dos Moraes	16,00-17,00 hs	Escola	Cênio Lúcio Carvalho Cruz e Marcelo Burin
Cotrijuf	14,00-17,30 hs	Escritório Central	Francisco Amaral Machado e João Michelena Martins
Cotrijuf	14,00-17,30 hs	Mercado da Lã	Jorge Lopes Farias e Gaspar de Moura
Centro	14,00-17,30 hs	Sindicato Rural Praça Gal. Osório	Cláudio Balsamo e Flávio Silva

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Cotrijuf	8,00-12,00 hs	Mercado da Lã	Jorge Lopes Farias e Gaspar de Moura
	14,00-17,30 hs		
Centro	8,00-12,00 hs	Sindicato Rural	Jaime Zambrano e Moisés A. Teixeira
	14,00-17,30 hs	Praça Gal. Osório	

DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Centro	8,00-12,00 hs	Sindicato Rural Praça Gal. Osório	Amilton Chibiaque e Moisés Aires Teixeira
--------	---------------	-----------------------------------	---

## TENENTE PORTELA

DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Unidade da Cooperativa	13,30-17,45 hs	Escritório	Luiz Bassani, Renato Müller, Gelso Raffaelli
------------------------	----------------	------------	--

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Daltro Filho	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Fauto Cavedon, Ludovino Splendor, Augusto Botura
Km 5	14,30-15,30 hs	Escola	
Linha Glória	16,00-17,30 hs	Salão Com.	
Cotovelo Parizinho	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Zelindo L. Pilatti, Ari Schmidt
Dois Irmãos	15,00-16,00 hs	Salão Com.	Carlos Ivo Ortolan, Neri J. Selle
Três Marcos	16,00-17,00 hs	Salão Com.	Antônio Rigo
Lajeado Leão	13,30-14,00 hs	Salão Com.	Elo Müller, Lidovino Bavaresco
Linha São Luiz	14,30-15,30 hs	Salão Com.	Alessio Fontaniva,
São Pedro	16,00-17,00 hs	Salão Com.	Theobaldo E. Lutke
Jaburiti	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Valdir Pedro Gabriel
Jaboticaba	14,30-15,30 hs	Salão Com.	Ermilo Betio, Sérgio Didoné
Esq. Jaboticaba	15,30-16,30 hs	Salão Com.	João S. da Luz
Capoeira Grande	16,30-17,30 hs	Salão Com.	Antônio Sivestre
Tiradentes	17,00-17,30 hs	Salão Com.	Vilmar Verdi
Bom Plano	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Oldio Lorenzi, Leonório Tomasi
Lajeado Lereño	15,00-15,30 hs	Escola	Oldemar Weiller
Linha Progresso	16,00-16,30 hs	Escola	Ervino A. Vogt
Lagoa Bonita	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Licerio Micolino, José Camiotto
Barreiro	15,00-16,00 hs	Salão Com.	Selenio Sandri, Gentil Minuzzi
Vista Gaúcha	16,00-17,00 hs	Clube Gaúcho	Izalino Pavinatto
São Sebastião	17,00-18,00 hs	Salão Com.	Deoclides Eloy, Jaime de Carli
Alto C. Farias	13,30-14,00 hs	Escola	Arlindo Albrech, Delmar Fruhlig
Alto Alegre	14,30-15,30 hs	Salão Com.	Willi E. Walk, Enio Ganascini
Gamelinhas	16,00-17,00 hs	Salão Com.	
Perpetuo Socorro	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Dilva Sofiatti, Euclides Rossetti
Braço Forte	14,30-15,30 hs	Salão Com.	Valdir Furini, Roque Furini
N. Senhora Saúde	15,30-16,30 hs	Salão Com.	Severino Boni,
N. Sra. Medianeira	16,30-17,30 hs	Salão Com.	Geraldo Zouner
Barra Grande	13,30-14,00 hs	Salão Com.	Celso Fontana, Algiro Pio Bandeira
Centro Novo	14,30-15,30 hs	Salão Com.	Oldemar Ruff, Odilon Rigo
Desmigrados	15,30-16,30 hs	Salão Com.	Celso Bassani
Linha Concórdia	13,30-14,00 hs	Salão Com.	Francisco D. Tuzzin,
Esq. Colorada	14,30-15,00 hs	Salão Com.	Erno Weimmer, Milton Calgario
Lajeado Librino	15,30-16,30 hs	Salão Com.	José Martinelli, Félix Gotardo
Santa Fé	16,30-17,30 hs	Salão Com.	Sérgio Casagrande
Coxilha Ouro	13,30-14,30 hs	Salão Com.	Bruno E. Arneemann, Nelson Donath
Esquina Ouro	15,00-16,00 hs	Salão Com.	Evalte Borth
Linha São Paulo	16,00-17,00 hs	Salão Com.	Edemar V. Siqueira
Sítio Gabriel	8,30-17,00 hs	Mercado	Osmar L. Selle, Irmo Linn, Ademir Schneider
Miraguaí	8,30-17,00 hs	Mercado	Arlindo Valk, Mauro E. M. Guterres, Antônio Nelson
Tronqueiras	8,30-17,00 hs	Mercado	Rogério Politowski, Ivo S. Figur, Otacilio Oliveira
Derrubadas	8,30-17,00 hs	Mercado	Eugênio Bagega, Elmo Elsenbach, Arno Elsenbach
Unidade da Cooperativa	8,30-17,00 hs	Escritório	Dealmo Schneider, Nelson Coldebella, Albino Schepp, Gilmar Tomasi

DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Sítio Gabriel	9,00-17,00 hs	Mercado	Osmar Selle, Irmo Linn, Ademir Schneider
Miraguaí	9,00-17,00 hs	Mercado	Arlindo Valk, Mauro Guterres, Antônio Nelson
Tronqueiras	9,00-17,00 hs	Mercado	Rogério Politowski, Bernardo Figur, Otacilio Oliveira
Derrubadas	9,00-17,00 hs	Mercado	Eugênio Bagega, Elmo Elsenbach, Arno Elsenbach
Unidade da Cooperativa	9,00-17,00 hs	Escritório	Nelson Coldebella, Dealmo Schneider, Luiz A. Splendor



Aqui, a localidade e o horário que o associado pode utilizar para manifestar a sua opção

## IJUÍ

### DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Cotrijuf/Sede	14,30-17,45 hs	Recepção	Eugênio Reinaldo Guewer e Jaime Wender

### DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Linha 8 Oeste	8,00- 9,30 hs	Pavilhão	Rudi Bonemann e Arlindo Treter
Linha 6 Oeste	10,00-11,30 hs	Escola	Valdir José Pascoal e Olmiro Diana
Esq. Dutra			
Linha 6 Oeste	13,30-15,30 hs	Escola	Alécio Francisco Pascoal e Vilmar Treter
Esq. Heidmann			
Linha 11 Oeste	16,00-17,00 hs	Escola	Valdir Glass e Oldemar Brissov
Colônia Santo Antônio	8,00-10,00 hs	Salão Comunitário	Valdir Ferrari e Pedro Dalla Rosa
Colônia Santo Antônio	10,15-11,30 hs	Escola João Pessoa	Dante Antônio Boniatti e Ademar Antônio Agostini
Itaf	13,30-15,30 hs	Escola	Avellino José Duarte e Arno Berno
Linha 2 Oeste	16,00-17,00 hs	Afumisa	Israel Fernandes Rocha e Harry Carlos Wächter
Coronel Barros	8,00-12,00 hs	Mercado	Ehrhard Kuhn e Sênio Kirst
	13,30-17,00 hs		
Povoado Santana	8,00-10,00 hs	Centro Comunitário	João Makoski e Ramão Kopezinski
Linha 5 Leste	10,15-11,30 hs	Escola	Francisco Adão Kusiak e Nelson Piasecki
Linha 6 Leste	13,30-15,30 hs	Salão Comunitário	Helmuth Guth e Erno Antenor
		12 de Outubro	Prauchner
Linha 4 Leste	15,45-17,00 hs	Escola Pedro A. Cabral	Mário Darci Jacoboski e Dari Winkoski
Linha 7 Leste	8,00- 9,30 hs	Salão Paroquial	Enio Sadi Tiecher e Selvino Wender
Posto Florestal			
Linha 4 Leste	10,00-11,30 hs	Centro Comunitário	Alberto Andriollo e Alarico Darci Ceretta
Aula Ijuicense			
Alto da União	13,30-15,00 hs	Clube	Victório Alberto Muraro e Elmário Korb
Parador	15,30-17,00 hs	Centro Comunitário	Severino Lourenço Goi e João Rosanelli
Rincão da Ponte	8,00- 9,00 hs	Escola João Danis	Alber Noronha e João Carlos Noronha Martins
Araci Serves	9,30-11,30 hs	Centro Comunitário	Orlando Becker e Ary Amaro Golle
Rincão do Tigre	13,30-15,30 hs	Centro Comunitário	Reinaldo Dobler e Wilson Dobler
Rincão dos Góí	16,30-17,00 hs	Centro Comunitário	Silvino João Góí e Gilmar Roberto Didoné Goi
Arroio das Antas	8,00- 9,30 hs	Escola	Waldemar Kryczun e Arlei Herrmann
Rincão dos Fabrin	10,00-11,30 hs	Escola	Francisco Milani e Waldemar Kryczun
Linha Base Sul	13,30-15,00 hs	Escola	Olando J. Thomas e Valdir José Desordi
Barreiro	15,30-16,30 hs	Escola	Leocir Wadas e Antenor José Vione
Chorão	8,00-10,00 hs	Escola	Egídio Bin e Reny Soquetta
Linha 2 Norte	10,30-11,30 hs	Salão Comunitário	Valdemar Freitag e Armindo Seifert
Linha 6 Norte	13,30-15,00 hs	Pavilhão Comunitário	Armindo Schrelber e Edgar Willig
Esq. Irgang			
Linha 6 Norte	15,30-17,00 hs	Escola	Guilherme Commandeur e Arno Arlindo Beck
Piratini			
Mauá	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Armindo Reinoldo Decker e Hari Ivo Soschinke
	13,30-17,00 hs		
Linha 6 Norte	8,00-11,30 hs	Mercado Cotrijuf	Oswaldo Oster e Nelson Freitag
Tuiuti			
Linha 11 Norte	13,30-15,00 hs	Escola	Vidolino Bagetti e Zeno Lauro Heck
Linha 9 Norte	15,30-17,00 hs	Escola	Zeno Lauro Heck e Valdir Valdemar Mattner
Dr. Bozano	8,00-10,00 hs	Centro Comunitário	Élio Fachin e Antenor de Lima Batista
Saltinho	10,15-11,30 hs	Escola	Lourenço Francisconi e Nelson I. Casagrande
Rincão dos Meggiolaro	15,30-16,30 hs	Escola	Sadi Meggiolaro e Valdemar Meggiolaro
Linha 8 Leste	8,00- 9,30 hs	Salão Farroupilha	Airton da Rosa e Almir Bigolin
Farroupilha			
Linha 8 Leste	10,00-11,30 hs	Centro Comunitário	Luiz Carlos Buzanello e Augusto José Denes
Floresta			
Linha 11 Leste	13,30-15,00 hs	Escola	Cerilo Germano Kromberg e Cezar Augusto Copetti
Rincão dos Letos			
Linha 8 Leste	15,30-16,30 hs	Salão Kapke	Vanderlei Glitzenhirn e Naldir Ledermann
Esquina Kapke			
Santa Lúcia	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Valdir Costa Beber e Ledolno Massafra
	13,30-17,00 hs		
Salto	8,00-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Antônio S. Sobrinho e Romeu Ângelo de Jesus
	13,30-17,00 hs		
Rincão da Lage	8,00- 9,30 hs	Centro Comunitário	Luiz da Rosa e Frederico Casali
São Miguel	10,00-11,30 hs	Centro Comunitário	Leonildo Antônio Gabbi e Renato Cossetin
São Valentim	13,30-14,30 hs	Salão Comunitário	Avellino Stochero e Artur Sartori
Rincão dos Pinheiros	14,45-15,45 hs	Escola	Euclides Marino Gabbi e Jaime Gabbi
Vista Alegre	16,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Alfredo Dal Forno Sobrinho e Arquílio Gabbi
Cotrijuf/Sede	8,00-12,00 hs	Recepção	Eugênio Reinaldo Guewer, Jaime Wender e Valdir Zardin
	13,30-17,00 hs		

### DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Cotrijuf/Sede	8,00-12,00 hs	Recepção	Juarez Muraro e Mariano Sartori
	13,30-17,00 hs		
Boa Esperança	9,30-11,00 hs	Centro Comunitário	Silvestre Antonello Netto e Evaldir Moraski

## CHIAPETTA

### DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	14,30-18,00 hs	Escritório	Arnildo Beck, Lucas Sansonovicz, Abílio Rosa
Sind. Trab. Rurais	14,30-18,00 hs	Sede	Oromir Dietrich, Alfredo Blass e Valdir Mattione

### DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Unidade	Horário	Local	Mesários
Unidade	8,00-12,00 hs	Escritório	Arnildo Beck, Lucas Sansonovicz, Abílio Rosa
Sind. Trab. Rurais	8,00-12,00 hs	Sede	Oromir Dietrich, Alfredo Blass e Valdir Mattione
Vila Nova	8,00- 9,30 hs	Escola	Josenei Rigon, Protásio Lotterbach e Dari Schumacher
Rincão dos Stradas	9,40-12,00 hs	Escola	Josenei Rigon, Protásio Lotterbach e Dari Schumacher
Linha São José	13,30-16,00 hs	CTG	Josenei Rigon, Protásio Lotterbach e Dari Schumacher
Rincão da Laje	8,00-10,00 hs	Escola	Clauzinir Strada, José R. Oliveira e Dirceu Ottonelli
Linha Modesta	10,10-12,00 hs	Escola	Clauzinir Strada, José R. Oliveira e Dirceu Ottonelli

### DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Unidade	Horário	Local	Mesários
Unidade	8,00-12,00 hs	Escritório	Arnildo Becker, Abílio Rosa e Lucas Sansonovicz
	13,30-18,00 hs		
São Judas	8,00-10,30 hs	Clube	Elton Lohmann, Irineu Stopiglia e Hélio Weber
As Brancas	11,00-12,00 hs	Escola	Elton Lohmann, Irineu Stopiglia e Hélio Weber
São Luiz	8,30-11,00 hs	Escola	Josenei Rigon, Dirceu Ghem e R. Machado
Ponte do Buricá	8,00-10,30 hs	Escola	Clauzinir Strada, José R. Oliveira e Dirceu Ottonelli
Capão Bonito	10,40-12,00 hs	Escola	Clauzinir Strada, José R. Oliveira e Dirceu Ottonelli

## AJURICABA

### DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	13,30-17,45 hs	Escritório	Jânio Ottonelli, Lucídio Colato e Nelson Gelatti
Sind. Trab. Rurais	13,30-17,45 hs	Sede	Paulo Ottonelli, Clementino Sperotto e Osvaldo Dolvitsch
Linha 28	13,30-17,45 hs	Mercado Cotrijuf	Floriane Breitembach, Egon Gerke e Carlos Botura
Pinhal	13,30-17,45 hs	Mercado Cotrijuf	Vitalino Francisconi, Alzenir de Marchi e Luís Depieri
Formigueiro	13,30-17,45 hs	Mercado Cotrijuf	Fredolin Mülbeir, Hervin Matter e Valdir Rabecke

### DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Unidade	Horário	Local	Mesários
Unidade	7,30-12,00 hs	Escritório	Jânio Ottonelli, Lucídio Colato e Nelson Gelatti
Sind. Trab. Rurais	7,30-12,00 hs	Sede	Paulo Ottonelli, Clemente A. Sperotto e Osvaldo Dolvitsch
Linha 28	7,30-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Floriane Breitembach, Egon Gerke e Carlos Botura
	13,30-17,45 hs		
Pinhal	7,30-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Vitalino Francisconi, Alzenir de Marchi e Luís Depieri
	13,30-17,45 hs		
Formigueiro	7,30-12,00 hs	Mercado Cotrijuf	Fredolin Mülbeir, Hervin Matter e Valdir Rabecke
	13,30-17,45 hs		
Linha 13	7,30- 9,45 hs	Esc. B. L. Salle	Silvino Porazzi, Alberto Bortolini e Renato Pilau
Linha 14	10,00-11,30 hs	Esc. Mal. Rondon	Edgar Prauchner, Ervino Möbs e Renato Pilau

### DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Unidade	Horário	Local	Mesários
Linha 15	7,30-12,00 hs	Clube Carovi	Beno Born, Elemar Perozato, Alarico Schek e Renato Pilau
Linha 29	7,30-12,00 hs	Salão Comunitário	Máximo Breitembach, Hilário Dalabrida e Francisco Gonçalo
Linha 27	7,30-12,00 hs	Esc. Souza Doca	Nelson Guerin, Francisco E. Dallabrida e Odenir dos Santos
Linha 26	7,30-12,00 hs	Salão Comunitário	Edgar Fraier e Gelson Luís Corassa
Linha 15 - Tuiuti	7,30- 9,30 hs	Resid. Frederico Ketzer	Arnaldo Schmeling, Leonildo L. Heck e Francisco Traesel
Linha 18-Formigueiro	9,35-12,00 hs	Capela	Nicola Foguesatto, Vilmar Marquês e Francisco Traesel
Linha 23	7,30-12,00 hs	Salão Comunitário	Alacir Brigo, Jorge Sito, Juarez Torquetti
Linha 24	7,30- 9,30 hs	Capela	Atílio Zan, João Nunes Cavalheiro e Erno Ruppel
Madeireira	7,30- 9,30 hs	Escola Lorival E. Souza	Dair Fischer, Augusto Dambros Filho e Eliseu Pomatti
Planhada	9,45-12,00 hs	Salão Comunitário	Dair Fischer, Alcides Bandeira e Eliseu Pomatti
Esquina Umbu	7,30- 9,30 hs	Escola Silveira Cunha	Celso Dallabrida, José dos S. Ávila e Valdir Juswiak
Linha 30	9,45-12,00 s	Esc. Luis Camões	Miguel Sapiezinski, Valdir Monschmid e Valdir Juswiak
Linha Seca	9,35-12,00 hs	Escola	Nelson Pomarenke, Miguel Sapiezinski e Eno Ruppel
Timbozal	7,30- 9,00 hs	Clube Ouro Verde	Breno Antunes dos Santos, Diomar Mafalda e Elvino Luís Bandeira
Barro Preto	9,35-12,00 hs	Ambulatório	Valfrides Alves de Souza, Leonides Dallabrida e Elvino Luís Bandeira

FAIXAS DE PRODUTIVIDADE (Kg/ha)	VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC)		LIBERAÇÕES		
	DE	ATÉ	1ª PARCELA BTN/HA A PARTIR DE	2ª PARCELA BTN/HA A PARTIR DE	3ª PARCELA BTN/HA A PARTIR DE
(1)	—	1.000	65,80	13,12	6,55
1.001	1.400	93,07	65,15	18,61	2,31
1.401	1.800	119,27	83,49	23,85	11,93
acima de	1.800	143,24	100,27	28,09	14,37
(2)	—	1.200	80,55	8,06	8,05
1.201	1.600	99,37	79,50	9,94	9,93
acima de	1.600	114,73	91,78	11,47	11,48
(3)	—	1.200	102,55	20,51	10,25
1.201	1.600	125,10	87,63	25,04	12,51
1.601	2.000	170,02	119,01	34,00	17,01
acima de	2.000	191,48	134,04	38,30	19,14
Nível de referência	Produtividade de referência				
SEQUEIRO					
1	1.100	126,57	88,60	25,31	12,66
2	1.620	214,17	117,79	74,96	21,42
3	1.100	126,57	88,60	25,31	12,66
4	1.670	214,17	117,79	74,96	21,42
5	1.100	113,90	79,73	22,78	11,39
6	1.620	192,79	106,03	67,48	19,28
7	1.100	134,16	88,60	30,37	15,19
8	1.620	233,44	117,79	89,95	25,70
9	3.000	348,10	175,69	134,16	38,33

## Poucos financiamentos

As torneiras para a agricultura continuam fechadas, reclamam as lideranças do setor primário. O governo recebe as críticas dizendo que Cr\$ 45 bilhões para o plantio da lavoura de inverno são mais do que suficientes. Em qualquer caso, como plantar é preciso, o produtor já começa a esverdear os campos. Os prejuízos, numa área que segundo estimativas feitas pela Emater pode ficar nos mesmos patamares da cultivada em

Na Região Pioneira, área de atuação da Cotrijuí, tirando Tenente Dourados, onde o trigo é plantado mais cedo, recém agora os produtores começaram a traçar os destinos da próxima safra de inverno. Quem vai plantar com recursos próprios, anda contando com o dinheiro. Quem vai pegar financiamento, sabe que vai ter recursos, mas está assustado com a nova política econômica do novo governo. Por enquanto, os minis e pequenos produtores não pegaram dinheiro do banco para custeio da lavoura de inverno, vão pagar de custo financeiro a variação da taxa de juros e mais 12 por cento de juro ao banco. Já os médios e grandes produtores, também, seu financiamento correto pela BTNf mais 28,7 por cento

**EXPECTATIVA** — O Banco do Brasil, agência de Ijuí, já havia contratado, até o dia 10 de maio, via recurso pela Credipel, o financiamento para 6.500 hectares de trigo, 1.500 hectares de aveia e 500 hectares de centeio. Na agência, já encaminhados e aprovados, o gerente Nereu Paulo Patussi contabilizava mais 2.500 hectares financiados para médios e grandes produtores e dava quase certo o plantio de mais 2.800 hectares "com propostas em estudo". Mas a expectativa do gerente do Banco do Brasil de Ijuí é de que a área a ser financiada com o trigo aumente em mais 30 por cento. Apesar de considerar a procura por financiamento "razoável", Patussi continua insistindo numa maior demanda, já que a colheita de soja está encerrada, "deixando o produtor livre para programar a sua planta de trigo".

**FORA** — A Cotrijuí ficou de fora do financiamento nesta safra de inverno, que está sendo feito pelas cooperativas de produtores de sua área de atuação e também está financiando a lavoura, a exemplo do que fez com a soja e o milho na safra anterior. "Como a comercialização do trigo é estatal, explica o gerente Financeiro e Administrativo da Cotrijuí na Pioneira, é difícil de repetir a operação, porque exige um grande volume de recursos." Mesmo não financiando o produtor, a Cotrijuí está colocando à disposição do seu quadro social 20 mil

sacos de sementes de trigo que podem ser adquiridas através do sistema troca de sementes — 50 quilos — por produto indústria — 100 quilos.

## Redução de 50% na área

### O Mato Grosso do Sul perde metade da lavoura de trigo

O prazo recomendado pela pesquisa para o plantio do trigo no Mato Grosso do Sul terminou no dia 30 de abril e as previsões feitas anteriormente se confirmaram, indicando uma grande redução de área plantada este ano. Praticamente em todos os municípios houve diminuição e o Estado plantou aproximadamente a metade da área cultivada em 89, que totalizou 312 mil hectares.

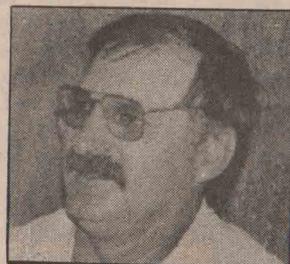
Este ano, além do crônico problema de liberação dos recursos oficiais em tempo hábil, outros fatores contribuíram para que o agricultor optasse pelo não plantio. Vindos de uma safra de verão bastante ruim, muitos produtores simplesmente não tiveram recursos próprios para investir numa lavoura de alto risco como é a do trigo.

Por todas estas questões é que muita gente deixou de plantar trigo no Estado e em alguns lugares como Rio Brilhante, a redução chega a atingir 60 por cento. Em 89, conta o agrônomo Paulo Tolentino, coordenador do Deteco da Unidade, o município cultivou mais de 30 mil hectares, mas nesta safra a área não deve passar de 12 mil hectares. Classificados como médios produtores, e exatamente por isso com acesso mais restrito ao crédito rural, os produtores locais não quiseram apostar na cultura e mesmo se houvesse dinheiro disponível para o custeio, calcula o agrônomo, muitos não iriam plantar. Tolentino ressalta que somente plantou trigo, aquele produtor que obteve algum resultado com a soja.

Em Dourados, que juntamente com os municípios vizinhos, responde pela maior parte da produção triticultora do MS, a redução é calculada pelos técnicos na ordem de 40 por cento, com uma área em torno de 42 mil hectares. Composta em grande parte por pequenos e médios produtores, a região apresenta os melhores solos para cultivo e em safras normais a produtividade do trigo chega a 1.500 sacas por hectare. Mesmo assim, muitos produtores não



Agenor Silva



Gervásio Frantz



Job Diniz Viçeli

quiseram se arriscar e este é o caso de Gervásio Frantz, associado da Cooperativa em Dourados, que em anos anteriores plantava de 200 a 250 hectares de trigo. Nesta safra ele não plantou nada do cereal, optando apenas pela aveia para proteger o solo.

Frantz explica que tomou esta decisão porque a política agrícola ainda está muito indefinida e o custo da lavoura muito alto. Além disso, salienta o produtor, nos últimos anos têm sistematicamente ocorrido doenças na lavoura e o tratamento para combatê-las é extremamente caro.

Já o associado Agenor Ferreira da Silva, também de Dourados, não teve receio de plantar trigo porque tem certeza de que o Governo vai comprar a produção deste ano. Proprietário de 37 hectares, normalmente ele cultiva 26 hectares de soja no verão e nesta safra plantou 6 de feijão, 12 hectares de trigo e pretende ocupar 7 hectares com milho. Agenor afirma que o importante é produzir e acha que está bom se pelo menos der para empatar o dinheiro aplicado na lavoura.

Em Maracaju, outro município tradicional na cultura do trigo, a redução de área plantada também vai ser significativa, e somente plantou quem estava mais capacitado. No ano passado foram cultivados 40 mil hectares e a estimativa desta safra fica ao redor dos 20/25 mil hectares. Local onde predominam os médios e grandes produtores, Maracaju está à frente de outros municípios no que diz respeito à conservação do solo e por isso a maioria dos agricultores que não planta trigo, optou pela aveia como forma de preservar a terra.

É o caso do associado Ro-

berto de Oliveira, proprietário de 1.500 hectares de lavoura. Nesta safra ele plantou apenas 100 hectares de trigo e o restante será ocupado com aveia.

O associado Job Diniz Viçeli, também de Maracaju, é outro que não plantou trigo e justifica sua decisão com argumentos irrefutáveis. Em outros anos ele plantava aproximadamente 200 hectares de trigo mas desistiu de fazê-lo este ano por causa do atraso da liberação dos recursos, porque não tinha condições de fazer a lavoura com recursos próprios e porque o custo da mesma é muito alto e de grande risco.

Viçeli reclama ainda do preço dos insumos que estão muito caros, citando o adubo que custa aproximadamente 16 mil cruzeiros a tonelada, e o óleo diesel a 18 cruzeiros o litro. Com estes custos altos acaba se tomando bastante pequena a margem de lucro para o agricultor e muitas vezes não compensa investir na atividade, conclui o associado.

No município de Sidrolândia, a situação também não muda muito das demais regiões e conforme informações do coordenador do Deteco, Oswaldo Plein, a redução das lavouras de trigo deverá ser superior a 60 por cento. Em 89 foram plantados 31 mil hectares com o cereal, mas nesta safra o agrônomo calcula que o total não ultrapasse em muito os 10 mil hectares.

A maioria dos associados da Cotrijuí em Sidrolândia, continua, não plantou nada de trigo e isso se deve basicamente ao atraso na liberação de recursos e sem financiamento do banco, nem mesmo aqueles produtores que estão mais capitalizados quiseram se aventurar a plantar a safra de inverno, conclui o agrônomo.

## CTRIN O castigo da competência

A reformulação prometida pelo governo na área do trigo, com a extinção do Ctrin, já vinha sendo aguardada pelo próprio Departamento, segundo o seu diretor desde 1981, Nilo Fensterseifer. Mas ele adverte que o governo poderá se dar mal com a medida. O trabalho desenvolvido pelos órgãos, ao longo de seus 28 anos de atuação, além de haver moralizado a compra do trigo, é de extrema complexidade.

O Ctrin, ao contrário do que técnicos de gabinete poderão imaginar, não é apenas um simples comprador do cereal. É também — e aí vem o mais difícil — estimulador de plantio, modelo de comportamento ético, armazenador, organizador de transportes e disciplinador de estoques em todo o Brasil. Ele atua não somente com relação ao trigo nacional, mas também para o produto importado. São realmente, bem diversificadas e complexas as atividades que o órgão desempenha. Nilo Fensterseifer acha que, exatamente pela complexidade dessas atividades, o governo manterá o Ctrin até o final deste ano, ao menos até que o novo órgão encarregado possa assumir o serviço sem prejuízo para os produtores e demais segmentos envolvidos na triticultura.

**COMPETÊNCIA** — O diretor presidente do Grupo Cotrijuí, Oswaldo Meotti, vê a extinção do Ctrin, "o único órgão que funcionava bem neste país", com certa apreensão. Ao criticar a decisão, diz que o governo nada mais fez do que castigar a competência. Se tenho alguém eficiente na minha empresa com uma pequena capacidade ociosa, tenho de procurar dar mais atribuições a essa competência. Não é extinguindo essa competência que vou resolver o problema", analisa Meotti para quem o Ctrin, além de comprar e vender trigo, era também responsável pela parte administrativa da estocagem, escoamento e fomento do trigo há quase 30 anos. E, nesse meio tempo, nunca se ouviu falar que o Ctrin tenha perdido um quilo de trigo," diz ainda defendendo a manutenção do órgão.

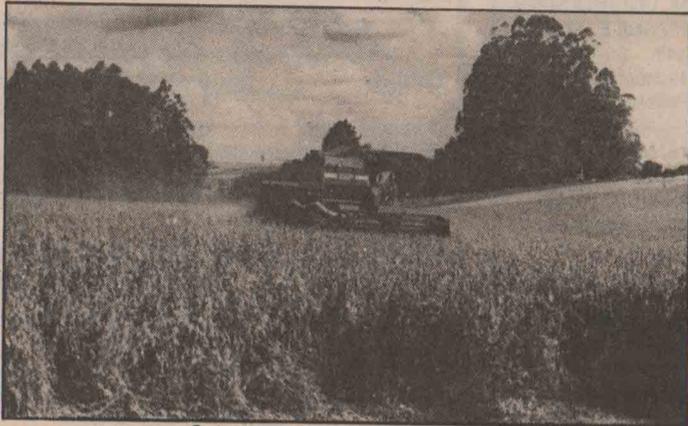
# O descompasso financeiro

Preço da soja anda em patamares considerados normais no mercado mundial, a produtividade é regular, mas produtor continua arcando com um custo engolido pelo Plano Brasil Novo

Chuvvas atrapalhando a colheita, mercado indefinido e juros cheios são alguns dos fatores que atrasaram a comercialização da soja este ano. Comparada a anos anteriores (com exceção do ano passado, quando a defasagem cambial levou os produtores às ruas), a safra de 90, que atingiu até agora na região Pioneira da Cotrijuí 637 mil e 830 toneladas, tem até o momento, apenas cerca de 20 por cento liquidado pelo produtor. Em outros anos, como 87, por exemplo, já havia sido vendido cerca de 41 por cento, no período.

A falta de preço que chegou a paralisar as vendas durante o início de abril, juntou-se a manutenção da política de financiamento do governo referentes aos custeios, fazendo com que o produtor pagasse suas dívidas de cruzados com cruzeiros. A partir de 20 de abril, o preço da soja reagiu, as vendas foram retomadas, mas o produtor, que vem retirando uma média de 1900 quilos por hectare, continua com um pé atrás. Isso porque, embora o governo já fale em parcelamento e conversão das dívidas, os altos juros praticados sobre os contratos de custeio permanecem, e não são quantificados na inflação oficial do governo.

**DISPARIDADES** — Esta contradição do Plano Collor é salientada pelo presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, ao lembrar os índices do merca-



Soja: juros de março sufocam valorização do produto

do mundial da soja. "Ele não é excepcional, mas está bem acima daquele índice pessimista de 5,80 dólares o 'bushel' que vivemos no ano passado e no início deste ano", explica Meotti considerando ainda "o congelamento do câmbio como uma medida normal dentro do Plano Brasil Novo". O que é absolutamente inaceitável pelo produtor e suas cooperativas "é achar 84,3 por cento de IPC onerando os contratos de custeios".

Continuando esta anomalia, o produtor estará literalmente quebrado, avalia o presidente da Cotrijuí, afirmando ainda que nem mesmo aquele produtor que conseguiu colher 40 sacos por hectare terá condições de pagar

o banco. "Não há produtividade, por maior que seja, que possa acompanhar estes custos", frisa Meotti.

Somando ainda a esta questão dos juros, a ausência de um deflator sobre as dívidas em cruzados e que devem ser pagas em cruzeiros, o presidente da Cotrijuí, chama atenção para o descumprimento da medida 168, que estabelece o leilão de cruzados retidos pelo governo. "Enquanto isso os cruzados permanecem inflacionados pelo IPC de março e o produto agrícola congelado na outra ponta".

"Não podemos arrebancar gado com porteira aberta", resume Meotti, ao reclamar de uma maior austeridade



Oswaldo Meotti

do governo no que diz respeito aos atos públicos, a fim de evitar uma inadimplência por parte do setor agrícola. "Uma saída", diz ele, é de que os custos de março refletissem os valores da BTN e não do IPC e que, por outro lado, o governo abrisse logo o leilão de cruzados para que o produtor e as cooperativas pudessem pagar suas dívidas. "Sem que isso aconteça, não há produtor de norte a sul que consiga pagar os seus financiamentos", destaca Meotti.

**PEQUENA QUEBRA** — Embora a média final das lavouras pertencentes à área de atuação da Cotrijuí possam ficar um pouco acima de 1900 quilos, o volume destacado responde àquela parte que comumente tem recebido um tratamento adequado do solo. O detalhe é lembrado pelo diretor agrotécnico da Cotrijuí, Leo que afirma estar ainda a maioria das lavouras, com uma produtividade abaixo das necessidades de viabilização econômica da propriedade.

O engenheiro agrônomo registra ainda que, apesar do clima ter sido favorável em todo o período de desenvolvimento da cultura, as chuvas que ocorreram na época da colheita, muitas vezes com índices acima da média, trouxeram uma quebra de 10 por cento em determinadas variedades, prejudicando não só o aspecto quantitativo, mas qualitativo do grão.

Mais do que as chuvas inesperadas que suspenderam a colheita da soja por várias vezes no mês de abril, o que tem gerado indignação por parte do produtor é o descompasso entre a política econômica do governo e o custo financeiro da safra, que atingida em cheio pelo Plano Brasil Novo, trouxe pelo menos dois desconfortos para o sojicultor: a falta de dinheiro para pagar dívidas contratadas em cruzados novos e a permanência de um "juro cheio" sobre estas mesmas dívidas. Para complicar, nem mesmo o preço da soja, hoje considerado em um patamar normal do mercado, ajuda a valorizar um dinheiro que entra com colheita. Com as dívidas sendo empurradas para frente, o que o produtor quer é um deflator sobre as suas contas. "Seria mais justo", dizem eles.

Esse é o caso do seu Deoclides Eloy, proprietário de 28 hectares em São Sebastião, Tenente Portela, onde ainda arrenda mais quatro hectares. Ele plantou 23 hectares de soja, financiados pelo Banco do Brasil em 28 de dezembro do ano passado. Na época, conta o produtor, devia pelo contrato 22 mil cruzados, os quais foram acrescidos de mais sete mil cruzados por ocasião da colheita. Hoje essa mesma dívida, que naquele período equivalia a 250 sacos de soja, já anda ao redor de 110 mil cruzeiros.

Para agravar a situação, o produtor que contava com "um dinheiro aplicado ao redor de 150 mil cruzados", teve parte dele bloqueado. Esse dinheiro era resultante do trigo e seu Deoclides pensava em usá-lo para pagar a prestação de uma máquina adquirida no ano passado, e também financiada pelo banco. Os planos, no entanto, foram por água abaixo, já que o produtor somente pode usar o dinheiro bloqueado para pagar parte do custeio.

## Produtor reclama do juro cheio



Irani A. Gonzatto

Para saldar o restante das suas dívidas, seu Deoclides está pensando em usar o dinheiro da soja, que além de ser pouco, deve servir ainda para bancar a safra de trigo. "Não quero financiar porque o banco é muito exigente", diz o produtor lamentando, porém, que plantar por conta é um negócio arriscado devido aos custos da lavoura de trigo.

**ESPERANDO UMA TABLITA** — "Estou esperando que o governo dê alguma coisa parecida com a tablita", reclama um outro produtor, seu Irani Antonio Gonzatto, proprietário de 140 hectares, em Santo Augusto, onde arrenda mais 50 hectares. Desgostoso com o preço da soja — acha que ele devia andar por volta dos setecentos cruzeiros a saca —, o produtor diz que o dinheiro vai ficar curto para pagar tudo o que deve. Os 160 hectares de soja



Alvaro Rotilli

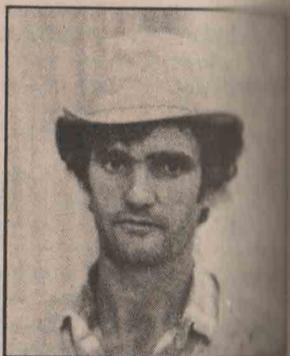


Neri Selle

que financiou lhe valerem uma dívida inicial de 110 mil cruzeiros, os quais se transformaram hoje, em 350 mil cruzeiros. Para quitar este débito e mais outros feitos pela compra de um trator e de um pedaço de terra, ele conta atualmente com a metade de 100 mil que estavam aplicados.

Com a mesma expectativa de ver o governo dar uma solução para essa situação "de dever em cruzados novos e pagar em cruzeiros", está o seu Neri João Selle, de Dois Marcos, Tenente Portela, proprietário de 17 hectares e arrendatário de mais sete hectares. A maioria da lavoura de soja foi feita pelo repasse da Cotrijuí e uma pequena parte — seis hectares —, financiado pelo valor de oito mil cruzados novos, e que atualmente, se transformaram em algo em torno de 30 mil cruzeiros. Uma quantidade razoável para quem conseguiu colher 28 sacos por hectare e tem em dívidas uma oficina, casa e terreno, para as quais deve destinar agora pelo menos 250 sacos de soja.

Deoclides Eloy



**DESCONFIANÇA** — "Acho que vamos perder", exclama Alvaro Rotilli, proprietário de 204 hectares, na fazenda São João, Santo Augusto, ao lembrar, como seu João Selle, a incômoda obrigação de pagar cruzados com cruzeiros. Com 180 hectares de soja, dos quais 100 foram financiados, o produtor diz que até nem procura saber o quanto deve ainda por recelo de resposta. Tem certeza, no entanto, que não vai dar para pagar as contas, que incluem além do custeio, prestações de uma automotriz, comprada em 88, e de um trator adquirido no ano passado.

Frustrado com a ausência de uma máxima valorização aventada no início do ano, o produtor destaca ainda que o pior da situação é o juro de 84 por cento incidindo sobre os contratos de março em relação ao preço da soja, avalia Rotilli, um sojicultor sem cruzados bloqueados e que seguiu ao máximo a venda da soja, esperando um preço melhor. Algo assim como o preço de dois anos atrás, quando uma colônia de terra poderia ser paga com dois mil sacos de soja. Hoje, esta quantidade, segundo Rotilli, não compra nem 10 hectares. "O produto precisa ser mais valorizado", afirma o produtor que neste ano deixou de plantar 12 hectares da área de soja, para ocupar com pastagens.

**FRETE**

# Custo impede exportação

O mês de abril, época em que deveria ter ocorrido o escoamento do fluxo de produtos do interior do Estado para o porto de Rio Grande, sofreu uma redução de até 50% no interesse dos exportadores. Tal fato preocupa o representante do Conselho Estadual dos Usuários (CEU) do Rio Grande, Clóvis Azevedo de Souza Lima. Também gerente geral do Terminal Graneleiro da Cotrijuí, Bolívar de Souza Lima, afirma que os embarques ficarão acumulados até os previstos para maio.

O representante dos usuários avalia que o alto custo do frete rodoviário é um dos fatores que tem impedido o escoamento da safra de soja de Ijuí a Rio Grande, elevando-a ao patamar dos 23 dólares por tonelada, ficando bem acima até mesmo do custo da navegação de longo curso. Do porto de Rio Grande para o de Roterdã, na Holanda, que concentra o maior movimento de grãos líquidos e líquidos exportados para os portos brasileiros, por exemplo, o frete tem ficado na faixa dos 18 dólares.

Quanto à construção do escoamento rodoviário em Cachoeira do Sul, pelo qual o Estado pretende implementar o escoamento da safra por hidrovias, reduzido em até 50 por cento em seus custos com o frete rodoviário, Bolívar Lima acha que a preocupação importante, que deveria ser melhor estudada em sua viabilidade.

"Quanto por cento da produção gaúcha passa por Cachoeira do Sul, para justificar o investimento de 7,5 milhões de dólares previstos para a obra?", questiona, lembrando que o porto rio-grandense está preparado para a operação com chatas. Por este motivo, o transbordo foi excluído para essa safra, já que o congestionamento de chatas atrapalha a operação, prejudicando a cadência dos embarques do produto de terra. O re-

presentante dos usuários alega que o Conselho deveria ser melhor ouvido, justamente porque é um fórum de discussão das prioridades no contexto da exportação de longo curso.

**FRETES ALTOS** — O Plano Collor tem sido apontado como um dos motivos do atraso no escoamento da safra pelo porto local. Para o administrador do porto de Rio Grande, engenheiro Renato Pereira, as dúvidas quanto ao câmbio incitou uma retração dos exportadores em seus negócios. "A elevação dos fretes também sustou o escoamento da soja paraguaia", informou o administrador, acreditando que a volta da realidade cambial deverá normalizar a situação.

Mas os compromissos com a exportação que são definidos antecipadamente com base em anos anteriores, sofreram principalmente com o atraso da colheita dessa safra de soja. O gerente de comercialização da Cotrijuí, Ênio Weber, lembra que em março do ano passado, já haviam sido colhidas de 30 a 40 mil toneladas de soja. Neste ano, no mesmo período, apenas ao redor das dez mil toneladas haviam saído das lavouras. "A pressão do exportador deve elevar bem mais o frete rodoviário que até o início da safra encontrava estável ao nível dos 18 a 20 dólares", diz Weber.

A situação piora, conforme analisou Bolívar Lima, do CEU, na medida que "o exportador não pode contar com o transporte ferroviário, devido à ineficiência da rede". Dos 2.400 vagões disponíveis pela regional gaúcha da rede, o representante dos usuários acredita que não mais que 1.500 podem ser usados para o escoamento da soja-exportação.

Responsável pela Coordenadoria Executiva de Operações de Transporte

(CEOT/RS), órgão ligado ao Ministério de Infra-Estrutura. Clóvis Azevedo de Souza Lima também aponta o sucateamento das regionais da rede. Segundo informou, o transporte ferroviário para Rio Grande foi limitado em 22.500 toneladas em sua programação semanal, sendo que a demanda é de 35 mil toneladas. Como se não bastasse, devido aos seus problemas administrativo-financeiros, a Rede Ferroviária tirou de sua tabela de fretes os descontos que eram dados a altos volumes. A partir de 2 de maio, em Ijuí, o frete ferroviário já custava 24,6 dólares por tonelada.

Por enquanto, a oferta de caminhões tem sido menor que a demanda, já que os caminhoneiros têm preferido os pequenos trajetos para minimizar os seus custos operacionais. As péssimas condições das estradas que causam uma série de danos nas peças dos veículos, como explicou Cló-



O Terminal Graneleiro da Cotrijuí, em Rio Grande: embarques de produto para o exterior estão se acumulando

vis Souza, levam os motoristas a aguardarem o aparecimento de carga retorno. O escoamento de fertilizantes de Rio Grande para as zonas produtoras deve começar a partir de maio.

**PROBLEMAS AO PORTO** — O coordenador do CEOT/RS cita ainda o baixo preço da soja, em torno de Cr\$ 500/saca, fazendo o agricultor segurar sua produção até melhores preços e avalia que um maior fluxo no escoamento pelo porto de Rio Grande deverá ocorrer só após o dia 20 de maio. Segundo ele, normalmente por essa época, cerca de 35 dos exportadores mais freqüentes estariam fazendo o escoamento da soja-grão. No entanto, apenas 12 deles estão vendendo atualmente.

O Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais (DEPRC) programou o escoamento dessa safra em uma perspectiva de quatro meses, mas o atraso na cadência da exportação pode estreitar esse período em três meses, deixando os terminais graneleiros cheios e provocando um congestionamento da operação.

Diante desse quadro, seria muito adverso ainda se ocorresse um período de chuvas durante o escoamento, situação que prejudicaria o desembarque fluvial (chatas) e o embarque marítimo, ocasionando filas de espera de vagões e caminhões.

Se isso ocorrer, os usuários do porto sofrerão muitos problemas, considerando-se que o custo de um vagão é de 25 dólares/dia e o do caminhão graneleiro de 80 dólares diários. Os condutores autônomos, por sua vez, como já ocorreu em Rio Grande, deverão pressionar, fazendo solicitações de diárias.

# A sua Cooperativa tem TILT

Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 030583-88  
\* Marca registrada da Ciba-Geigy, Basileia, Suíça.

0060290



**COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.**

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Endereço: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342  
- 5º andar - Fone 33-50-32

# Programa de prevenção

Dar consistência ao trabalho iniciado há pouco mais de um ano atrás pelos Agentes de Saúde na área de prevenção. Este é o ponto chave do Programa de Prevenção do Câncer Ginecológico em andamento no município de Jóia desde o início deste ano e que pretende atingir as mulheres de todas as camadas sociais. O Programa, que na verdade integra um Projeto da Secretaria Estadual da Saúde, conta, no município de Jóia com o apoio da Cotrijuf, Prefeitura Municipal, via Secretaria de Saúde e Associação Hospitalar Santa Líbera. Esse programa vem complementar o trabalho que já vinha sendo realizado através dos Agentes de Saúde, explicou Dione Carla Protti, enfermeira-chefe do Hospital Santa Líbera, referindo-se ao Programa de Saúde Comunitária desenvolvido em comunidades rurais e vilas.

A participação da Secretaria Estadual vem acontecendo através do fornecimento de materiais necessários para a realização dos exames laboratoriais feitos na própria Unidade Sanitária de Jóia — Posto de Saúde — e treinamento dos profissionais que estão atuando no Programa. A contribuição

da Cotrijuf vem acontecendo via repasse de parte da verba do Funrural destinada a Saúde Comunitária, enquanto o Hospital Santa Líbera colabora com a cedência da enfermeira Dione Carla Protti e da médica Andréia Serafini. A Secretaria Municipal de Saúde está encarregada da estruturação do Programa.

**NECESSIDADES** — A idéia do Programa de Prevenção do Câncer Ginecológico nasceu a partir da constatação de que na campanha, em razão das distâncias, tudo fica mais difícil, inclusive o acesso à saúde. Um avanço no sentido de melhorar a qualidade de vida do homem rural e mesmo urbano, aconteceu através do trabalho dos Agentes de Saúde que, através de palestras e orientações, procuravam alertar as comunidades em relação a prevenção da doença. Mas agora as próprias comunidades estão sentindo a necessidade de alguma coisa mais "prática", admite Dione, reconhecendo a importância do trabalho dos Agentes de Saúde. A realização de exames ginecológicos, a nível de laboratórios, viria suprir essa necessidade, não apenas no meio rural, mas também na cidade.

Esse programa está sendo importante porque, principalmente no meio rural, as mulheres têm pouca ou quase nenhuma informação em relação ao câncer do colo uterino, por exemplo, um problema fácil de ser prevenido, destaca Andréia Serafini, médica engajada no programa e para quem, estes exames deveriam ser de rotina. "principalmente em mulheres com mais de 20 anos". Para a médica, além do constrangimento natural da mulher rural, a maioria não realiza este tipo de exame em função do custo, "bastante elevado".

**INCENTIVAR** — O trabalho dos Agentes de Saúde é fundamental para o sucesso do Programa de Prevenção do Câncer Ginecológico na medida em que está intermediando os contatos entre a equipe de profissionais responsável pela realização dos exames e as comunidades. Não estamos fazendo nenhuma campanha, procura deixar claro a Dione. O que queremos é desenvolver um trabalho permanente de acompanhamento nesta área, procurando atingir a maioria das mulheres do município, assegura ainda, entendendo que de nada adianta fazer exames preventivos, atra-

No município de Jóia, Cotrijuf, Prefeitura Municipal e Hospital Santa Líbera saem a campo numa campanha para prevenir o câncer ginecológico

vés de campanhas, que depois não ter continuidade. O nosso programa tem a continuidade e não está dependendo apenas a população carente do município, pois o problema não está resolvido apenas nesta camada social da comunidade como um todo não está pensando cuidar da sua saúde.

Assim como o Programa vai além de uma "campanha", os exames detectados, via realização de exames laboratoriais, também não estão ficando apenas na constatação. Todas as mulheres que apresentarem problemas receberão um acompanhamento adequado, envolvendo, inclusive tratamento médico específico e a realização, se for o caso, de novos exames esclarece a enfermeira, deixando claro que o programa é bem mais amplo do que a simples prevenção de doenças. O grande objetivo é melhorar a qualidade de vida, via saúde, das mulheres do município de Jóia, resume.

## HOSPITAL SANTA LÍBERA

# Ampliação concluída

Está concluída a ampliação do Hospital Santa Líbera de Jóia. A inauguração aconteceu no dia 16 de maio como parte das festividades referentes ao oitavo ano de emancipação política do município. A ampliação, iniciada há cerca de quatro anos, consta de um bloco em anexo ao antigo prédio para abrigar as novas salas de cirurgia, de parto, de esterilização, de recuperação, e de pré-parto, lavanderia e almoxarifado.

A ampliação do Hospital Santa Líbera só foi possível graças a um esforço entre a comunidade de Jóia e órgãos públicos. As participações foram desde o repasse de recursos, de materiais até a cedência da mão-de-obra necessária para a construção do prédio novo. A comunidade, de uma forma em geral, deu a sua contribuição organizando a "campanha da soja" que arrecadou, além de recursos, produtos de toda a ordem que foram comercializados em benefício da Associação Protetora Hospitalar Santa Líbera. O trabalho do Conselho de Desenvolvimento Comunitário, por exemplo, foi fundamental para que as obras do novo pavilhão fossem concluídas. Ainda no ano passado, fruto de um convênio assinado através do Condec, o hospital recebeu da Fundação do Banco do Brasil, recursos na ordem de Cr\$ 42.800,00 para serem aplicados na conclusão do hospital. O Condec está presente desde o início da idéia de ampliação do hospital, lembra Orlando Carvalho Pinto, presidente do Conselho.

**REFORMAS** — Concluída a ampliação física do Hospital Santa Líbera, a comunidade já começa a se articular para empreender uma nova caminhada, em direção de uma reforma geral do prédio antigo. Pretendemos aumentar o número de leitos através da transferência da sala cirúrgica para o novo bloco, fazer restaurações internas, novas pinturas, construir novos banheiros e mudar parte da cobertura, diz

Dione Carla Protti, enfermeira-chefe do Hospital.



A ampliação física do hospital

vai permitir que o quadro de atendimento seja ampliado "buscando não apenas números, mas também melhorar a qualidade dos nossos serviços", destaca a Dione. Para o presidente do Condec, o hospital está em condições de melhor atender a comunidade. A ampliação foi feita dentro dos padrões

O corpo clínico está formado pelos ... médicos Ilson R. Pizutti, Ilonir e Andréia Serafini



O prédio antigo do Hospital Santa Líbera, acima. Na foto ao lado, o novo bloco.

técnicos de saúde. É a qualidade da saúde no município de Jóia que está avançando, "diz ainda Orlando Pinto certo de que, daqui para frente, o hospital tem, inclusive, condições de au-

mentar o número de profissionais que integram o corpo clínico. A comunidade em termos de especialização é muito grande", reforça.

## HOSPITAL SÃO FRANCISCO

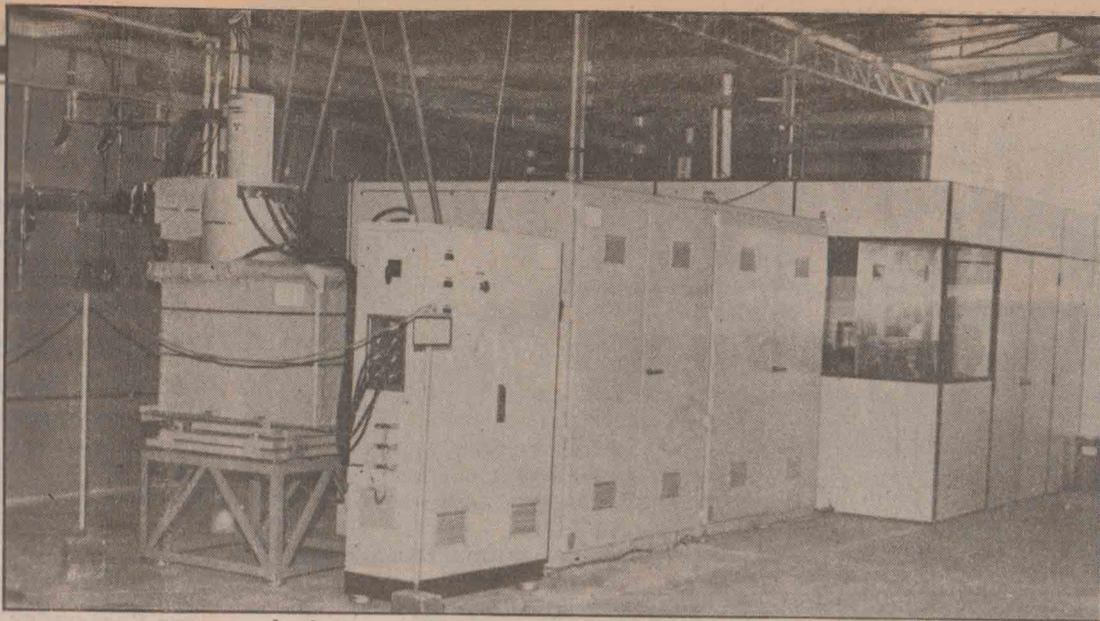
# Campanha de arrecadação

Uma campanha para arrecadar doações para a reforma do Hospital São Francisco vem movimentando a comunidade de Augusto Pestana. A campanha, lançada em jantar realizado na sede da Afucotri, no dia 30 de abril contou com a participação do Conselho de Desenvolvimento Comunitário do Município, da Prefeitura Municipal, da Associação Comercial e Industrial, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da Cims, da Cotrijuf e da Câmara de Vereadores. A campanha, que já toma conta do município, consta de arrecadação de soja ou de outros donativos que serão administrados pelo Condec e transformados em recursos para serem aplicados no hospital.

A situação do Hospital São Francisco foi apresentada pelo médico Sidney Dambrós através de um vídeo evidenciando as necessidades imediatas, principalmente no que se refere as reformas que precisam ser feitas na rede elétrica "ainda do tempo em que os fios eram encapados com tecidos", da rede hidráulica, ambulatório, reformas nos banheiros e lavanderia. A preocupação maior da comunidade — cerca de 200 pessoas compareceram ao ato de lançamento

da campanha —, estava voltada para a situação do hospital como Associação. Dambrós esclareceu as dúvidas e falou dos problemas que o hospital tem enfrentado com acertos de funcionários que não optaram pelo Fundo de Garantia do hospital é da comunidade, deixou claro, desfazendo algumas dúvidas em relação a questões judiciais que vinham sendo mantidas com um dos médicos.

O hospital, mesmo que seja aos trancos e barrancos vem conseguindo se manter, disse Luís Carlos Mallmann presidente do Condec. O que ele está precisando é de recursos para serem aplicados na melhoria da sua infra-estrutura. Romeu Rhode, gerente da Unidade da Cotrijuf em Augusto Pestana disse que a comunidade precisa considerar dois aspectos: um que é buscar novos sócios e outro que é o desenvolvimento de recursos para a reforma do hospital. "Vamos juntar nossas forças e nos mobilizar em benefício do hospital", disse Rhode para quem a saúde é uma das prioridades do município. Para o prefeito municipal, Darci Sallet, é hora de cada um dar a sua parte "para que o hospital continue de pé".



A sala de controle do acelerador, recém inaugurado...  
... pelo Laboratório Nacional de Luz Síncrotron

## Obra de um ijuiense



Cylon Gonçalves da Silva  
Na foto, ao centro, na inauguração  
do acelerador linear

O Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, localizado em Campinas, estado de São Paulo, é um dos poucos existentes no mundo, dedicado à pesquisa da física nuclear exclusiva para fins pacíficos. Está sendo instalado sob a direção do físico Cylon Gonçalves da Silva, gaúcho, natural de Ijuí. Ele é filho do médico Solon Gonçalves da Silva, ex-prefeito de Ijuí ao final da década de 60, e hoje radicado em Porto Alegre, onde se dedica à medicina.

Bacharelado em física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1967, Cylon Gonçalves da Silva é hoje detentor de vasto currículo, que soma cursos de aperfeiçoamento e participações como professor visitante em universidades e institutos de pesquisas de vários países do mundo.

É Ph.D. em física pela Universidade de Berkeley, Califórnia, Estados Unidos. Tem sido professor e pesquisador visitante em mais de dezenas de universidades da Europa e Estados Unidos, além de estágios feitos na "Ecole Normale Supérieure" de Paris, em 1980 e 1982; na "Cambridge University", Inglaterra; "University of California", Berkeley, e no "H.C. Orsted Institut", da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, entre outros estágios e cursos em diversos outros países.

uma bactéria que ataca carnes e conservas. Os russos também aplicam a irradiação para evitar a germinação precoce da batata e destruir fungos das sementes de cereais que ficam armazenados por muito tempo.

### CIÊNCIA

# Conservação de alimentos

Físico nuclear ijuiense prepara os meios técnicos para o Brasil conquistar mercados internacionais permanentes em frutas e alimentos perecíveis

A fruticultura no Brasil tem se desenvolvido bastante nos últimos anos, a ponto de alcançar sobras exportáveis. No entanto, para que conquise definitivamente, mercados cativos no exterior, vai depender do domínio tecnológico no campo da aceleração linear de elétrons. É a projeção de luz síncrotron, o ramo mais nobre da física nuclear, direcionada para fins pacíficos, visando a saúde, a produção, e melhoramento dos alimentos naturais.

O Brasil está bem próximo dessa conquista, graças ao trabalho que está sendo desenvolvido pelo Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, localizado na cidade de Campinas, estado de São Paulo. Dentre as principais aplicações desse acelerador linear de luz — considerado como fábrica de fótons — está a sua capacidade de conservar frutas e legumes, pelo qual se transforma, também, num excelente elemento auxiliar do setor produtivo.

LABORATÓRIO DE LUZ — Foi inaugurado no final de fevereiro, junto ao LNS, o acelerador de partículas,

equipamento desenvolvido pelo Síncrotron. Dentre inúmeras outras finalidades, terá a capacidade para desinfestar frutas, à razão de dez toneladas a cada 16 horas de funcionamento.

A irradiação é utilizada para esterilização, desinfestação, pasteurização e para evitar o brotamento, no caso de grãos, batata e cebola, alho, etc. Após a esterilização, o produto é conservado em temperatura ambiente, processo semelhante ao enlatamento. Nessa espécie de pasteurização — dizem os cientistas do Instituto de Tecnologia de Alimentos de São Paulo — a dose de radiação a que se expõe o alimento, é dez vezes menor e possibilita a destruição total de microrganismos.

No Brasil, o principal interesse por parte das empresas de armazenagem e exportadores é o uso de radiações ionizantes na desinfestação de frutas para exportação. As frutas brasileiras, principalmente aquelas consideradas exóticas, não conseguem conquistar os mercados externos mais distantes, como os dos Estados Unidos, Europa e Japão, por causa da mosca-

da-fruta e outros parasitas, que só podem ser radicalmente eliminados com o uso da radiação. Este processo, além de evitar a infestação das frutas, ainda aumenta o tempo e vida da fruta, na prateleira.

O ACELERADOR LINEAR — Um acelerador de elétrons é um equipamento projetado e construído para dar energia à partículas sub-atômicas. O acelerador linear recebe esse nome por que os elétrons são acelerados em linha reta. Ao contrário do Cobalto 60 — dizem os cientistas — o acelerador linear produz raios beta, que são emitidos em uma única direção.

No processo, os alimentos são colocados em esteira rolante, que, ao passar pelo "canhão", recebem uma carga de elétrons. Os pesquisadores afirmam que o alimento irradiado não causa nenhum mal à saúde. Hoje, dizem os mesmos cientistas, cerca de 50 países já utilizam esse processo para preservar os alimentos. Entre eles, os Estados Unidos, a Suécia e Israel.

Na França, a irradiação foi autorizada para eliminar a salmonela,

### TRANSPORTE RODOVIÁRIO

# Incentivo desde Juscelino

A produção agrícola brasileira é muito barata do que a similar norte-americana, a nível de lavoura. Só torna-se mais cara, a partir do momento em que é deslocada das zonas de produção para os terminais de exportação. Por que ocorre esse fenômeno? Um fator que pode ser qualificado de simples. O elevado custo do transporte rodoviário. Como se sabe, o custo em determinado período de sua vida, deu primazia ao transporte pneumático, em detrimento dos meios de condução. Esse hábito persiste.

Hoje, somos o país que mais investe no transporte rodoviário em todo o mundo, apesar de sermos um país bem dotado em termos de portos e lagunas, isso sem considerar a costa atlântica, com seus mais de 5 mil quilômetros de costa. Essas vantagens geográficas — que podem ser aproveitadas como dádiva da natureza — não sendo aproveitadas só em parte, pelo Brasil, o que é de se

O Brasil começou a perder a batalha da competitividade no frete do transporte de cargas, precisamente no momento que, conforme a propaganda oficial da época, iria progredir 50 anos em cinco. Foi a partir de 1956, início do governo de Juscelino Kubitschek, com a criação do GEIA — Grupo Executivo da Indústria Automobilística.

Paralelamente à criação do GEIA, foi executada através da imprensa nacional, com aval ou omissão de grande parte do Congresso, campanha de desmoralização dos meios de transportes vigentes até então, os de natureza marítima, fluvial e lacustre, e o ferroviário. Poderoso "lobby" cercou o Congresso e inundou a imprensa da época, numa orgia desenfreada de compra de consciência. A partir daí, enquanto a ferrovia e a cabotagem definhavam economicamente, acumulando prejuízos operacionais devido a redução de fretes, o governo condenava este gigantesco país, de mais de oito milhões de quilômetros quadrados, rico

de hidrovias, lagos e costa marítima, a tráfegar sobre rodovias.

Tem sido dito que este país sofre do mal da falta de continuidade. No caso da condenação à morte daqueles tradicionais sistemas de transporte, o que se pode dizer é que foi cometido um crime de lesa-pátria. Da condenação desse ato fatídico, tão lesivo à economia do país que nos manterá, no mínimo, por um século, na retaguarda dos países desenvolvidos, não podem ter atenuantes os governantes cúmplices do crime.

Para que o leitor tenha uma idéia mais clara da extensão do crime praticado, é só verificar estatísticas sobre o uso do transporte nos principais países do mundo. Há 15 anos atrás, em 1975, dentre sete países — Estados Unidos, União Soviética, Alemanha Oriental, França, Japão, Alemanha Ocidental e Brasil, o nosso país ocupava o primeiro lugar na preferência pelas rodovias, com 74,2 por cento, 16,2 por cento pelas ferrovias e 9,6 por cento por hidrovias. Hoje, esses índi-

ces são ainda maiores.

Para quem, na época, dependia de 80 por cento de petróleo importado, a preços impostos por cartéis monopolistas, logicamente praticava uma política suicida. Na mesma época, os Estados Unidos utilizavam as hidrovias na proporção de 50 por cento, 30 por cento a ferrovia e, em apenas 20 por cento a rodovia. Nos demais países mencionados a proporção era mais ou menos a mesma.

E já que citamos estatística de 1975 (conforme divulgação na Gazeta Mercantil de 25.10.1975), vejamos como o governo da União tratou (distribuiu) as verbas para os transportes no ano seguinte (1976). Para o transporte rodoviário, Cr\$ 8.881.998,00. Para o ferroviário, Cr\$ 2.168.295,00. Quer dizer: em números redondos, 80 por cento para o transporte rodoviário e 20 por cento para o ferroviário. Para o transporte hidroviário, nem um centavo. Qual será a situação nos dias de hoje?



Falar sobre a trajetória do Irfa é lembrar a luta de um ano disputando com gigantes.



A sede do Irfa, no Bairro Lami... em Porto Alegre: um laboratório gerador de tecnologia de ponta

## Gerando tecnologia de ponta

Esta reportagem resume a história de um pequeno laboratório fundado em meados da década de 50, em Porto Alegre, e que sem alardes propagandísticos nem ajuda oficial, vem se destacando ao longo dos anos como gerador de tecnologia de ponta e lançador de novos produtos, alguns deles, sem similar em toda a América do Sul. É o IRFA — Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda. Fundado em 1956 pelo médico veterinário e professor da UFRGS, Ruben Harry Müller, foi absorvido pela Cotrijuí, em 1977, hoje sob a direção técnica e administrativa de Carlos Estêvão Quintana da Rosa.

Era a presença de indústria humilde ante a sombra poderosa de gigantes oligopólios — a maioria estrangeiros — que sempre dominaram o mercado de produtos médico-veterinários no Brasil. O IRFA, por isso mesmo, habituou-se a enfrentar crises muito sérias de sobrevivência. A mais grave delas, ocorreu quando de seu repasse à Cotrijuí.

Ultimamente — para sermos mais precisos — nos últimos oito anos, passou a apresentar resultados que colocaram

no em posição de relevo, no ramo da biotecnologia. Um exemplo característico de domínio do IRFA em tecnologia de ponta, pode ser comprovado com a viabilização do uso do adjuvante oleoso na fabricação da vacina anti-aftosa.

O domínio desta técnica colocou o Brasil em condições de igualdade industrial com as empresas mais evoluídas do mesmo ramo, no Brasil e no exterior, em termos de medicina curativa e prevenção de saúde animal.

Como se verifica, uma expansão realmente significativa. E foi conseguida em função do elevado espírito de equipe que existe no corpo técnico e entre os funcionários, que são permanentemente motivados a desenvolverem-se, desenvolvendo cada vez mais a própria empresa. Essa filosofia de trabalho tem sido transmitida pela administração.

O quadro a seguir mostra o quanto o IRFA tem evoluído em termos de pesquisas, com pleno êxito, e transformado essas pesquisas em produtos acabados.

1) A primeira empresa nacional privada a produzir, em escala industrial, a Vacina ANTI AFTOSA OLEOSA,

com tecnologia totalmente nacional e autofinanciada;

2) A primeira empresa sul-americana a produzir a Vacina OLEOSA POLIVALENTE CONTRA A GRANGRENA GASOSA e CARBÚNCULO SINTOMÁTICO;

3) A primeira empresa sul-americana a produzir a Vacina OLEOSA contra a HEMOGLOBINÚRIA BACILAR dos bovinos;

— Paralelamente a essas conquistas tecnológicas, o IRFA, através de seus cientistas-pesquisadores, continua a aplicar recursos próprios em novas pesquisas. Durante os anos 1987/88, o IRFA lançou no mercado mais dois importantes produtos, assinalando mais dois recordes sul-americanos:

4) Foi a primeira indústria das Américas a produzir a Vacina Oleosa contra o FOOT-ROT DOS OVINOS; e

5) A primeira empresa das Américas a produzir Vacina Oleosa contra o CERATO CONJUNTIVITE BOVINA, através de amostras específicas, a nível de propriedades, em linha industrial.

## Uruguai mercado

Outros mercados sul-americanos estão na pauta, principalmente a Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru

É plenamente justificável o orgulho que o pessoal do IRFA — corpo científico, em particular — tem por seu trabalho. Principalmente depois de sua incorporação à Cotrijuí, em 1977, o pequeno laboratório do bairro do Lami, passou a somar conquistas importantes. Mas foi a partir de que essas conquistas alcançaram de real expressão.

Recordando algumas conquistas, constata-se fatos interessantes. Por exemplo, em 1983, dois produtos, no Brasil, dominaram a produção de adjuvante oleoso na vacina anti-aftosa — o maior e o menor. O menor, era o IRFA.

Foi uma luta titânica com ar de saudosismo do IRFA — mas foi compensada, com gestos de justificada gratidão.

### NOVOS MERCADOS

partir de 1983 que o IRFA conseguiu conquistar mercados em outros países: Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul, onde participou, em particular, do mercado de vacinas anti-aftosa, entre outras vacinas e produtos veterinários. Atualmente, além da crescente participação do Instituto Riograndense de Febre Aftosa (IRFA)

## Pesquisa sistemática

Do ano de 1956, quando foi fundado, até 1977, quando foi encampado pela Cotrijuí, o IRFA fabricou, basicamente, a vacina contra a febre aftosa, em moldes convencionais. A partir deste segundo período iniciou uma adequação, que pode se qualificar até como revolucionária. Ele buscou atender, em qualidade e quantidade, um mercado que se ampliava em função das campanhas oficiais de controle da aftosa, promovidas pelo Ministério da Agricultura.

O veterinário Carlos Quintana da Rosa assumiu o controle técnico do Instituto, em 1982. Ele conta que foi um período muito difícil para o IRFA concorrer no mercado, principalmente com as indústrias multinacionais, que somavam, aos grandes recursos, inclusive de marketing, uma tecnologia avançada.

Foi quando o pequeno laboratório gaúcho, apesar dos poucos recursos, lançou-se à pesquisa. Daí surgiu o desenvolvimento do adjuvante oleoso, técnica industrial que realmente passou a colocar o IRFA em destaque como detentor de novas tecnologias. É importante ressaltar que até esta data (1982), grande parte dos países não produziam vacinas com adjuvante oleoso, destinadas a pecuária de corte, em volumes mais expressivos. Daí a significação

que representou — é fácil de ver, a presença do IRFA nesse segmento industrial, diz Quintana.

O IRFA, pode se afirmar, "furou" o monopólio tecnológico até então guardado a sete chaves, pelas grandes indústrias multinacionais do setor. E a partir de 1983, com a produção já em escala industrial da vacina oleosa, começamos a conquistar mercados em outros estados.

**PIONEIRISMO** — A seguir, relacionamos alguns lançamentos pioneiros na América do Sul, que se seguiram à vacina oleosa, que triplicou o prazo de imunização dos animais, passando de três meses para um ano.

Vieram, pela ordem, a vacina polivalente contra a Gangrena Gasosa e o Carbúnculo Sintomático e a Hemoglobínúria Bacilar. E ainda, na área dos produtos biológicos, outro grande avanço conquistado pelo IRFA — diz o técnico — foi a descoberta da vacina contra o "Footrot", vulgarmente denominado podridão dos cascos, um mal que ataca os ovinos, sendo de maior incidência nas regiões de campos baixos e alagadiços.

"Quando lançamos o produto — lembra Quintana — pensamos ter atacado a prevenção do mal. Mas com o passar do tempo descobrimos que a vacina não somente imunizava os ani-

mais, mas também curava, mesmo quando a doença já se encontrava em

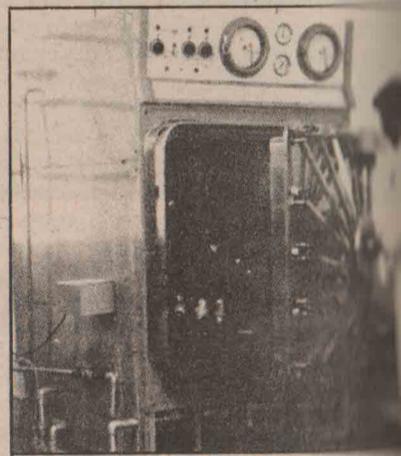
estado avançado no organismo dos ovinos. Essa vacina já vem sendo vendida no Uruguai, que está se revelando um mercado promissor, pois lá são criados 30 milhões de cabeças de ovinos".

A relação seguinte é dos produtos fabricados e comercializados pelo IRFA:

### PRODUTOS BIOLÓGICOS

- AFTOVAC — Vacina Trivalente Oleosa
- ANTIAFTOSA IRFA. Trivalente. Contém os tipos de vírus "O", "A" e "C".
- SINTOVAC "G". Vacina Polivalente contra o Carbúnculo Sintomático e Gangrena Gasosa.
- CLOSTRIDIOVAC — Vacina Polivalente contra a Gangrena Gasosa e Carbúnculo Sintomático — IRFA.
- HEMOVAC "B" — Vacina contra hemoglobínúria Bacilar dos bovinos, com Adjuvante Oleoso.
- CARBUVAC — Vacina contra o Carbúnculo Hemático.
- RAI-LIQ — Vacina Anti-Rábica IRFA
- FOOT-VAC — Vacina Poliva-

A linha de produtos nas áreas químicas e biológicas, atestam a maioria do Instituto



Estufa para lavagem e esterilização

### lente Oleosa

• KEVAC — Vacina Polivalente Oleosa, contra a CERATO CONJUNTIVITE infecciosa (Queratite) dos bovinos.

### PRODUTOS QUÍMICOS

- BEVERMEX — Vermicida Sistêmico de uso oral para bovinos.
- CLORANFENICOL — Antibiótico de amplo espectro.
- ENDAZOL — Vermicida Oral, de amplo espectro, destinado ao combate de verminoses gastrointestinais.
- IRFOSCAL — Produto para a prevenção de cálcio, fósforo e magnésio.
- MATA BICHEIRA LIQUIDA — IRFA — Larvicida de uso externo destinado ao combate a bichelm.

# Primeiro terno

# Suporte à saúde animal

**A filosofia do Irfa é: diversificar, verticalizar, otimizar e racionalizar a produção.**

Para que se entenda melhor o significado científico e econômico do IRFA perante a nação, já que é o único genuinamente nacional, na área da biologia animal, basta observar os seguintes dados:

O Brasil conta, hoje, com um rebanho animal ao redor de 130 milhões de cabeças, distribuídos, principalmente, nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste.

Nas regiões Sudeste e Centro Oeste, que abrangem grandes estados como Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná, houve, nos últimos anos, um grande desenvolvimento em função do incremento econômico resultante da agropecuária extensiva. Concomitante a isso, intensificou-se também a fixação de grandes cooperativas de produtores, o que estabeleceu, ou solidificou, a estrutura de sustentação do nível de produção das regiões abrangidas, bem como os segmentos paralelos de escala — armazenagem, transportes, comercialização, financiamentos, etc., tanto em setores agrícolas como nos animais.

A expansão verificada, com sua resultante em produtividade, aumentou a demanda permanente por assistência técnica, em todos seus níveis, proporcionando maior elevação cultural dos produtores, com posterior progresso geral.

**DESENVOLVIMENTO** — Como decorrência dessa operação em conjunto, apareceram resultados positivos em termos das economias regionais. Os produtores passaram a reordenar e

aplicar seus recursos disponíveis em novas áreas, quer ampliando lavouras ou dedicando-se a pecuária.

Esses fatos permitem prognosticar que iremos ter, ainda por muitos anos, um crescimento verdadeiramente substancial da pecuária de corte e leiteira, com influência direta no desenvolvimento natural e crescimento da indústria veterinária nacional, conforme pode ser visto no quadro a seguir:

### PRODUTOS VETERINÁRIOS VENDIDOS NO BRASIL PERÍODO 1986/1989

Ano 1986 — US\$ 292.543.599,00

Ano 1987 — US\$ 315.990.662,00

Ano 1988 — US\$ 299.491.790,00

Ano 1989 — US\$ 149.035.462,00

(Período janeiro/maio)

**OBJETIVOS DO IRFA** — A curto prazo, os objetivos do IRFA, são: dar suporte ao mercado consumidor brasileiro, com 13 milhões de doses/ano da Vacina Anti-Aftosa Convencional, e 15 por cento da Vacina Oleosa. Isso corresponde, atualmente, entre 10 a 12 milhões de doses.

Expandir a empresa, qualitativamente, no intuito de otimizar a produção. Produzir inoculantes para a soja, numa primeira etapa, ampliando após para outros grãos. Com isso, dar-se-á origem ao Departamento Agrícola, num trabalho que vem sendo desenvolvido desde 1988, em conjunto com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo — USP.

A previsão inicial, é de um milhão de doses/ano do inoculante para so-

ja de superior qualidade. Isso vai garantir benefício singular aos agricultores. Para efetivar essa produção, visando o aspecto qualitativo, a tecnologia e os equipamentos são os mais modernos. O baculovírus, agrotóxico natural, também está na linha de produção futura do IRFA, que já possui toda a tecnologia para iniciar a produção, prevista para o início do próximo ano.

**DIVERSIFICAÇÃO**, verticalização, otimização e racionalização. No dizer do gerente-geral do Instituto, médico-veterinário Carlos Quintana da Rosa, essas quatro palavras formam o pedestal, o embasamento estrutural de toda a filosofia do IRFA na atualidade.

Implica na diversificação, como já se viu linhas atrás, ampliar a linha biológica, chegando à linha agrícola, já iniciada, com o inoculante da soja, e também à linha domissanitária, já em fase de implantação.

**PATRIMÔNIO TECNOLÓGICO** — Com entusiasmo cada vez renovado, segundo ele próprio confessa, o gerente-geral Carlos Quintana expõe todo um ideário a respeito do IRFA e seu pujante futuro. Segundo diz, é a única empresa nacional, com tecnologia equiparada às maiores empresas internacionais, disputando mercado, desenvolvendo novos produtos e expandindo atividades. "É graças a um conjunto de forças que começam dentro de um sistema cooperativo autêntico, o Grupo Cotrijuf, que mistura competência com idealismo, e se completa com uma equipe de funcionários, de todos os níveis, que acredita no que faz porque sabe o que faz".



Cobaias no biotério do Instituto



Unidade de refrigeração de produtos

cional, também já conquistou o mercado externo. É o caso do Uruguai onde já exportamos a FOOT-100, vacina polivalente oleosa (Iá, a vacina registrada com o nome de Foot-100, a Argentina não se dá ao negócio, devido a situação econômica daquele país. Mas o IRFA tem possibilidades a curto prazo. O Paraguai, Bolívia, Peru e

**PROBLEMAS COM A AFTOSA** — Aftosa dos países em fase de desenvolvimento registra perdas de 35% da produção, por conseqüências de outras patologias que afetam os animais. Essas perdas são calculadas em 500 milhões de dólares enquanto nos países mais desenvolvidos não ultrapassam 7 por

cento. O objetivo de reduzir aquelas perdas foi criada em 1972, a Comissão Nacional de Combate a Febre Aftosa, integrada pelo Brasil, Argentina, Colômbia, Chile, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Como resultado desse projeto, tendo havido uma redução bem significativa da incidência das enfermidades, melhores resultados no Brasil (Sul e Uruguai).

O quadro a seguir mostra o desenvolvimento da aftosa no Brasil, nos últimos anos.

ANOS DE BOVINOS	ANOS POR AFTOSA
1986	456.116
1987	339.265
1988	263.938
1989	256.580
1990	191.698
1991	114.702
1992	44.381
1993	38.890
1994	47.621
1995	47.619
1996	45.668
1997	26.267

custos para manter a sanidade dos animais são elevados, mas é a única maneira que quem pretenda conquistar mercados para a carne. O Brasil, através do Comitê Hemisférico da Aftosa, chamado Projeto Regional de Erradicação da Região da Bacia do Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina de Entre Rios, Corrientes. Abrangem, no total, uma superfície de 640,6 mil quilômetros quadrados, abrangendo populações de milhões de cabeças bovinas, milhões de ovinos e 3,5 milhões de caprinos. Já se vê, um mercado altamente promissor para produtos veterinários. Carlos Quintana da Rosa.

## Quintana: muita competência

*Na série de textos destas páginas, procuramos mostrar como a competência e a dedicação de uma equipe de trabalho conseguiu transformar, dinamizando o modesto laboratório. Conforme se viu, foi dedicado, desde sua fundação, por vários anos, à produção de vacina anti-aftosa convencional. Hoje é uma indústria dinâmica, atuante e participativa, num mercado arduamente disputado. Redimensionou sua linha de produção, diversificou e expandiu a produtividade.*

*Nos resta agora, falar um pouco do homem, do técnico, do líder, e empresário, que foi peça chave no trabalho que vem resultando em tão bons resultados: o próprio IRFA.*

*Nascido em Bagé, uma típica cidade da campanha gaúcha, é natural que Carlos Estêvão Quintana da Rosa se sentisse vocacionado, desde os primeiros anos, para atividades campestres. Seu destino profissional, portanto, desaguou no universo da agropecuária.*

*Graduado em Medicina-Veterinária, em 1970, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, submeteu-se, em seguida, a concurso público pela disputa da disciplina de Clínica Médica na Universidade Federal de Pelotas, sendo aprovado em 1º lugar.*

*Já quando estudante, em Porto Alegre, teve destacada atuação, participando de estágios e cursos de atualização paralelos ao currículo do curso na UFRGS.*

*Incorpora em seu currículo as seguintes atividades: ex-professor de*

*clínica médica, regente de disciplina de Clínica Médica, responsável (interino) pela Disciplina de Terapêutica em Farmacologia e Toxicologia, além de haver desempenhado, em diversas oportunidades, cargos em comissão, inclusive em Brasília, a serviço da UFPEL e outras.*

*Soma uma variada atuação didática, paralela a ativa participação como conferencista junto ao "Management Center" do Brasil, em São Paulo, Seminário Internacional sobre Motivação e Liderança, Curso de Criação de Gado Leiteiro, em Israel. É pós-graduado em Marketing, pela Universidade Federal do RGS.*

*Tem vários trabalhos publicados sobre temas técnicos, palestras, viagens de estudos — no Brasil e no exterior — e ativa participação em congressos, como conferencista.*

**ATIVIDADES PROFISSIONAIS** — Seu primeiro contato e participação em sociedade cooperativa deu-se em Pelotas, no período 1972/73, como coordenador do Serviço de Assistência Técnica da Cosulati — Cooperativa de Laticínios de Pelotas. Paralelamente, foi operador da Unidade "Clínomobil" (Clínica Veterinária Móvel) — um convênio entre a República Federal da Alemanha e o Ministério da Agricultura. Nessa mesma época acumulou as funções de diretor da Policlínica Veterinária de Pelotas.

*De 1974 a 1982 esteve vinculado a uma empresa multinacional do ramo veterinário, onde ingressou na fun-*



Carlos Quintana: à frente do IRFA

*ção de consultor científico, sendo logo depois promovido a assistente de gerência e gerente regional de vendas. Desligou-se da empresa para assumir a gerência de vendas do IRFA, em 1982. Hoje, desempenha a função de gerente-geral.*

*Como atividades de representação classista, foi presidente da Associação Profissional dos Médicos Veterinários do RGS — gestão de 1976/1978; presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária no RGS — gestão 1981/84, sendo reeleito para a gestão 1984/87; conselheiro fiscal do Sindicato dos Médicos Veterinários do RGS, gestão 1984/86; representante junto a Assembleia Legislativa, do Conselho Regional de Veterinários, na Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo.*

*É presidente da Sociedade de Veterinária do RGS, na atual gestão. Criador de gado da raça Jersey, sendo proprietário da Granja Caemar, no município de Gravataí. Diretor técnico da Associação de Criadores de Gado Jersey do RGS.*

# Envolto num vôo cego

A soja está toda colhida, o inverno se aproxima e o produtor de trigo, como tem acontecido nos últimos anos, está com as mãos amarradas mais do que nunca, já que o governo do presidente Collor de Mello nada mais fez até agora do que anunciar um volume de recursos insuficientes para a próxima safra, com VBCs e preços defasados que estão aquém do custo de produção. Além disso, paira sobre a cabeça do triticultor brasileiro, que mesmo à deriva mantém uma firme disposição de plantar o trigo, a liberação das importações, que no caso do cereal já estavam avalizadas pelo Protocolo 22, assinado entre Brasil e Argentina e um projeto de lei para privatizar a aquisição do produto tramitando no Congresso Nacional.

A permanência dessa política de desestímulo à triticultura nacional tem provocado uma série de discussões entre entidades de produtores e outros segmentos ligados a cultura, os quais, na sua maioria, vêm insistindo na importância que o cereal apresenta para a economia do País, principalmente devido aos avanços de produtividade que alcançou

nos últimos anos, os quais poderão ficar seriamente comprometidos caso o governo mantenha o mesmo tranco.

Um desses debates foi promovido pelo jornal o Interior, que reuniu no dia 25 de abril, no Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotrigo, em Cruz Alta, oito entidades ligadas a produção, comercialização e industrialização do cereal.

Através de uma mesa redonda, os problemas e as perspectivas da triticultura nacional foram debatidas pelo então diretor do Departamento Nacional de Comercialização do Trigo — Ctrin, Nilo Fensterseifer, pelo representante da Embrapa, Roque Tomasini, pelo produtor Benno Arns, presidente da Fundacep, pelo representante da Embrapa, Roque Tomasini, pelo produtor Benno Arns, presidente da Fundacep, pelo secretário da Fetag, Severino Grechi, pelo representante do Grupo do Trigo, Mario Roth, pelo diretor técnico da Fundacep, Luiz Pedro Bonetti e pelo conselheiro da Fecotrigo, Luiz Adolfo Dias. O debate teve participação ainda de comunicadores e técnicos de cooperativas de todo o Estado

“A triticultura é um assunto de segurança nacional”, reafirmou Paulo Roberto Silva, assessor da presidência da Fecotrigo e coordenador do debate, ao fazer um breve relato sobre a situação do cereal, que ano a ano vem obtendo médias de produtividade significativas, como a registrada no ano passado, quando alcançou os 1665 quilos por hectare, no Rio Grande do Sul. A melhor safra foi a de 87, quando o trigo do Estado conseguiu beliscar mais de seis milhões de toneladas no Estado.

“Tudo isso foi conseguido graças a um trabalho harmonioso da pesquisa, assistência técnica e do espírito inovador do produtor”, ressaltou Paulo Roberto, lembrando que, a partir desta integração, a política de desestímulo, com recursos inadequados e atrasados passou a ser reforçada, levando o produtor a repetir todos os anos a mesma pergunta: qual o futuro da triticultura nacional? Em 90, mesmo com mudança no governo, a insegurança é a mesma, se não maior. “Hoje estamos totalmente envolvidos num vôo cego”, disse Paulo Roberto, resumindo a insatisfação do setor.

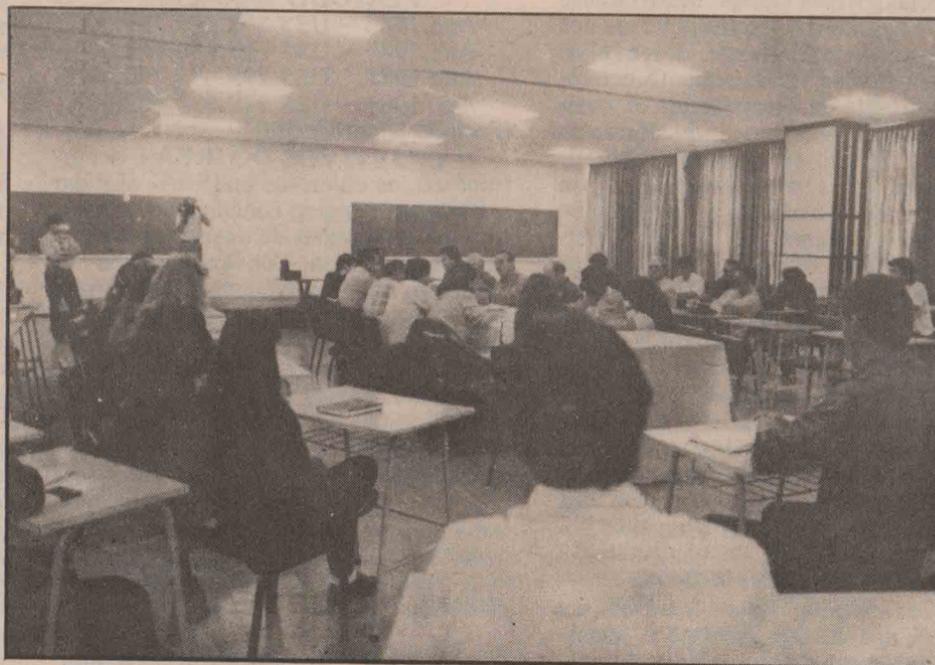


Nilo Fensterseifer

**POLÍTICA DO RETROCESSO** — O primeiro participante a confirmar a necessidade do País a plantar trigo foi Nilo Fensterseifer, dizendo que essa política de desestímulo ao cereal nacional “só traz desvantagens, como gastos desnecessários em divisas que não temos”. Ele vê, portanto, uma contradição, no momento em que se defende uma economia livre de mercado, mas não se leva em conta que a manutenção da produção de trigo nos níveis atuais é avalizada pela competência da triticultura nacional.

Essa competência de que fala o ex-diretor do Ctrin, a qual levaria o País a colher a sua maior safra neste ano, é confirmada por Roque Tomasini, que já prevê para breve uma produtividade de duas ou mais toneladas de trigo por hectare. A perspectiva de privatização na comercialização do cereal, no entanto, leva o pesquisador a chamar a atenção sobre os enganos da auto-suficiência, propalada desde 1964, às custas do subconsumo da população.

“O trigo nacional tem boa qualidade, mas temos que caminhar muito ainda”, frisou o pesquisador, alertando para os sérios riscos que corre a cultura, devido a restrição de recursos para a pesquisa. “O trigo, inclusive em comparação com a soja, vai muito bem obrigado, e hoje pode ser uma das pou-



Triticultura nacional: até agora ao sabor do vento

cas culturas a trazerem um lucro real para o produtor”, acentuou Tomasini, ao destacar índices de lavouras comerciais que extrapolam as médias regionais e a ocupação do cereal em áreas de várzeas com até quatro mil quilos por hectare.

“Na hora que o produtor deixar de plantar trigo por falta de condições, ele não terá forças para ser competitivo nos outros produtos”

O presidente da Fundacep, produtor Benno Arns tem certeza da importância que o trigo representa hoje para a estrutura da propriedade e também para as cooperativas, que caso não contassem com uma produção nos níveis atuais teriam parte de sua estrutura ociosa. Por isso, salienta o produtor, “é difícil imaginar o não plantio do trigo”. Iríamos viver de quê? pergunta ele, respondendo ao mesmo tempo que, “na hora em que o agricultor deixar de plantar trigo por falta de condições, não terá forças para ser competitivo nos outros produtos”.



Benno Arns

**DISPOSIÇÃO** — “Antes de tudo”, então, conclui o produtor, referindo-se ligeiramente aos interesses crescentes para desestimular a produção nacional, “temos a função de continuar plantando trigo, numa lavoura tecnicamente produtiva”. Considerando ainda as quase cinco toneladas conseguidas por



Roque Tomasini

alguns produtores, Benno, defende a manutenção da lavoura, indagando: “por que um povo que tem todas as condições de produzir o seu alimento é impedido de fazer isso?”

“Deve ser dada possibilidade ao pequeno para que ele venda o seu trigo nos moinhos mas com a garantia por parte do governo de que se não houver comprador suficiente, ele adquira o produto”.

O representante do Sindicato das Indústrias Moageiras de Trigo, Valdomiro Bocchese, por sua vez, considerou a importância estratégica que representa a produção nacional no abastecimento das indústrias, mesmo que alguns industriais apelem para a qualidade superior do produto estrangeiro. É preciso levar em conta, segundo ele, os muitos problemas de abastecimento que a história do trigo já registrou, para que não se repitam frustrações devido a problemas comerciais, principalmente agora, quando se está abraçando uma fase de auto-suficiência.

“Não podemos ficar somente na dependência das importações”, disse Bocchese, reiterando a importância da pesquisa na busca da qualidade com custos mais baixos.

**INSATISFAÇÃO** — Formado por 13 entidades ligadas a triticultura, (Abe-

va, Emater, Banco Central, Ctrin, Embrapa, Comissão Sul Brasileira de Pesquisa do Trigo, Farsul, CFP, Fecotrigo, Ministério da Agricultura, Secretaria da Agricultura, Fetag e Sindicato dos Moageiros), o Grupo do Trigo “não é um órgão de caráter reivindicatório”, como enfatizou o seu representante, Mário Roth, e sim de aglutinação de sugestões a respeito de VBCs, preços, crédito, etc. questão encaminhada anualmente ao Ministério da Agricultura. Nesse momento, porém, a questão de deixar claro a insatisfação da entidade, já que nas últimas safras do cereal, muito pouco das sugestões foram acatadas. “O trabalho deste ano foi entregue em 25 de janeiro e na mesma data à equipe do Governo Collor. Lamentavelmente o governo não analisou as sugestões”, explicou Mário Roth, justificando a sua presença para fortalecer as reivindicações cosubstanciadas no documento enviado a Brasília”.

O secretário da Fetag, Severino Grechi, além de endossar as análises sobre a qualidade do trigo nacional, foi mais adiante para questionar “um tratamento discriminatório aos pequenos produtores, principalmente aqueles que não têm condições de se integrar ao binômio trigo e soja com lavouras comerciais e ainda mantêm lavouras de subsistência. Para estes, o trigo é de vital importância”, disse Grechi, lembrando que hoje, em função do monopólio do trigo, contraditoriamente, a farinha sai mais barata ao grupo, mas retira qualquer possibilidade do produtor manter mais uma atividade na propriedade.



Valdomiro Bocchese

“A cada governo que chega, a agricultura, historicamente, tem sido considerada prioritária, mas somente no discurso”.

Outra questão levantada pelo secretário da Fetag foi com relação à comercialização do cereal, e a sua possível privatização. Para Grechi, ela até pode ser aceita, desde que “dê possibilidade para o pequeno vender este trigo nos moinhos, mas com garantia por parte do governo de que se não houver compradores suficientes, ele adquira o produto”.

**GARANTIAS** — A forte tendência de mudança, principalmente em termos de produtividade por que passou o trigo, nestes últimos cinco anos, foi abordado pelo diretor técnico da Funda-

# As queixas de cada um



Mario Roth

Baseado nestes avanços, é que Bonetti lança suas preocupações neste momento de indefinição, dizendo que o ponto fundamental é manter o nível tecnológico, uma vez que, na realidade, a cada governo que chega, a agricultura tem sido considerada prioritária somente no discurso. É preciso encontrar meios de manter este nível tecnológico que assegure ao trigo, uma lavoura de maior estabilidade, produtividade e seguramente de maior rentabilidade que a soja. Um desses meios é o crédito adequado, disse o pesquisador, pois nada adianta gerarmos tecnologia, se o produtor não tiver recursos para implementá-la na lavoura.

Por fim falou o conselheiro da Fecotrig, Luiz Adolfo Dias, que qualificou a situação de insegurança e indefinição em relação ao trigo, em razão da falta de vontade política dos órgãos



Severino Grecchi

competentes. Lembrando algumas questões, como o Protocolo 22, a Lei Agrícola e o projeto de lei da Privatização, Dias conclamou um tratamento mais eficaz a estes problemas polêmicos e fez um chamamento de resistência na produção.

"Precisamos de uma política agrícola estável", finalizou o conselheiro da Fecotrig, citando o exemplo do Paraná, onde os produtores estão plantando sem saber quais são as regras. "Não podemos decidir em cima



Luis Pedro Bonetti



Luiz Adolfo Dias

da perna com o produtor andando de lá para cá", concluiu.

## Escaldado com os juros

Financiar a lavoura de trigo é algo que nem passa pela cabeça do agricultor Clóvis Sperotto, proprietário de 170 hectares na localidade de Vila São Pedro, interior de Coronel Bicaco. A área é de 50 hectares, "a lavoura de todos os anos". No restante da área, faz rotação de culturas, plantando um total de 60 hectares de aveia. Planta 20 hectares para incorporar, 20 para a produção de grãos e 20 hectares para pastagem. No verão, o Clóvis planta, em parte da área, o milho e o trigo sobre soja. Mas no inverno, sempre faz um rodízio de dois anos, tomando o cuidado de nunca colocar tri-

go na mesma área.

Na safra passada, o Clóvis ainda plantou trigo financiado. Fez uma lavoura "como manda o figurino, colocando adubo e fungicida como a recomendação técnico aconselha", e não foi bem de planta. Alguns vizinhos nem fizeram uma lavoura tão caprichada e foram melhor de planta", diz ainda planejando só colocar adubo neste ano. Não vou nem tratar da semente.

Vai plantar a variedade CEP-14 que já tem semente em casa e trocou a CNT-8 pela CEP-19. O trigo é uma planta que não tem muito gasto. Rendendo bem, dá quase mais que a soja",



Clóvis Sperotto  
Sem tecnologia

diz Clóvis que, neste inverno só não quis pegar financiamento para a lavoura porque anda meio "escaldado" com os juros. Quando o agricultor pega um financiamento, a dívida é uma, mas no pagamento, é outra bem maior". O juro hoje até que está bom, mas e daqui para frente, como é que vai ficar", indaga?

## Lavoura por conta

O José Pompílio Silva, proprietário de 40 hectares de terra e arrendatário de mais de 80 em Santo Augusto, também não está pensando em plantar trigo financiado, embora saiba, desde agora que pode ficar apertado de dinheiro. Mas a decisão já está a meio caminho andado. O José Pompílio pre-

tende plantar apenas 40 hectares de trigo. Ele costuma dividir a área de lavoura em três partes: num ano planta 40 hectares, no outro 30 e no terceiro ano volta a plantar os 40 hectares. Na terra que possui em Chapadão do Sul, Mato Grosso do Sul — onde possui mais 1.150 hectares — planta soja em



José Pompílio  
Decisão tomada

600 hectares e no restante trabalha com pecuária.

Já na lavoura de trigo do ano passado, o José Pompílio não pegou financiamento e foi bem de planta, colhendo uma média de 42 sacos por hectare. Diz que só não foi melhor porque não conseguiu as variedades desejadas. Plantou a BR-14 e a CEP-14. Neste inverno pretende plantar a BR-23 e a CEP-19, consideradas, na sua visão de agricultor e também de engenheiro agrônomo, as variedades de melhor rendimento.

Mas independente do financiamento, José Pompílio pretende fazer uma lavoura com tecnologia, "embora ainda não tenha comprado o adubo, um problema sério para quem tem pouco dinheiro já que a soja está valendo tão pouco e o juro cobrado pelo financiamento da lavoura de verão é simplesmente exorbitante". A semente pretende pegar na cooperativa e parte do fungicida já adquiriu. Mesmo apertado, José Pompílio diz que não abre mão de uma lavoura bem feita, "dentro da tecnologia recomendada". Em alguns casos, por muita sorte, até é possível alcançar bons rendimentos com baixa tecnologia, diz ele preferindo não arriscar.

## Voltando atrás



Severino Broetto  
Trigo financiado

Empatando as contas já é resultado, vai logo dizendo o seu Severino Broetto depois que voltou atrás na sua decisão de plantar trigo com recursos próprios. Outra decisão tomada pelo seu Severino, um agricultor proprietário de 26 hectares de terra em São Sebastião, interior de Tenente Portela: em vez dos 12 hectares de planta, agora vai fazer 15. Quero fazer uma lavoura bem feitinha", diz ele planejando usar sementes de boa qualidade e adubo de acordo com a recomendação dos técnicos. Ano passado, ele plantou trigo por conta e acha que foi bem. Colheu quase 500 sacos em 18 hectares de planta.

As variedades a serem plantadas já estão escolhidas — a BR-23 e a Peladinho — e o financiamento já está encaminhado junto ao banco. O dinheiro pode chegar a qualquer momento, diz o produtor que não pretende financiar sua lavoura com Proagro. Não peguei Proagro, porque não vou deixar nenhum pedaço de terra em pousio como recomenda o banco, explica colocando a questão do acréscimo de nove por cento como outro ponto que pesou na hora da decisão.

Outra decisão do seu Severino: fazer rotação de culturas. Está começando com a aveia, "pois hoje o agricultor tem que pensar em melhorar a sua terra" diz ele numa referência aos problemas de mal-do-pé que já vem aparecendo em alguns cantos da lavoura. Não adianta ficar plantando só a soja e só o trigo. Precisamos colocar outras culturas no meio. O seu Severino só não sabe se ainda financia a lavoura ou planta por conta, "que o dinheiro da soja, por causa do preço baixo, ficou curto".

## O custeio sugerido pela Cotrijuí

Para plantar um hectare de trigo seriam necessários Cr\$ 11.193,36

Considerando o custo de produção levantado para o trigo, a aveia, a colza, a ervilhaca e o tremoço, a Cotrijuí também levantou os VBCs necessários para o plantio de um hectare de cada uma destas culturas. Para o trigo, por exemplo, o Luís Juliani levou em conta o uso de 200 quilos de fertilizantes; 125 quilos de sementes; 80 quilos de uréia; uma aplicação de fungicida e duas aplicações de inseticida. O VBC necessário para o plantio de um hectare de planta, sugerido pela Cotrijuí seria de Cr\$ 11.193,36 ou o valor correspondente a 268,01 BTN's do mês de maio.

Para a aveia branca, no qual considerou uma aplicação de fungicida; 50 quilos de uréia, 200 quilos de adubo e 80 quilos de sementes, o VBC necessário para cobrir todas estas despesas deveria ser de Cr\$ 9.238,35 ou 221,20 BTN's. Já para o plantio de um hectare de aveia preta, o VBC sugerido pela Cotrijuí é de Cr\$ 6.258,85 ou o valor correspondente a 149,86 BTN's. Foram considerados, no caso, a utilização de 40 quilos de sementes e 200 quilos de adubo da fórmula 5-20-20.

Para o plantio de um hectare de colza, segundo os cálculos levantados, o custeio deveria ser de Cr\$ 7.631,66 ou 182,73 BTN's. Foram considerados, para efeito de cálculo, o uso de quatro quilos de semente; 250 quilos de adubo e 50 quilos de uréia. Para a ervilhaca o VBC sugerido é de Cr\$ 6.013,28, valor este equivalente a 143,98 BTN's de maio e que serviria para cobrir as despesas com a aquisição de 40 quilos de sementes e 200 quilos de adubo da fórmula 5-20-20. Cr\$ 6.459,25 é o VBC sugerido para o plantio de um hectare de tremoço. Foram levados em conta gastos com a aquisição de 140 quilos de sementes e 200 quilos de adubo.

# TRIGO

## Cr\$ 23.442,52 por um hectare de planta

Nestes tempos "bicudos", ginástica é que não vai faltar ao produtor que decidir plantar com recursos próprios. É que os preços dos insumos, apesar de congelados, continuam muito distanciados dos preços dos produtos agrícolas. Para quem está pegando financiamento nos bancos, restam as incertezas de um Plano de Estabilização Econômica que precisa dar certo. Em todo o caso, plantar é preciso e, para semear apenas um hectare de trigo, o produtor vai ter de deixar na lavoura nada mais nada menos do que Cr\$ 23.442,52 ou 651,30 BTN. Esse cálculo é da Cotrijuí, levantado pelo setor de custos de produção da Diretoria Agrotécnica.

Considerando esse valor de Cr\$ 23.442,52 para um hectare de planta, cada saco de trigo produzido vai custar ao produtor Cr\$ 937,61 ou 22,45 BTN. Está sendo considerado neste caso uma produtividade média de 1.500 quilos por hectare. Evidentemente que se forem levados em conta apenas os custos variáveis — despesas com máquinas e implementos, sementes, fertilizantes, agrotóxicos, transportes, despesas financeiras e Proagro — e que em resumo representam o desembolso de dinheiro do produtor, um hectare de planta pode sair por Cr\$ 14.621,40, o que corresponde ao valor de 350,09 BTN do mês de maio. O custo de um saco de trigo, neste caso, seria de Cr\$ 585,95 ou 14,03 BTN. Segundo o Luís Juliani, assistente agrotécnico e responsável pelo levantamento de custos, foi considerado, no caso, apenas uma aplicação de fungicida, 200 quilos de adubo, 125 quilos de

sementes e adubação de cobertura. **O CUSTO DA AVEIA** — Um hectare de aveia, destinada a produção de grãos, vai apresentar um custo de Cr\$ 21.222,31 que corresponde ao valor de 508,14 BTN. Um quilo de aveia produzida custaria, hoje, Cr\$ 11,78 ou 0,282 BTN. No caso da lavoura de aveia para a produção de grãos, o Luís Juliani considerou gastos com uma aplicação de fungicida; 200 quilos de adubo; 80 quilos de sementes e uma adubação de cobertura.

Para semear um hectare de colza, o produtor vai gastar Cr\$ 17.835,25, valor este correspondente a 427,04 BTN do mês de maio. Um saco de produto vai sair pelo valor de Cr\$ 973,12 ou 23,30 BTN. Já um hectare de ervilhaca, pode custar um pouco mais barato. Considerando todos os custos — fixos e variáveis — ele pode ser semeado ao custo de Cr\$ 15.735,27 ou 376,76 BTN.

**AVEIA É O TREMOÇO** — A aveia preta, bastante utilizada como pastagem ou adubação verde, pode ser semeada a um custo, de acordo com os cálculos do Luís Juliani, de Cr\$ 15.830,90 ou 379,05 BTN o hectare. Um quilo de aveia preta teria um custo de Cr\$ 13,16, o que corresponde ao valor de 0,315 BTN. Se forem considerados apenas os custos variáveis, o custo de um quilo baixa para Cr\$ 6,93 ou 0,166 BTN. Mas quem for plantar tremoço, já vai gastar um pouquinho menos. Um hectare de planta custa Cr\$ 16.673,72 ou 399,23 BTN. Considerando esse valor, o custo de um saco de 60 quilos seria de Cr\$ 926,33 ou 22,18 BTN.

## As intenções de plantio

As primeiras intenções de plantio da próxima lavoura de inverno da região, área de atuação da Cotrijuí Pioneira, não são muito alentadoras. Também pudera tantas reservas nas tomadas de decisões. Escaldados pela política que vinha sendo adotada para o setor, principalmente para a cultura do trigo, os agricultores têm andado cautelosos em suas decisões do que plantar. Os dois últimos anos serviram de exemplos, deixando muita gente com as barbas de molho. Ninguém hoje discute mais a questão da competência da pesquisa em gerar novas tecnologias e buscar maior produtividade. Prova maior de que a pesquisa vem cumprindo com a sua palavra é a própria produtividade do trigo que na região conseguiu ultrapassar a média histórica dos pouco mais de 1.000 quilos por hectare para 1.500 quilos, indicando, desta forma, o caminho da auto-suficiência. Só que, infelizmente, nem todos os agricultores têm tido o privilégio de se beneficiar destas vantagens tecnológicas que, por motivos alheios à vontade de cada um e da própria pesquisa, nem sempre têm conseguido chegar até as lavouras.

A escassez de recursos para a formação das lavouras, a falta de capital de giro próprio, os VBCs defasados, os preços mínimos ruins e as elevadas taxas de juro praticadas na agricultura têm, de certa forma, impedido o emprego das tecnologias recomendadas, principalmente na cultura do trigo. Afora estas questões, os triticul-

res vêm sendo obrigados a conviver com as importações de trigo da Argentina e Canadá e com a ameaça da privatização na comercialização do cereal.

**MENOS TRIGO** — Levantamento realizado pela Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí na Pioneira mostra que 90 vai ser um ano de menos trigo e mais forrageiras na lavoura. A área total a ser coberta com culturas de inverno deve ficar — isso se realmente as intenções de plantio se confirmarem — em pouco mais de 122.900 hectares, contra os 121 mil hectares plantados ano passado. O aumento na área coberta com culturas é de 1,6 por cento. O trigo, apesar de continuar sendo a cultura de maior expressão econômica, cultivada durante o inverno, também continua ocupando a maior área, embora menor que a cultivada em 1989. A lavoura pode ficar em 93 mil hectares — a segunda menor dos últimos oito anos —, com uma redução de área ao redor dos cinco por cento.

Custos	Cr\$/ha	BTN/ha	Custo/saco	
			Cr\$	BTN
<b>1. Variáveis</b>				
1.1. Máquinas e implementos				
Conservação e reparos	2.726,16	69,96	109,04	2,80
Combustíveis	895,02	22,97	35,80	0,92
1.2. Construções				
Conservação e solo	97,44	2,50	3,89	0,10
1.3. Insumos				
Sementes	1.352,00	34,69	54,08	1,39
Fertilizantes	4.228,40	108,52	169,13	4,36
Agrotóxicos	1.873,68	48,09	74,95	1,93
1.4. Transporte	377,19	9,68	15,08	0,38
1.5. Financeiro	1.088,72	27,95	43,54	1,13
1.6. PROAGRO	1.002,67	25,73	40,10	1,03
<b>SUBTOTAL</b>	<b>13.641,28</b>	<b>350,09</b>	<b>545,61</b>	<b>14,03</b>
<b>2. Fixos</b>				
2.1. Máquinas e Implementos				
Depreciação	3.950,44	101,39	158,04	4,06
Seguro	49,93	1,28	1,99	0,05
2.2. Construções				
Depreciação	197,52	5,07	7,90	0,20
2.3. ITR	80,00	2,05	3,20	0,08
2.4. Mão-de-obra	1.215,10	31,19	48,61	1,24
2.5. Outros				
Remuneração da terra	792,50	20,33	31,74	0,81
Custo de oportunidade	248,88	6,38	9,95	0,25
2.6. Melhoria do solo	1.695,38	43,52	67,83	1,74
<b>SUBTOTAL</b>	<b>8.229,83</b>	<b>211,21</b>	<b>329,23</b>	<b>8,42</b>
<b>TOTAL</b>	<b>21.871,11</b>	<b>561,30</b>	<b>874,84</b>	<b>22,45</b>
Custo de produção por saco de 60 Kg — março/90 — Cr\$ 874,41				



Aveia: a área continua crescendo

**AS FORRAGEIRAS** — Continuam mantendo a performance adquirida de uns anos para cá, principalmente de

pois que se intensificaram os programas de diversificação e se ampliou a bacia leiteira na região. A área a ser cultivada com aveia preta — muito usada para pastoreio, adubação verde e, ultimamente também tendo o seu grão largamente utilizado na fabricação de rações — pode crescer, passando dos 84.300 hectares cultivados em 1989 para 87.700 hectares.

Já o caso da aveia branca é bem diferente. A frustração no preço em 89, está levando os agricultores associados da Cotrijuí a reduzir suas lavouras em 20 por cento. A aveia branca teve, ano passado, um ano bom em termos de lavoura. Boas variedades e aumento de área, garantiram, por si só, uma excelente produção. Mas a oferta maior que a procura — a aveia em grão tem como destino a indústria e, principalmente a alimentação animal fez com que os preços despencassem, ocasionando prejuízos pa-

### INTENÇÕES DE PLANTIO DE FORRAGEIRAS DE INVERNO — 1990 — REGIONAL PIONEIRA

CULTURA	1989 (área)	1990 (área)
Aveia preta	84.300	87.700
Azevém	26.200	26.800
Trevos	130	618
Ervilhaca	6.000	3.670
Cornichão	—	10
Alfafa	—	782
Sincho	189	175
Ervilha Forrageira	—	122
Cevada Forrag.	—	71

ra quem investiu na cultura. Segundo os dados do Luís Juliani, assistente Agrotécnico da Cotrijuí Pioneira, a aveia deverá ocupar 4.400 hectares neste ano, contra os 5.163 cultivados em 88.

O aumento na lavoura de colza poderá superar os 100 por cento. Motivado: os bons preços praticados em 89, um ano em que faltou produção inviabilizando o esmagamento pela indústria. A procura pelo grão foi muito grande, informa o Ênio Weber, gerente de Comercialização da Cotrijuí e responsabilizando esta situação pela elevação dos preços. Em 1988 a colza amargou a menor área de planta desde o dia em que entrou na região: 193 hectares. Em 89 foi cultivada em 193 hectares e, neste ano, poderá ocupar 400 hectares.

O azevém e outras culturas que poderá ter sua área ampliada, passando dos 26.200 hectares cultivados em 1989 para 26.800.

### ÁREA E PRODUTIVIDADE DAS CULTURAS DE INVERNO DE 1983 A 1990 — REGIÃO PIONEIRA

Cultura	1984		1985		1986		1987		1988		1989		1990	
	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.
Trigo	70.180	566	81.700	1.022	131.300	1.340	102.150	1.708	119.000	1.370	97.260	1.495	93.000	—
Aveia	5.410	710	9.980	327	2.380	547	2.800	1.602	1.840	1.732	5.163	1.810	4.400	—
Cevada	7.090	665	4.410	944	3.805	1.183	1.800	1.370	1.000	1.194	7.765	1.546	1.050	—
Linhaça	7.130	633	2.835	658	2.140	788	700	662	670	1.409	—	—	40	—
Colza	2.840	598	1.198	590	1.255	737	2.490	418	1.070	323	195	1.038	395	—
Alho	100,5	1.754	84,3	1.915	80	2.450	143	3.338	193	2.140	206	2.325	196	—
Triticale	—	—	—	—	—	—	142	1.640	380	1.500	212	1.469	110	—
Fava	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	90	—
Tremoço	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

## SANTO AUGUSTO

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Unidade	Horário	Local	Mesários
Cotrijuf	13,30-17,00 hs	Salão	Dari Nicoli, Nicanor Ceolin, Darci Moresco
Coronel Finzito	13,00-17,00 hs	Salão	Batista Chiusa, Ari Bartsch, Irineu Sagin, Peri da Ros, Ubirajara Nunes
Coxilha da Liberdade	13,30-17,00 hs	Salão	Angelo Luiz Sagin, Sadi E. Khal, Genesio Bauzewein
Coronel Finzito	13,30-17,00 hs	Mercado Cotrijuf	Silvio Antunes Machado, Jorge Roncato, Artur Pelisson, Luiz Schreiber
Coronel Finzito	13,30-17,00 hs	Salão Comunitário	Jacques Delafloira, Mario Bussioli, Armindo Bender e Isabel Kondra
Coronel Finzito	13,30-17,00 hs	Salão	Heitor Rodrigues Antônio, João Orlando Schindler, Valzumiro Calgaro, Jorge Luiz Santos do Nascimento
Coronel Finzito	13,30-17,00 hs	Salão	Irineu Pedro Petenon, Bernardo Radin, Aparício R. Mafalda, Eloi C. Padilha
Coronel Finzito	13,30-17,00 hs	Salão	Arcelino Beazi, Dirceu Prates Correa, Eldevir Albino Bordignon, Osmar Menegon
Coronel Finzito	8,00-12,00 hs	Sindicato	Canisio José Welter, Umberto Schmidt, Adolino Weiller, Wilton E. Treuherz
Coronel Finzito	8,00-12,00 hs	Sede	João Juarez Possato, Milton Moresco, João Alves Teixeira, José Lorí F. Gonçalves
Coronel Finzito	8,00-12,00 hs	Escritório	João Pedro Lorenzon, Itelvino Sperotto, Irani Antônio Gonzatto, Eurico Prauchner

## MATO GROSSO DO SUL

As urnas na Regional do Mato Grosso do Sul estarão abertas, de acordo com o horário abaixo, na sexta-feira, dia 25 de maio, das 14,00 às 17,30 horas. No sábado, das 8,00 às 11,00 horas e das 13,00 às 17,00 horas. No domingo não haverá votação nesta Regional

Unidade	Local	Mesários
Coronel Finzito	Escritório	Silvio Durigon, Flori José Pelegrin e Ângelo Ximenes
Coronel Finzito	Supermercado	Olívio Boschetti, Geraldo Cornelli e Celso de Souza Silvério
Coronel Finzito	Lojão	Klaus Waisemann, Neri Decian e Márcio Feix
Coronel Finzito	Escritório	Leonésio A. Hall, José Mello e Aldo L. de Almeida
Coronel Finzito	Colégio Dom Bosco	Pedro L. de S. Netto, Atoapes Martins e Eduardo Brandt
Coronel Finzito	Escritório	Vergílio Ferri, Aurélio Zanella e Eloi Pedro Kraemer
Coronel Finzito	Escritório	Darci Quequeto, José Joaquim Correia e Evauto dos Santos
Coronel Finzito	Centro Comunitário	José Gris, Casildo Bernardo Andres e Rogério Augusto Girardi
Coronel Finzito	Escritório	Silvio R. Tsnunoda, Bento Rigo e Agomar Francisconi
Coronel Finzito	Supermercado	Antônio C. Teno, José Morassuti e Genes de Almeida
Coronel Finzito	Escritório	Pedro Triches, Anilvo L. Parizoto e Josias de Mello
Coronel Finzito	Escritório	Roque José Linck, Norberto Schneider e Eron Ramos de Oliveira
Coronel Finzito	Escritório	Arthemio Agostini, Danilo Pedrotti e Paulo Pereira de Moraes
Coronel Finzito	Escritório	Douglas Ortiz Ferreira, Celestino Tomasi Dalla Nora e José Carlos F. Zanetti
Coronel Finzito	Escritório	Jurandir Faustini, Lauri Bortolini e Alpheu G. Cavalcanti
Coronel Finzito	Loja	Waldemar R. Kossa, Aristides Tumelero e Valmir S. Vargas
Coronel Finzito	Escritório	Selvino Wobeto, Jonei Schirrmann e Hamilton Salazar
Coronel Finzito	Supermercado	Plo Venturini, Gilberto Matzembacher e Ilto Serpa
Coronel Finzito	Escritório	Aldir Bazana, Abílio Vicenzi e Célio Rufino
Coronel Finzito	Lojão	Celso Figueira, Armindo Campanim e Francisco Souza
Coronel Finzito	Supermercado	Jodacir Manetti, Walter Limberger e João Desordi
Coronel Finzito	Escritório	Paulo Siebert, Adelir Stralotto e Edmilson Casarim
Coronel Finzito	Escritório	Luís C. Meazza, Ivo Puntel e Valério Rigon
Coronel Finzito	Supermercado	Valdomiro Barbosa, Bernardo Sponchiado e Paulo N. Francisconi
Coronel Finzito	Escritório	Antônio Garcia, Jacomo Zanette e Bruno Lorscheider
Coronel Finzito	Escritório	Nilo Cervo, Aldoir Mariotti e Alberto Frizon
Coronel Finzito	Supermercado	Darci Nantes, João Cândido Alves e Gladimir S. do Nascimento
Coronel Finzito	Escritório	Lutário Adolfo Berger, Henrique Bergoli e Elizete Ferreira de Souza

## DOIS IRMÃOS — ERVAL SECO

DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Cotrijuf	14,00-18,00 hs	Escritório	Denis Bridi, Ezio Barzotto, Pedro Giacomo, Tilo Magalhães

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Cotrijuf	8,00-12,00 hs	Escritório	Deniz Bridi, Ezio Barzoto, Pedro Giacomo, Tilo Magalhães
	14,00-17,00 hs	Escritório	
Coronel Finzito	8,00- 9,00 hs	Salão	Paulo Figueiredo, Elbio de Moura
Erval Seco	9,00-11,00 hs	STR	Gerard Dowich, Jair Rinaldi
Linha Progresso	14,00-15,00 hs	Escola	Pedro Lorenzon, Adelar Möller
Coxilha da Liberdade	15,00-16,00 hs	Salão	Antônio Kristoschik, Francisco Pereira
Taboão	16,00-17,00 hs	Escola	Daltro Lima, Josilco Silveira

DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Cotrijuf	8,00-12,00 hs	Escritório	Ezio Barzoto, Denis Bridi
	14,00-17,00 hs		Pedro Giacomo, Tilo Magalhães

## AUGUSTO PESTANA

DIA 25 DE MAIO — SEXTA-FEIRA

Unidade	14,30-17,30 hs	Mercado	Albino M. Ghisleni, Bruno Van Der Sand, Romeu Rhode e Leonair Sost
Sindicato dos Trabalhadores Rurais	14,30-17,30 hs	STR	Alberto Bauer, Gentil
Rosário	14,30-17,30 hs	Mercado Cotrijuf	Tamiozzo, Jacinto Marsaro, Wunibaldo Arnold, José Anesi, Mario Fossati

DIA 26 DE MAIO — SÁBADO

Unidade	8,00-12,00 hs	Mercado	Anilton F. dos Santos, Erno Schneider e Leonair Sost
	14,00-17,00 hs	Mercado	Valdenor Bernardi, Hard Wille, Leonair Sost
Linha São João	8,00-11,30 hs	Salão Comunitário	João E. Schneider, Orlando Rhoden e Jacinto Marsaro
Boca da Picada	8,00-11,30 hs	Escola	Ernesto Sulzbach, Waldemiro Bach, Alberto Rossetto
Marmeleiro	8,00-11,30 hs	Salão Comunitário	Mircon A. Kern, Elmar Steienagel, Valdir Goergen
Rincão dos Ferreiras	8,00-11,30 hs	Escola	Olavo Hoerlle, Murílio C. Neto, Delmar Stamborowski
Rincão dos Pampas	8,00-11,30 hs	Escola	Omar Reimann, Amauri Uecker, Mario Fossati
Linha Progresso	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Romélio Marcks, Nestor Bruisma, Jacinto Marsaro
Rincão Comprido	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Oridio Schneider, Santo V. Menegol e Valdir Goergen
Ijuizinho	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	José M. da Conceição, Ilceu Rückert e Percio Ladwig
Arroio Bonito	14,00-17,00 hs	Escola	Luís Bauer, Neri L. Menegol, Jorge Schiffer
Bom Princípio	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Amauri Sher, José F. Weiller, Mário Fossati
Linha Santo Antônio	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Meno Desbessel, Sigmar Jung, Delmar Stamborowski
Ponte do Ijuizinho	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Erno Schneider, Egon P. Heuser, Leonair Sost
Rincão Seco	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Emílio Hasse, Sighart E. Drews, Aneli Selle
Esquina Gaúcha	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Mirto A. Drews, Hélio Helbich, Almir Selle
São Miguel	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Ricardo Guiotto, Aldair Marsaro, Neri Sartori
Rincão do Progresso	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Luiz A. Ceribola, Oliver Sostmeyer e Alberto Rossetto
Rosário	8,00-11,30 hs	Mercado Cotrijuf	Constantino Pascoal, Paulo Anesi, Ari Bauer
Fundo Alegre	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	Erni Papke, Pedro Goergen, Alberto Rossetto

DIA 27 DE MAIO — DOMINGO

Fundo Grande	8,00-11,30 hs	Escola	Arno Goergen, Eldoir Sost, Leonair Sost
Rincão dos Müller	8,00-11,30 hs	Salão Comunitário	Oldemar Schneider, Horst W. Schunemann e Mário Fossati
Parafso	8,00-11,30 hs	Escola	Helvin G. Zolinger, Hubert Drews, Valdir Goergen
Cambará	8,00-11,30 hs	Escola	Wilson O. Fritz, Arno B. Ladwig, Delmar Stamborowski
Rincão dos Klein	8,00-11,30 hs	Escola	Jorge A. Matte, Leomar R. Heuser, Jacinto Marsaro
Ponte Branca	8,00-11,30 hs	Escola	Gentil E. Callai, Lúcio Link, Alberto Rossetto
Rosário	8,00-11,30 hs	Mercado Cotrijuf	Ildo Scarton, Paulo Anesi, Ari Bauer
Formigueiro	14,00-17,00 hs	Salão Comunitário	João Scarton, Sérgio Menegol, Delmar Stamborowski
Unidade	8,00-11,30 hs	Mercado	Wilson Bech, Valdenor Bernardi
	14,00-17,00 hs		Leonair Sost, Aneli Selle

# Solo descoberto? . . . Nem pensar!

*E o produtor tem bons motivos para isso, principalmente no inverno, quando são muitas as opções para cobrir o solo e alimentar melhor os animais*

A safra de inverno que já se aproxima vem recheada de indefinições. Tanto ou mais do que aquelas que existiam no ano passado, mas o suficiente para apontar desde agora uma redução de cerca de cinco por cento do trigo na região. Isto significa que o produtor, para não perder os seus rendimentos neste inverno ou assegurar o bom desempenho de safras futuras, não pode perder de rumo, práticas comprovadas de manejo adequado do solo, como especialmente a rotação de culturas com plantas melhoradoras da terra e iniciadas para alimentação animal, que podem garantir, pelos seus resultados, os investimentos que a lavoura recebe.

Entre estas práticas aparece uma que já virou princípio fundamental: a cobertura do solo durante todo ano, e que no inverno conta com a aveia, com uma das suas melhores alternativas, já que a sua inclusão dentro do sistema de rotação de culturas proporciona benefícios diretos e indiretos para a cultura seguinte, a partir de um sistema programado de produção. Junto com a aveia também são preferencialmente recomendadas, a ervilhaca, o tremoço, o girassol e o sincho, entre outras.

**PREPARO INDISPENSÁVEL** — Os benefícios da rotação de culturas com essas culturas são destacadas pelo pesquisador do CTC, engenheiro agrônomo Luis Volney Viau, que acentua a necessidade do produtor preparar bem o solo no inverno para obter boas respostas das culturas de verão de maior expressão econômica na região, como a soja, o milho e o feijão. Este preparo, que somente através da manutenção da cobertura do solo minimiza efeitos erosivos de 100 toneladas de terra por hectare ao ano, requer ainda uma distribuição racional, que leve em conta as características de cada uma das culturas. Como tem sido confirmado pelos trabalhos desenvolvidos no CTC, a soja e o feijão, por exemplo, somente devem ser plantados em locais que, no inverno, foram ocupados por aveia preta, enquanto o milho, preferencialmente, deve ser plantado na resteva de ervilhaca, sincho ou tremoço.

Como opções para a cobertura do solo com aveia branca e preta, o produtor pode encontrar na Cooperativa, as cultivares UFRGS-10, UFRGS-7, UPF-7 e as linhagens CTC 84B 1415-3 e CTC 82B 477-2, "Estas quatro variedades de sementes disponíveis ao quadro social representam o que há de melhor no sul do Brasil", afirma o pesquisador, sem esquecer de mencionar os novos materiais genéticos, obtidos em programas de melhoramento das aveias UFP, UFRGS e CTC, os quais já estão em fase de avaliação de desempenho.

O desenvolvimento de todo o trabalho, conduzido por Volney, aliás, já foi apreciado e registrado na 1ª reunião da Comissão Sul-brasileira de Pesquisa da Aveia, realizada em abril, em Florianópolis. Os seus resultados podem ser visualizados no primeiro quadro onde está destacado o desempenho das variedades CTC, as quais já podem ser recomendadas em 1991.

**ÁREAS DEGRADADAS** — Mas, além dos ganhos em produtividade, as aveias também continuam respondendo à altura das necessidades de uma lavoura bem conduzida. No caso de áreas

Genotipo	Matéria Seca (Kg/ha)	Palha (Kg/ha)	Rendimento de grãos (Kg/ha)
CTC 88 P 07	2274	11222	1444
CTC 88 P 16	2016	9993	1326
CTC 88 P 15	2162	10083	1305
CTC 88 P 14	2134	9076	1298
CTC 88 P 20	2645	10889	1153
Preta comum	2212	12444	1028

degradadas, que exigem antes de tudo o cultivo de plantas recuperadoras do solo, o produtor pode seguramente optar pela aveia preta, uma cultura pouco exigente em fertilidade e que, mesmo assim, produz excelente quantidade de matéria seca, já que sua palha representa uma ótima cobertura para realização do plantio direto.

A comprovação deste benefício pode ser observado no quadro número 2, que coloca em evidência os bons rendimentos em matéria seca e palha das aveias selecionadas pelo CTC, principalmente quando comparada a aveia preta comum. A tabela fala ainda do rendimento em grão por hectare.

**OUTRAS ALTERNATIVAS** — Mas nem somente de aveias se faz rotação no inverno. Tanto isso é verdade que o produtor tem à mão várias outras opções como a colza, o tremoço, o sincho e o girassol, que nem sendo muito simpáticas à maioria, como é o caso da colza, são excelentes culturas para a adubação verde. A colza, mesmo, consegue melhorar a estrutura física do solo e controlar os fungos que atacam o sistema radicular do trigo, como o conhecido mal do pé. Para isso no entanto, é preciso seguir algumas regras de plantio recomendadas.

De acordo com o Volney, o plantio de colza deve ser seguido na safra seguinte pela aveia, como forma de proporcionar uma maior quantidade de massa verde a ser incorporada pelo solo. No terceiro inverno, então, a mesma área poderá receber o trigo e já no verão receber o cultivo da soja. Para quem já possui experiência com a colza destinada à produção de grãos, pode optar pelas linhagens disponíveis na Cotrijul como CTC 845 e CTC 84, que vêm produzindo a nível de lavoura, 1.876 quilos por hectare e 1.339 quilos por hectare, respectivamente.

O tremoço, por sua vez, que é pesquisado pelo CTC desde 1979, tem conseguido através de algumas linhagens, um expressivo rendimento de grãos, e como leguminosa se apresenta como uma ótima alternativa para o milho. Apesar disso, a cultura tem apresentado uma alta susceptibilidade a doença como a antracnose, fato que leva o pesquisador a recomendar o seu cultivo apenas em pequenas áreas da propriedade, e evitar sempre o seu plantio na resteva da soja (ou vice-versa), já que as doenças ocorridas são comuns às duas culturas.

Este último vale também para o girassol, que é outra planta de benefícios para o milho e rendimentos comprovados pela pesquisa. Podendo ser plantado no período de agosto e setembro, o girassol, tem no entanto, a sua melhor época de semeadura durante o mês de agosto, como atestam os trabalhos realizados no CTC, onde é conduzido anualmente o Ensaio Nacional da cultura.

Genotipo	RENDIMENTO DE GRÃOS (Kg/ha)		Média
	Plantio: 16.8.89	5/9/89	
S 430	3253	2448	2850
Gir 510	3117	1042	2079
AS 521	3073	1850	2461
Gir 420	3034	1169	2101
DK 180	2990	1681	2335
S 530	2887	1488	2187
Gir 10	2854	994	1924
AS 522	2785	1477	2131
Conti 621	2748	978	1863
Iac-Anhandy	2675	2477	2576
Issanka	2604	2158	2381
Conti 711	-	2117	-

Genotipo	RENDIMENTO DE GRÃOS (Kg/ha)			
	P. Fundo	Vacaria	Ijuí	Média
UPF 5 (T)	2412	3193	1419	2341
UFRGS 7 (T)	4175	3327	3928	3810
UFRGS 10 (T)	3662	3856	2560	3359
CTC 84 B 1415-3	4112	3744	4012	3956
CTC 84 B 1412-3	4862	3413	2708	3661
CTC 82 B 477-2	5277	3521	3259	4019
UPF 82044	5112	3355	2843	3770
UPF 8400324	4100	4151	3443	3898
UPF 78237-16	4050	3749	3983	3927
UPF 79 B 388	4150	3430	3473	3684

## SILAGEM

### Como fazer compota

Mal comparado, a ensilagem é como fazer compotas. É um processo simples e com resultados excelentes. Sem fugir à mesma linha de raciocínio, o agrônomo Onairo Sanches, da Cotrijul unidade de Ijuí, vê a ensilagem como um processo adequado e muito importante na obtenção de reservas para a alimentação dos ruminantes. E, entre as plantas possíveis de serem cultivadas na região e, consideradas adequadas para a ensilagem, cita a alfafa, a ervilhaca, a aveia, o trigo, o centeio, o azevém, entre outras.

Para ensilar qualquer um destes materiais de forma adequada, observa Onairo, faz-se necessário recorrer a um processo de pré-murchamento das plantas. Esse processo consiste no corte e secagem parcial das plantas de forma que todo o excesso de umidade, prejudicial à fermentação do material, seja retirado em tempo. Entre os materiais, a aveia tem sido o mais utilizado pelos produtores da região, mesmo apresentando dificuldades na detecção do ponto ideal para o processo de ensilagem.

O excesso de umidade no material ensilado vai resultar na multiplicação de bactérias produtoras de ácido butírico, o que determina uma ensilagem de baixa qualidade, avisa o agrônomo. Mas alto teor de matéria seca também não resulta em silagem de boa qualidade. Nestes casos, a compactação fica dificultada, não permitindo a eliminação do ar e criando condições para o aquecimento do material e formação de mofo.

**COMO ENSILAR?** — O processo de ensilagem de aveia deve acontecer no momento em que a planta atingir 70 por cento de umidade. Ou seja: na fase de granação, passando de leitoso a pastoso. Neste estágio a concentração de nutrientes é a mais adequada para o desenvolvimento de uma boa fermentação — ver tabela 1.

Trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijul provam que a aveia branca superior a aveia preta na produção de matéria seca e qualidade do material ensilado. Os resultados obtidos no CTC levam a recomendar a aveia branca como um dos principais materiais de inverno para a produção de silagem. Ver tabela 2.

Tabela 1. Rendimento de forragem verde (MV), forragem seca (MS) e teor de proteínas brutas (PB) de aveia em vários pontos de corte — Passo Fundo — 1988. Adaptado de Fontaneli

TRATAMENTO	MV (Kg/ha)	MS (Kg/ha)	PB (%)	PB (Kg/ha)
1. Vegetativo	9.917	2.086	14,57	304
2. Emborrachamento	15.450	3.226	12,27	396
3. Início floração	15.125	3.743	10,07	377
4. Florescimento pleno	24.687	6.127	13,20	809
5. Grão leitoso	22.057	6.770	11,68	791
6. Grão firme	19.950	7.068	6,95	491

Tabela 2. Estimativa de cultura de plantas (cm, cobertura do solo em %), rendimento (MS) e proteína bruta (PB), fibra bruta (FB) para a produção de forragens em que foram realizados 4 cortes. CTC — Augusto Pestana, RS, 1989. Adaptado de João Miguel de Souza

TRATAMENTOS	Altura cm	Cob. solo (%)	MS (Kg/ha)	PB (%)	FB (%)
Aveia branca CTC — 24 B 11 84	36	58	6.054	19,48	25,34
Azevém comum	40	85	5.935	21,23	18,20
Centeio BR 1	47	61	4.046	16,42	35,12
Trigo CEP 19	39	56	3.955	18,38	27,90
Aveia preta comum	36	60	3.545	15,98	29,71

# O trato pelo grão

Para suínos ou aves, a aveia e outras forrageiras em grão também representam uma ótima opção

## NÚMERO DE ANIMAIS, PRODUÇÃO MÉDIA DIÁRIA DE LEITE, EM TRÊS SISTEMAS DE ALIMENTAÇÃO. CTC, 1989

Sistema de Alimentação	Nº ANS	Leite (4%) (Kg/vaca/dia)
Pastagem Aveia Preta	9	11,65 a-1
Pastagem Av. Preta + Sil. Milho à vontade	9	11,62a
Silagem de Milho à vontade	9	9,28b

Período: 25/8 - 27/10/89

(2)

o pastoreio sobre esta cultura apresenta (tabela 2).

**OS GRAOS** — Em forma de grãos, as forrageiras utilizadas na alimentação animal também tem se apresentado como alternativa, especialmente na alimentação de suínos. As espécies de aveia e fava, por exemplo, disponíveis ao quadro social da Cooperativa estão permanentemente tendo sua qualidade avaliada nos laboratórios do Centro Nacional de Pesquisa em Suínos e Aves, da Embrapa de Concórdia, Santa Catarina.

No CTC, essas mesmas forrageiras, em grão, foram testadas em trabalhos como o da fava na alimentação de suínos, realizado em conjunto com a Universidade Federal de Santa Maria, em que a ração com até 24 por cento de inclusão da fava obteve os melhores

resultados. Um outro trabalho recente já aponta a aveia branca também para suínos, com até 36 por cento de inclusão na ração, trazendo um ganho de peso médio diário de 0,926 gramas por animal (tabela 3). Com aveia preta, o mesmo tipo de experimento chega a 0,780 gramas de GPM diário com 45 por cento de inclusão de aveia na ração (tabela 4).

## PESO INICIAL (KG), GANHO DE PESO MÉDIO (KG) DE QUATRO LOTES DE BOVINOS PASTEJANDO AVEIA PRETA POR UM PERÍODO DE 98 DIAS, CTC, AUGUSTO PESTANA/RS

	PESO INICIAL (KG)	GANHO DE PESO MÉDIO DIÁRIO (KG)
A — 24 animais A. Angus com 1,5 anos	288	0,905*
B — 13 animais Devon com 3,5 anos	290	1,59
C — 10 animais Hereford com 3,5 anos	310	1,37
D — 18 animais Nelore x Charolês com 4,5 anos	329	1,53
<b>MÉDIA</b>	<b>304,25</b>	<b>1,35</b>

\* Não apresentou ganho de peso compensatório

(1)

## DESEMPENHO DE SUÍNOS COM FAVA CTC 1988

PARÂMETROS	NÍVEIS DE FAVA (%)			
	0	8	16	24
Ganho de peso diário (Kg/An.)	0,74	0,71	0,67	0,74
Conversão alimentar (Kg)	3,38	3,32	3,45	3,40
Rend. carcaça (%)	74,50	75,31	74,07	74,71
Comp. carcaça (cm)	94,28	95,12	92,80	94,41
Esp. toucinho (cm)	3,80	3,62	3,41	3,57
Perc. pernil	30,18	29,86	29,93	29,57
Área olho lombo (cm²)	25,26	24,31	23,68	26,61
Rel. carne/gordura	1,00	0,98	0,81	0,94

Fonte: Santos, Gaver, Gai, Souza & Cardoso, 1989

(3)

## GANHO DE PESO MÉDIO DIÁRIO (KG) CONSUMO DE RAÇÃO (KG) E CONVERSÃO ALIMENTAR (KG) DE SUÍNOS RECEBENDO VÁRIOS NÍVEIS DE AVEIA PRETA. CTC, 1988 (MÉDIA DE 12 REPETIÇÕES)

Níveis de Aveia Preta (%)	GPMD (Kg)	Consumo (Kg)	Conversão (Kg)
0	0,742	214,7	3,47
15	0,816	244,0	3,62
30	0,736	216,00	3,55
45	0,780	241,9	3,76

(4)

(tabela 4).

ARROZ

# A reduzida safra em Dom Pedrito

Orizicultores estão com medo dos juros bancários — presidente da Federação tranquiliza, e sugere prazo idêntico ao do governo: 18 meses

O município de Dom Pedrito começou a fazer o "inventário" da safra de verão, e a perspectiva, conforme se esperava, não dá margens a otimismos. Antes pelo contrário. A defasagem maior é no arroz, onde se chegou, no máximo, a 5.500 hectares de lavouras. Isso representa uma queda de 30 por cento no espaço físico. A expectativa, portanto, é de uma safra em torno de 500 a 600 mil sacos de 50 quilos, quando o normal, nas terras pedritenses, é de três milhões de sacos.

A área da soja aumentou. Calculam os técnicos que tenha chegado a 10 mil hectares. Em certo sentido, a soja ocupou o espaço normalmente destinado ao arroz. Como foi cultivada na maior parte, em terras de várzea, que não é ideal para essa cultura, diz o técnico, o rendimento não será bom.

O extensionista rural da Embrapa, agrônomo Edison Salvadé, calcula que a produtividade da soja chegará, no máximo, aos 1.500 quilos por hectare. Diz ele, para justificar o rendimento modesto da lavoura, que choveu pouco no período de floração da planta, sendo a maior parte da lavoura localizada em terras baixas, de arroz, a lavoura sofreu mais.

O também agrônomo Jorge Pereira, coordenador do Departamento de Arroz da Cotrijuí, ainda manifesta alguns temores. A possibilidade de excesso de chuvas durante o período de colheita, a apreensão faz sentido. Até o dia 24 de maio, quando estas declarações foram anotadas, apenas 10 por cento da lavoura de soja estava colhi-



Previsão de safra

500 a 600 sacos, contra os três milhões tradicionais

da. do restante, 60 por cento estava madura, na lavoura, e outros 30 por cento ainda estava na fase de enchimento do grão. É a soja do tarde. Portanto, há bastante razão para se temer.

**ARROZEIROS INTRANQUÍLOS** — Para o presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Gabriel Da Cás, os produtores estão intranquilos, e têm carradas de razões para isso. Eles estão colhendo uma miséria — diz Da Cás — e estão com o olho no céu e o pensamento nos bancos. Do céu, esperam sol e tempo bom, para colher a safra, que já é pequena, reduzida. Da área financeira, e por que não dizer, do governo, moderação na fixação dos juros, e compreensão dos problemas dos produtores.

Em reunião promovida na sede

da Afucotri, dia 24, com a presença de uma centena de orizicultores, Da Cás leu telegrama recebido do presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul. No telegrama, o presidente da entidade, Breno Prates, faz recomendações aos associados para que não assumam nenhum compromisso com os bancos. Adverte para que não busquem, agora, dinheiro egefado nos bancos, pois as dívidas não venceram e a expectativa é de que a inflação de mantenha próxima de zero. Por isso, afirma Breno Prates, o aumento dos débitos não devem preocupar.

O presidente da Federação dos Arrozeiros levanta a hipótese de os agricultores pagarem suas contas de financiamento com o mesmo prazo do governo no Plano Brasil Novo, isto é,



Gabriel Da Cás



Edison Salvadé

em 18 meses.

**PREÇOS PRECISAM SER REAJUSTADOS** — Há a previsão de que os preços mínimos do arroz sejam reajustados. O vice-presidente da Cotrijuí, agropecuarista Oscar Vicente e Silva, entende que o governo não tem outra saída. Diz que qualquer análise de custo de produção, comprova essa necessidade. Do contrário — enfatiza — o produtor irá à falência. Basta verificar que os débitos dos produtores foram reajustados em 84,3 por cento e o preço mínimo do produto, corrigido pela BTN, foi calculado em 41,3 por cento. Só aí, diz Oscar Silva, o produtor já registra uma defasagem de 43 por cento.

# As virtudes e os defeitos



*Mas nem tudo é muito simples no mercado a termo. Os negócios empreendidos não são para todo o mundo e exigem, além de respaldo econômico, enorme conhecimento de mercado em todas as frentes.*

O mercado a termo... vem sendo exercido nas Bolsas de Mercadorias do mundo todo

Os mercados agrícolas mundiais hoje, mais do que nunca, vivem dentro de um sistema instável e incontrolável. Instável porque as variações de preços são constantes e incontroláveis porque ninguém, seja setor privado ou público, consegue organizá-los.

Ora, a estabilidade de um mercado se dá quando, em um certo período, a oferta é equivalente a demanda. Como vivemos cada vez mais dentro de um contexto no qual a demanda solvável é relativamente estável enquanto a oferta varia fortemente, torna-se praticamente impossível alcançar uma estabilidade do mercado agrícola.

Neste quadro, o mercado a termo aparece aos olhos do mundo como sendo um mecanismo que permite aos negociantes internacionais fazerem frente a instabilidade do comércio agrícola mundial. Entretanto, como iremos verificar, tal mecanismo acaba sendo igualmente alimentador da própria instabilidade dos preços.

1 — O mercado a termo: a busca da proteção contra as variações dos preços

Exercido nas Bolsas de Mercadorias do mundo inteiro, como a de Chicago por exemplo, o mercado a termo visa proteger sobretudo os negociantes, os exportadores e os importadores de toda e qualquer variação nos preços de um determinado produto agrícola no mercado físico.

Vamos aqui transcrever um exemplo com base no mercado de cacau (1). Salientamos que tal procedimento é praticamente idêntico para todas as outras mercadorias negociadas em Bolsa, guardadas as diferenças específicas de cada produto, bem entendido.

Assim, suponhamos que eu seja responsável pelas compras de uma grande empresa fabricante de chocolate aqui na França e que devo assegurar o aprovisionamento, da forma mais barata possível, de minha empresa em ca-

cau de uma certa qualidade. Eu faço então um contrato de compra de 1.000 toneladas junto a uma grande empresa importadora de cacau: Empresa X. Este cacau deverá ser entregue em lotes de 100 toneladas em cada mês a partir da assinatura do contrato a um preço de 12.500 francos frances (FF)/tonelada em um porto francês previamente designado.

Este é o preço do mercado no momento em que eu concluo o contrato, fato que me permite ter a certeza que a minha indústria de chocolates não sofrerá falta de matéria-prima. Mas o risco é evidente: se, entretanto, os preços baixam, eu serei obrigado a comprar mais caro que os meus concorrentes que decidiram comprar a cada mês pequenas quantidades. Isto deixa meu chocolate mais caro que o dos meus concorrentes quando de sua venda ao consumidor e fatalmente perderei mercado.

O mercado a termo foi criado para eliminar este risco. Imaginemos que no mesmo dia em que eu compro minhas 1.000 toneladas junto a Empresa X, eu assino uma promessa de venda de 1.000 toneladas — as quais eu não possuo — no mercado a termo de Londres (Bolsa onde se negocia o cacau) onde a cotação do cacau se dá em lotes de 10 toneladas. Evidentemente não se trata de qualquer tipo de cacau. Ao contrário, trata-se de uma variedade particular, de uma qualidade perfeitamente especificada (teor em gordura, em água, etc...) que serve de referência. Eu encarrego então um corretor de vender em meu nome 10 lotes de 10 toneladas a cada mês segundo o calendário de recebimento do meu produto físico acertado com a Empresa X. Assim, enquanto eu estou comprando cacau no mercado físico, eu faço uma operação inversa, isto é, uma venda no mercado de papéis representado pela Bolsa de Londres no caso.

Para que minha ordem seja bem realizada na Bolsa, eu devo fazer um depósito de garantia que é igual, no caso do cacau, a 5 por cento do valor dos contratos no dia em que eu passo a ordem. Suponhamos que o lote que expira no primeiro mês seja cotado a 9.000 libras esterlinas (moeda inglesa), o que expira no segundo mês é cotado a 8.900 libras, e assim por diante. Levando-se em conta a taxa de câmbio em vigor no dia do contrato (digamos 10,35 FF por uma libra esterlina), isto significa que eu vendi a 93.150 FF um lote de 10 toneladas com expiração no primeiro mês, a 83.835 FF um outro lote de 10 toneladas com expiração em dois meses, etc.

Um mês mais tarde, meu primeiro contrato de venda deve ser cumprido. Acontece que os preços do cacau estiveram em baixa no período. Assim, durante o transcorrer do mês os preços do lote de 10 toneladas caíram continuamente até atingir 8.400 libras na véspera da expiração de meu contrato. Para honrar minha palavra, eu tenho duas soluções:

a) entregar efetivamente as 100 toneladas de cacau vendidas a meu comprador. É uma saída excepcional. Isto é, raramente acontece. Primeiro porque teria sido necessário que eu comprasse cacau de verdade, produto físico, para entregar. É verdade que a Empresa X irá me entregar 100 toneladas. Mas o local da entrega será no porto francês e não em Londres. Por outro lado, trata-se de cacau que vem de um país africano, com uma determinada qualidade segundo minhas necessidades industriais, e não necessariamente idêntico as especificações do lote tratado no mercado a termo. Enfim, se eu vendo minha matéria-prima, como a minha indústria de chocolates poderá funcionar? Além disso, meu comprador estaria realmente interessado em receber 100 toneladas de cacau? Aonde ele o

estocaria caso não seja uma indústria b) assim, a solução frequentemente usada é de que eu faça no mercado a termo uma operação contrária a anterior. Como eu tinha vendido inicialmente, agora eu compro no mercado a termo 10 lotes com prazo de vencimento igual aos 10 lotes que eu vendi no Escritório de Compensações, que administra o mercado, considerará que desfiz minha posição inicial: a compra de 10 lotes compensa a venda e eu terei que entregar e nem receber nada. Qual é a vantagem econômica de tal procedimento?

Ora, no caso, a venda se efetivou a 9.000 libras por lote, enquanto a compra se deu a 8.400 libras. Ou seja, não assim 600 libras por lote, isto é, 6.000 libras pelos 10 lotes. Desta forma, tenho que tirar os custos de transação com o corretor (pela venda e pela compra) e com o Escritório de Compensações. Sobrarão então, todas as taxas descontadas, um ganho de 5.500 libras e o Escritório de Compensações me devolverá o depósito de 5 por cento que eu havia feito inicialmente, isto é, 10 vezes 450 libras.

O ganho líquido da operação que tange ao primeiro mês será de 5.500 libras por uma imobilização de fundos de 4.500 libras durante um mês. Se a taxa de câmbio não se modificou neste espaço de tempo, este ganho representa 56.925 FF.

Este ganho compensa em grande parte a perda que eu tive em relação ao produto comprado da Empresa X. Isto porque, no mesmo dia em que o Escritório de Compensações me dava o lucro de meu negócio a termo, a Empresa X entregava 100 toneladas de cacau a um valor de 12.500 FF/tonelada. Se eu não tivesse comprado antecipadamente este cacau a este preço, e tivesse esperado, eu teria podido obter a mesma quantidade a um preço menor. Lembramos que a baixa acontecida nas cotações não se limita ao mercado a termo, mas atinge o conjunto dos mercados onde se negocia o produto em questão. Assim, se em Londres as 10 toneladas de cacau baixaram de 600 libras, isto significa que normalmente no mercado físico as cotações baixaram na mesma proporção. Em outras palavras, o preço da mercadoria expresso em franco francês não é mais de 12.500 FF mas de aproximadamente 11.700 FF (menos 800 FF, sobre 12.500 FF, representam 6,5 por cento enquanto que menos 600 libras, sobre 9.000 libras, representam menos 6,7 por cento). Lembramos ainda que a baixa efetiva no mercado físico leva em conta também os diferentes tipos de qualidade, da reputação do negociante, de sua posição no mercado, etc.

# Dificuldades naturais

*O mercado a termo é um mecanismo que permite aos negociantes internacionais fazerem frente ao sobe e desce do comércio agrícola mundial. Também não deixa de ser um alimentador da própria instabilidade dos preços*

Assim, enquanto que eu ganho 100 FF em Londres, eu perco 100 FF no recebimento físico da mercadoria no porto (100 toneladas à taxa de 800 FF de perda por tonelada). Este fato de eu ter feito um contrato baseado com um preço antecipado ligando ao preço existente no momento da entrega do produto no porto. O mercado a termo me permitiu limitar o prejuízo compensando em parte o que eu perdi no mercado físico por um ganho nos contratos em papéis na Bolsa.

Mas atenção, eu tenho nove outros movimentos de produto assim como outros contratos a termo que devem expirar na medida em que os meses passam. Pode acontecer neste meio tempo uma virada nos preços do cacau. Neste caso, eu perco no mercado a termo (pois serei obrigado a comprar contratos mais caros do que os vendidos inicialmente para desfazer minha operação de venda), porém, eu ganharei no mercado físico (já que pagarei 12.500 FF por tonelada um produto que, no momento, estará valendo mais caro no momento de sua recepção no porto).

O mesmo raciocínio acontece se eu me coloco como vendedor de cacau. A diferença apenas é de que eu estou vendendo no mercado físico e comprando no mercado a termo.

O mercado a termo aparece assim como uma forma de seguro graças a qual eu posso garantir meu provisorio em cacau fazendo um contrato de longa duração com um negociante, sem no entanto correr o risco de me esquecer de pagar um preço que poderá ser muito diferente do existente no momento do recebimento da mercadoria. Esta cobertura "papel" feita na Bolsa se chama, em inglês, "hedge".

## Nem tudo é um mar de rosas...

Entretanto, nem tudo é assim tão simples no contexto do mercado a termo. Um primeiro ponto a destacar é o fato de que partimos da hipótese de que não houve variação cambial entre o franco francês e a libra esterlina. Ora, isto raramente acontece. Com a forte instabilidade também existente hoje no mercado financeiro mundial, a variação das cotações das moedas entre si é constante e muitas vezes violenta. Sem falar que em países como o Brasil, a moeda se desvaloriza todo o dia em relação ao dólar norte-americano e demais moedas fortes do mundo. Isto impede em dizer que igualmente no mercado cambial (das moedas) eu serei obrigado a me proteger utilizando o mercado a termo.

Este fato complica enormemente a realização dos negócios, pois o

campo de conhecimento necessário ao sucesso de tal empreendimento aumenta significativamente. Em outras palavras, tais negócios não são para todo mundo, pois exigem um enorme conhecimento de mercado em todas as frentes, para aqueles que se aventuram a realizá-los, além de um bom respaldo econômico para bancar as comissões e depósitos exigidos.

Afora estas dificuldades naturais, os atores presentes diariamente no mercado a termo acabam, em muitos casos, gerando fortes especulações, baseadas em grande parte em boatos de toda a natureza, além de assistirem a tentativas de concentração das compras ou das vendas de papéis pelas grandes multinacionais normalmente ali presentes. Ora, este conjunto de elementos acaba mantendo e até alimentando a instabilidade geral do mercado mundial, o que torna difícil toda e qualquer ação visando a sua estabilização.

Neste contexto, temos dois tipos de atores principais. Em primeiro lugar os especuladores, que compõem uma parte dos operadores nas Bolsas do mundo inteiro. Ao contrário de uma idéia normalmente difundida, eles raramente são particulares. Geralmente eles são profissionais gerando fundos de instituições financeiras ou de empresas comerciais. Pelo seu número e sua atividade eles garantem a liquidez do mercado, isto é, a possibilidade de se encontrar sempre uma contrapartida (comprador ou vendedor) no momento desejado. Os especuladores utilizam o mercado a termo não buscando uma proteção, mas sim para ganhar dinheiro. Assim, eles compram ou vendem contratos com o objetivo de tirar proveito das evoluções dos preços. Neste jogo, muitos ganham e muitos perdem em cada dia de mercado. Isto explica porque um especulador não fica muito tempo com uma posição (comprado ou vendido). Na verdade, ele limita seu risco efetuando compras e vendas em períodos muito próximos. É por esta razão que um mesmo contrato pode mudar de 20 a 50 vezes de dono em dois meses. Tal situação igualmente nos mostra a importância que o boato e as falsas informações podem assumir em um tal ambiente, fato que seguidamente é comprovado (sobretudo no que tange a problemas climáticos nos diferentes países produtores da mercadoria negociada ou de mudanças políticas importantes) fazendo com que os preços dos produtos oscilem violentamente em curto espaço de tempo sem nenhuma verdadeira razão. Neste caso, os mais atingidos acabam sendo os atores (produtores e compradores) no mercado físico, muitas vezes alheios a tais situações e sem defesa frente a tais movi-

mentos.

Temos em segundo lugar os negociantes. Normalmente o papel deste agente é de comprar, estocar, selecionar, transportar e entregar a mercadoria ao comprador em qualquer parte do mundo. Para tanto, é fundamental que ele tenha importante capacidade de estocagem nas regiões e portos dos países produtores assim como navios, barcas e vagões para possibilitar o transporte da mercadoria. E, em muitos casos, capacidade de estocagem no país onde a mercadoria será entregue. Frente a amplitude deste negócio, cada vez mais o mesmo vem sendo concentrado nas mãos das grandes empresas multinacionais, sobretudo no que tange ao setor dos grãos. Afirmo-se hoje que existem apenas 20 grandes empresas que negociam todos os alimentos no mundo. Em outras palavras, as grandes empresas multinacionais, que em muitos casos transformam igualmente a mercadoria e a vendem diretamente ao consumidor final, são os grandes negociantes no mercado mundial. No caso da soja podemos citar principalmente: Cargill, Bunge y Born, Ferruzzi, Continental Grains e Louis-Dreyfus. Assim, por exemplo, uma cooperativa francesa fabricante de alimentos concentrados para animais fatalmente passa, direta ou indiretamente, por uma destas grandes empresas para conseguir importar soja para a incorporação nas suas rações.

Diante deste fato, verificamos que estes negociantes têm muita influência no mecanismo de formação de preços, pois é certo que seu peso nas Bolsas e no mercado físico é tal que eles acabam dando, em muitos casos, o "tom" do mercado. A tal ponto que as tentativas de monopolização de um determinado mercado, em um determinado período de tempo, são freqüentes. A última em data nos foi demonstrada pelo grupo italiano Ferruzzi.

## 2.1 = O jogo da manipulação do mercado

Apesar de ser ilegal junto a Bolsa de Chicago, o grupo Ferruzzi tentou realizar uma tentativa de monopolização sobre o mercado da soja. Em outras palavras, o grupo teria tentado manipular o mercado a seu favor.

Tal situação foi denunciada em julho de 1989 (2). Na época, Ferruzzi confessou em audiência judiciária que possuía 23 milhões de bushels de soja (1 bushel = 27,21 quilos), isto é, cerca de dois terços dos contratos em curso para entrega em julho. Tal situação foi considerada importante demais, pois muitos negociantes que tinham vendido a termo estes contratos, não tinham condições de honrar seus compromissos. Além disso, o grupo italiano foi

acusado de controlar cerca de 80 por cento dos estoques de soja situados nos entrepostos de Chicago e Toledo (locais para onde é destinado o produto quando porventura um contrato na Bolsa se termina por uma entrega de produto físico). Ferruzzi ficaria assim dominador sobre o mercado e poderia vender ao preço que desejasse realizando lucros enormes (consta que o grupo havia perdido muito dinheiro anteriormente em função de uma má avaliação quanto as colheitas norte e sul-americanas).

Apesar das justificativas do grupo (o mesmo afirmou que agiu essencialmente com o objetivo de cobrir suas necessidades de trituração e de negócio já que ele possui hoje 8 por cento da capacidade mundial de trituração de soja) a direção da Bolsa o obrigou a vender a cada dia, entre o 12 e o 20 de julho de 1989, pelo menos 20 por cento de seus contratos. Isto acabou forçando as cotações para baixo no mercado de Chicago.

Além deste tipo de situação, outros fatos acontecem nas Bolsas que as deixam, em muitos casos, com má reputação e que alimentam a instabilidade geral dos mercados. Por exemplo, em agosto de 1989 o FBI inculpa 46 corretores atuando na Bolsa de Chicago e no Mercantil Exchange. Segundo a polícia federal, após dois anos e meio de enquetes, ela descobriu que estes corretores transgrediam as leis federais e das Bolsas em questão ao arranjarem transações comerciais entre eles antes da abertura e após o fechamento do mercado. A soja teria sido um dos produtos atingidos por tal ação assim como o franco suíço, o yene japonês, e os bônus do tesouro norte-americano (3).

Tal realidade colabora para instabilizar o mercado forçando em muitos casos variações de preços artificiais e mesmo absurdas, pois vão contra a lógica existente no mercado físico.

Ora, em um contexto destes fica evidente que os produtores e compradores no mercado físico, em diversas oportunidades, acabam sendo enganados, pois baseiam seu preços em parâmetros muitas vezes falsos na medida em que os mesmos são manipulados.

(1) Com base no artigo de CLERC, D. — *Les mystères du marché à terme*. — *Problemas Economiques*, Paris, 31/01/90, pp. 25-26.

(2) Cf. *Le Monde*, 15/07/89, p. 27; *Le Monde*, 16-17/07/89, p. 15; *Le Monde*, 10/08/89, p. 15; *Successful Farming*, novembro de 1989, p. 48-F.

(3) Cf. *Agra-Europe*, n° 1559, 11/08/89, PM & F 1.

## CONTA ABERTA E RENDA SEMANAL BANRISUL

A Renda Semanal Banrisul é uma nova opção de investimentos onde seus cruzeiros ganham rendimentos imediatos, a partir de sete dias. A Conta Aberta Banrisul é um crédito de emergência em cruzeiros para você sacar a descoberto, através do seu Cheque Expresso ou Super Conta. É mais dinheiro vivo à sua disposição.

NOVOS PRODUTOS PARA NOVOS TEMPOS

**banrisul**  
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL S.A.  
GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

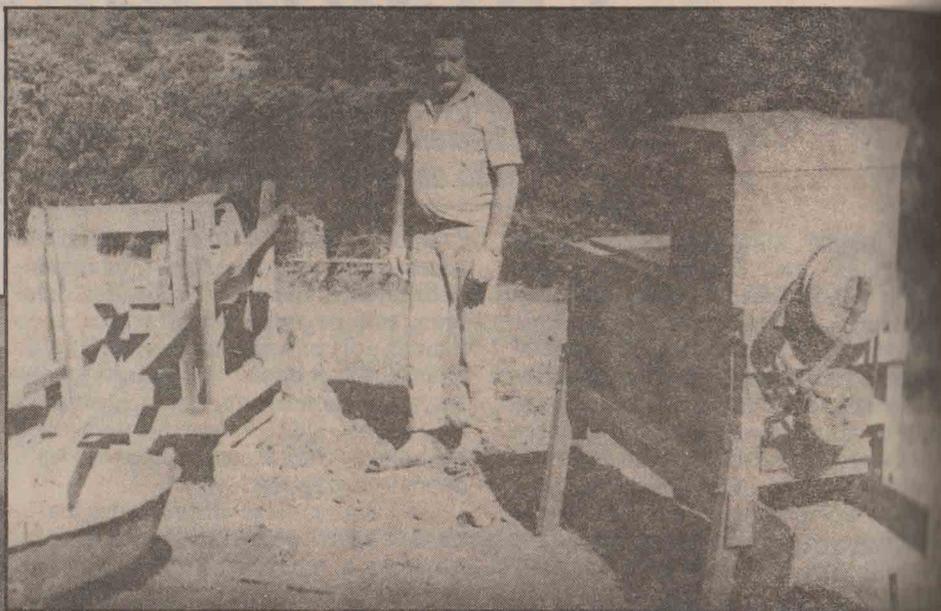
# Artesanato de economia

Economia de mão-de-obra mais qualidade no serviço, foi o que o produtor Orozimbo Anezi, da localidade de Rosário em Augusto Pestana conseguiu através da sua criatividade em fabricar máquinas e equipamentos de madeira que lhe servem a variados serviços na propriedade, como a moagem de uva e a confecção do melado. As duas máquinas, no entanto, são invenções mais recentes do seu Orozimbo, que há vários anos utilizou a madeira para serrar a soja.

Proprietário de 22 hectares, o produtor conta que sempre teve gosto pela carpintaria, dedicação que lhe permitiu amenizar as dificuldades causadas pela ausência de maquinário na lavoura. "Há quinze anos eu não tinha nem trator", diz seu Orozimbo lembrando a primeira máquina construída, uma semeadeira de soja, com tração animal que fazia o plantio em quatro linhas. Embora muita gente duvidasse da eficiência do equipamento, seu Orozimbo, na época, não se deu por vencido e afirma hoje que "a planta não ficou devendo nada".

**ECONOMIA DE TEMPO** — Com o passar dos anos o produtor conseguiu adquirir as máquinas convencionais, desfez-se da semeadeira artesanal, mas não parou de "engenhariar" outras invenções. Assim, há seis anos ele conta com o que chama de "João do Mato", um batedor de melado que ligado ao trator, aciona duas pás responsáveis pela movimentação da massa quente de cana, substituindo dessa forma todo um trabalho feito a muque e realizado num espaço maior de horas.

Como o "João do Mato", todo



Orozimbo Anezi: satisfeito com o seu moedor de uva e batedor de melado. Ao lado, a serra circular

feito em madeira bruta, bem rústico, o produtor engendrou mais tarde uma outra máquina, desta vez para facilitar o serviço de moagem de uva na fabricação do vinho. Criou assim, um moedor de uva que separa toda a carcaça do cacho e ainda canaliza o líquido por uma bica. Para acionar o equipamento, seu Orozimbo utiliza uma manivela, mas tem ainda como opção um serviço automático feito com a ajuda do motor elétrico. Completando o seu arsenal em madeira, o produtor montou ainda uma serra circular adaptada no hidráulico do trator, que segundo ele tem poupado muito serviço. "Com esta máquina estou economizando muito tempo. É só ligar o trator, ajustar a táboa, que pode ser de qualquer tamanho e se preparar para empilhar as ripas", explica o produtor, comparando a sua serra com as demais industrializadas.

Na receita de todos esses equipamentos, o que menos existe é sofisticação, afirma seu Orozimbo, dizendo que para fazer qualquer uma das má-

quinas, "basta uma madeira não muito dura, não rachadeira, do tipo cedro ou louro". Com isso, certifica o produtor, que já anda atendendo pedidos por en-

comenda, "se ganha tempo e também qualidade", pois "o melado sai melhor e o vinho mais limpo, sem tanta fortidão".

## O valor do detalhe

Enquanto o pai se dedica à fabricação de equipamentos mais práticos e mais baratos que servem a uma série de atividades da produção diversificada, o filho Roberto Carlos Anezi, de 17 anos, vai ganhando fama pelas cópias de maquinários feitas em miniatura, as quais já foram expostas em empresas revendedoras de equipamentos de



Obras de papelão

Trabalho valorizado pelo detalhe

Ijuí. Interessado pelo trabalho de mecânico desde pequeno, Roberto aproveita as folgas da lavoura para fazer as pequenas peças de papelão, ricas principalmente pelo cuidado de detalhes de acabamento, aprimorados atualmente por um curso de correspondência sobre mecânica.

Para explicar o seu processo de criação, Roberto diz que primeiramente visualiza através de desenho, um modelo retirado em geral de um catálogo e depois constrói peça por peça. Assim ele procedeu para montar o trator Ford 5610, obra que lhe rendeu mais elogios, e também o pequeno Val-

met de aproximadamente 10 centímetros e a colheitadeira New Holland 8040. Todos eles já estiveram para serem vendidos, fato que não aconteceu porque o agricultor não pretende se desfazer das peças antes de confeccionar outras.

O sucesso do trabalho de Roberto pode ser melhor avaliado na variedade de detalhes que cada pequena máquina apresenta, como é o caso do trator Ford, que além da embriagem, freios, bombas injetoras e outras partes do motor, possui também um virabrequim móvel tocado por eixo de papelão.



**UNIMED-IJUÍ**

SOCIEDADE COOPÉRATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA

### PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUÍ-UNIMED

Os associados da COTRIJUÍ, ainda não beneficiados e que desejarem participar do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUÍ-UNIMED, poderão inscrever-se no referido Plano no período de 01.05.90 a 30.06.90, nas Unidades em que entregam sua produção.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 303 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- 1 — Consultas em horário normal de consultório, fora-de-hora, em plantão hospitalar com todos os médicos da área pioneira da COTRIJUÍ, num total de 303 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;
- 2 — Exames de laboratório: atendimento por 34 laboratórios;
- 3 — Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anátomo-patológicos, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, etc.;
- 4 — Fisioterapia;
- 5 — Exames de Raio X;
- 6 — Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;
- 7 — Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo mediante acoplamento com INAMPS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesareanas);
- 8 — Medicamentos hospitalares: quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano, como participações nas consultas, complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carência, etc., encontram-se no folheto COTRIJUÍ-UNIMED à disposição nas Unidades da Cooperativa.

#### ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA

Os usuários podem utilizar a assistência odontológica em Ijuí, pelo sistema de Serviços Prestados, pagando o custo pela tabela da UNIODONTO CENTRO-OESTE — Sociedade Cooperativa de Serviços Odontológicos Ltda.

O sistema funciona da seguinte maneira:

- 1 — O usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;
- 2 — De posse do orçamento, o usuário se dirigirá à UNIMED onde pagará previamente o custo orçado.

# Programa para todo o ano

Os resultados da produção de peixes registrados durante a Páscoa foram significativos e devem estimular um programa de comercialização permanente

A construção de aproximadamente 200 açudes durante os últimos três anos, mais os resultados obtidos em algumas das unidades da Cotrijuf, na ocasião da Semana Santa, trazem um reforço para a piscicultura na região. Foram mais de 33 toneladas recebidas pela Cotrijuf, as quais, embora estejam abaixo das estimativas estão distribuídas de forma significativa em unidades que conseguiram elevar consideravelmente os seus níveis de produção. Um desses casos é Chiapetta e o mais destacado Ajuricaba — 22 açudes abertos. As duas unidades, contudo, atingiram, neste ano, a auto-suficiência no abastecimento.

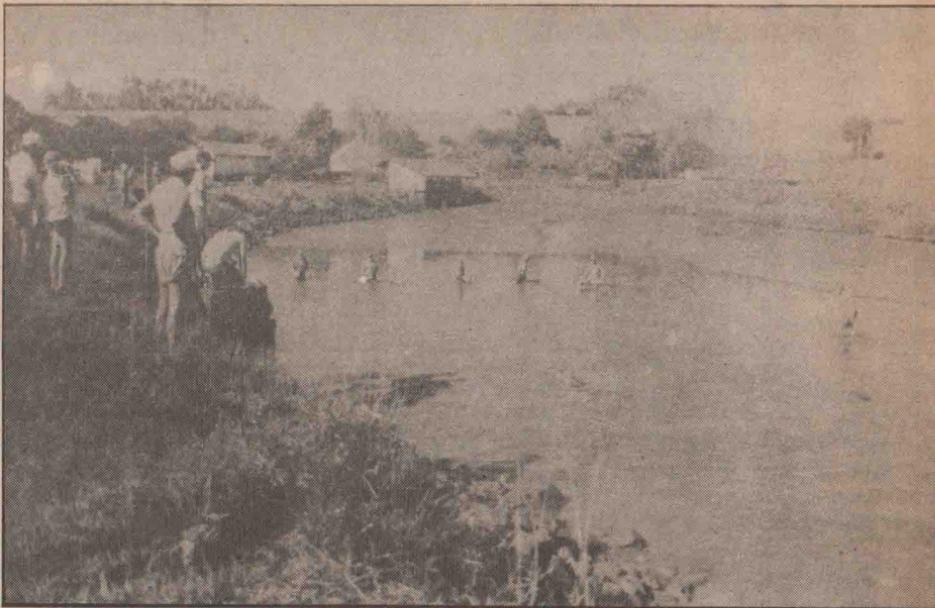
Como suporte de apoio a essa produção está o aumento das obras, feitas em grande parte via convênio com a Secretaria da Agricultura do Estado e parte via programa da Legião Brasileira de Assistência. Apesar de os poucos não apresentarem condições boas de manejo, a grande maioria, como ressalta o técnico da Cotrijuf, Pedro Pittol, responsável pela orientação das construções, "é feita dentro de um sistema prático de retirada de água que permite a oxigenação em níveis ideais permanentes".

Além disso, constata Pittol, a

partir desses programas, um número maior de produtores passou a incorporar uma série de informações não somente a respeito do manejo da água, como também da alimentação do peixe e da correção e adubação do açude. A elas se somou uma boa oferta de alevinos oriundos do CTC, especialmente das espécies carpa capim e húngaras, cabeça grande e prateada, responsáveis pelos melhores rendimentos nos açudes.

**AUMENTO DA PRODUÇÃO** — Diante desses fatores, o técnico acredita que a produção em piscicultura possa alcançar melhores resultados neste ano, desde que o produtor interessado pela atividade "não esqueça de dar atenção necessária a atividade". É importante destacar, diz ele, que além da contribuição que esses açudes, implantados em 88 e 89, registram na safra da Páscoa, o programa piscicultura visa basicamente uma comercialização de peixe para todo o ano.

Para colocar este objetivo em prática é necessário, segundo Pittol, não descuidar de vários pontos do manejo e, principalmente, da importância de manter-se na propriedade dois açudes, sendo um deles de menor tamanho. Isso porque, explica o técnico, durante a época de Páscoa, todo o pei-



Piscicultura

Abertura de novos açudes com manejo adequado para garantir comercialização permanente

xe é comercializado, e o açude, no caso de ser único, acaba ficando ocioso. Do contrário, o produtor poderá passar para o açude grande aqueles alevinos de aproximadamente meio quilo, os quais foram colocados no açude menor, lá pelo mês de novembro.

As condições dos açudes, no entanto, também são fundamentais, ressalta Pittol, citando em primeiro lugar a esterilização com cal virgem antes da colocação dos alevinos. Esta esterilização deve ser feita nas vertentes e poças de água, para que após oito dias (prazo para a entrada dos alevinos) passe a atuar como calcário e portanto a corrigir o açude.

O técnico chama atenção ainda para instalação de filtros de tela na entrada de água, os quais impedirão a infestação de predadores e o número de peixes a serem colocados, de acordo

com as características de cada açude. "Não pode haver excesso de população", destaca Pittol dizendo que se o açude for abastecido por água de sanga ou riacho, o produtor deve considerar um peixe por três metros quadrados de água. Em caso de vertente, a proporção pode ser de um peixe por oito metros quadrados.

Por último, Pittol reforça ainda a distribuição equilibrada das espécies. De acordo com ele, uma boa medida é feita por 70 por cento da carpa espelho ou húngara, 10 por cento de carpa capim, 10 por cento de carpa prateada e 10 por cento de carpa cabeça grande ou nilótica. Em setembro ou outubro o açude pode receber uns cinco por cento de traíras, para efeito de controle da desova dos peixes ocorrida nesta época.

## A safra da Páscoa

Mais do que a construção dos novos açudes, o que tem refletido o interesse pela piscicultura na região são os resultados obtidos por alguns produtores nas unidades da Cotrijuf. Tradicionais ou não, estes produtores chegam, às vezes, a se surpreender com a produtividade das espécies como a carpa húngara e capim, e com a receita colhida pelo produto, principalmente quando comparada a outras atividades.

Hédio Weber, por exemplo, proprietário de 72 hectares em São João e associado na unidade de Chiapetta, diz que ele e o sogro, Alberto Seifert, nem esperavam alcançar os cerca de cinco quilos em média, com as carpas e o pacu, criados em um pequeno açude de 0,4 hectares. É claro que para conseguir este feito, que lhe rendeu mais de uma tonelada em peixe durante a Semana Santa, o produtor entrou a explicação na alimentação e qualidade do animal, considerados por ele, aspectos fundamentais da atividade.

**MAIOR DESPESA** — "Sempre tratamos bem do açude", afirma Hédio, que mesmo não possuindo o sistema de consórcio direto de suínos ou aves sobre a água, alimenta os animais com o resíduo dos chiqueiros — esterco e restos de ração —, resíduo da multiplicação de grãos, pasto verde e uma infinidade de sobras de culturas existentes na propriedade. Neste ano, no entanto, também contou para os bons resultados de produção registrados pelo produtor, a introdução de espécies mais produtivas recomendadas



Prauchner  
A melhor produção na região

pelo setor de piscicultura do CTC.

Chamando atenção para os cuidados que a piscicultura merece, "como qualquer outra atividade em que se busque rendimento", Hédio conclui que "o peixe dá dinheiro", já que ele não exige comida especial e nem requer grandes investimentos. Segundo ele é até bastante rentável, pois além do peixe que é consumido todo ano pela família, ele alcançou com toda a produção algo em torno de 54 mil cruzeiros. Uma quantia aparentemente irrisória, mas que, de acordo com o produtor, pode ser convertida em diesel — quatro mil litros —, "combustível necessário para colher uma área de 100 hectares de soja ou para o plantio de 50 hectares de trigo, considerando os valores atuais do custo das lavouras", exemplifica.

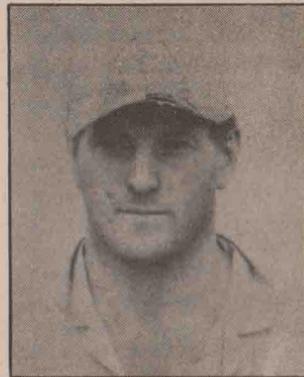
**A MAIOR DESPESA** — Mas se alguém pode se considerar bem remunerado nesta última safra do peixe, foi o seu Edgar Prauchner, da Linha 14, em Ajuricaba. Dos seus dois e meio hectares de açudes, um grande e um menor



Hédio  
Satisfeito com os rendimentos

para transferência de alevinos, o produtor conseguiu tirar a maior produção por açude em toda a área da Cotrijuf: quase cinco toneladas de peixe, os quais ao serem comercializados renderam ao produtor mais de 195 mil cruzeiros, descontados aqui todo o gasto em alimentação, mão-de-obra e compra de alevinos.

Como tradicional produtor de peixes, Prauchner já sabe, há um bom tempo, onde buscar estes resultados, que estão seguramente ligados às me-



Oldemar  
O saldo poderia ser melhor, caso algumas espécies respondessem com maior produtividade

lhores condições do açude, através da sua correção, aproveitamento integral de todo resíduo produzido na lavoura e o sistema de consórcio de suínos com peixes instalado no açude. O manejo adequado dos açudes e o melhoramento das espécies não estão presentes somente na propriedade de Prauchner, mas em várias outras onde a safra da Páscoa registrou resultados próximos do mil quilos e até mais do que isso. Ao todo a unidade fechou, só em recebimento na Cotrijuf, mais de 12 toneladas de peixe no período.

Em Ijuí os resultados também foram significativos, embora alguns reconheçam que nem todas as espécies responderam à altura de sua potencialidade. É o caso de Oldemar Berbaun, filho de Walter Berbaun, tradicional produtor de peixe da Linha 4 Oeste. Segundo Oldemar, os três mil e 500 quilos obtidos dos três hectares de açudes, poderiam ter melhor remuneração caso algumas espécies, tipo a carpa comum, fossem mais produtivas. Ainda assim, "a soma deste ano foi melhor", analisa Oldemar, salientando os 200 mil cruzeiros brutos que o peixe trouxe para a propriedade.



A higiene do estábulo é fator importante...  
... na prevenção da mastite

## Prevenção da mastite

João Carlos Schiffer

Os animais destinados a produção leiteira devem apresentar uma boa saúde para, conseqüentemente, terem condições de expressar ao máximo sua carga energética. Dessa constatação, vem a importância de se conhecer as principais doenças que atingem os animais com sérios prejuízos para a atividade leiteira e que, de qualquer forma, precisam ser prevenidos.

A mastite é uma destas doenças. É uma inflamação aguda, crônica ou ainda subclínica do úbere da vaca, presente na maioria das propriedades e interferindo no nível de produtividade dos animais doentes. A mastite crônica ou aguda é fácil de ser diagnosticada, por esta razão, não trazendo tanta dor de cabeça ao produtor. Já a mastite subclínica, por suas características de não se manifestar clinicamente no animal e nem poder ser detectada no leite, pode trazer grandes prejuízos ao produtor. Por esta razão, a necessidade do produtor ficar atento para algumas medidas preventivas, se quiser evitar prejuízos econômicos, já que a doença pode se alastrar por todo o rebanho.

As perdas econômicas que um animal contaminado com mastite pode ocasionar na propriedade são:

- Maior tempo no manejo higiênico do animal. A ordenha deverá ser manual;
- Transmissão da doença aos demais animais do rebanho;
- Custo do tratamento. Um tratamento básico, para apenas um teto está custando entre 90 a 100 litros de leite ao preço que o produtor recebe;
- Perda na funcionalidade normal do teto da vaca. A reação de cura do teto ocorre uma perda do tecido glandular secretor, provocando também perdas na capacidade produtora do animal;
- Os animais cronicamente afetados deverão ser substituídos por outros;
- Vacas com todos os tetos afetados pela mastite, deverão ser "secados", reduzindo o período de produção;
- Redução na produção. Animais afetados chegam a reduzir 26 por cento do volume produzido;
- Todas estas perdas vão ocasionar, obviamente, uma redução na remuneração do produtor.

Para prevenir a mastite, o produtor deverá tomar alguns cuidados importantes, relacionados com a atividade, procurando, sempre, dar uma atenção especial à questão "higiene". Algumas medidas preventivas a serem seguidas:

- **Manejo** — evitar, antes da ordenha, o stress do animal. Correrias ou outros traumatismos quaisquer, podem impedir a descida normal do leite.
- **Sala de ordenha** — a higiene da sala de ordenha é importante. Sala suja, escura, com moscas e galinhas ou suínos transitando, é um foco certo de contaminação. A presença de moscas ou outros animais, além de contaminar

o ambiente, facilita a contaminação do animal. A sala deve ser ventilada e clara. O uso de água corrente na limpeza do ambiente é uma medida higiênica de grande valia.

- **Seqüência de ordenha** — é importante que as novilhas sejam as primeiras a serem ordenhadas, seguida das vacas que nunca tiveram mastite. As vacas doentes devem ficar por último. Assim, o produtor estará evitando que a contaminação se propague, através de suas mãos, para o resto do rebanho.

- **Cuidados do ordenhador** — a higiene do ordenhador é fundamental para se evitar a transmissão de agentes que venham causar a infecção. Roupas adequadas e limpas, cabelos amarrados e unhas aparadas fazem parte dos requisitos exigidos para que um ordenhador desempenhe a sua função eficientemente.

- **Preparo do úbere** — o úbere, antes da ordenha, deve ser muito bem lavado com água abundante e a secagem feita com papel/toalha. Evitar o uso de toalha de pano para mais de um animal, pois facilita a contaminação.

- **Ordenhadeira** — pode ser o maior veículo de contaminação se os animais ordenhados estiverem doentes e as teteiras não forem desinfetadas corretamente. Essa desinfecção é feita através de uma lavagem bem feita com água corrente e uma solução de desinfetante. O tempo de atuação do desinfetante gira em torno de 3 a 15 minutos. Dependendo do número de animais, o produtor pode manter na propriedade dois conjuntos de ordenhadeiras. Outros cuidados em relação a ordenhadeira: as borrachas, que tem tempo de uso limitado e que também podem se transformar em focos de contaminação; pressão; vácuo e pulsador do aparelho. A alternância do vácuo deve ficar entre 40 a 50 pulsações por minuto, a pressão entre 0,35 e a atmosfera em 0,5. As teteiras precisam ser retiradas logo que pare de sair o leite, evitando, desta forma, que a sucção sem leite provoque lesão nos tetos.

- **Desinfecção das tetas** — a desinfecção pós-ordenha é uma prática segura na prevenção da mastite e consiste na lavagem dos tetos com uma solução desinfetante logo depois de concluída a ordenha. Esta prática tem o objetivo de impedir que as bactérias que rodeiam os tetos possam se alojar no canal do mesmo que, após a ordenha permanece aberto por um período de 5 a 10 minutos. Além das fórmulas comerciais existentes, o produtor pode se utilizar de uma recomendação à base de tintura de iodo — 200 ml — mais cozimento de linhaça — 200 ml. Ele prepara a solução fervendo 100 gramas de linhaça em 2 litros de água durante 15 minutos. Coar enquanto quente. Adicionar a tintura de iodo e misturar até a obtenção de uma mistura homogênea e viscosa (Pianta, 1983).

João Carlos Schiffer é médico veterinário da Cotrijuí, Regional Pioneira

## COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário  
Alaor José Daltrozo — tecnólogo em cooperativismo

### LEITE ÁCIDO

A plataforma de Recebimento de Leite de Ijuí é uma das poucas em toda a área de abrangência do Serviço de Inspeção Federal na região e que tem sede em Ijuí, que ainda vem recebendo leite ácido. É verdade que o volume de recebimento de leite ácido que, em determinadas épocas chegou a alcançar 15 por cento da produção, hoje mal chega a 1 por cento, resultado de um trabalho realizado pela Cotrijuí e seu departamento técnico com os produtores e transportadores. Considerando o fato de que quem leva a pior no caso do leite ácido é o próprio produtor, que passa a receber preços irrisórios pelo produto, a Comissão de Produtores de Leite de Ijuí andou discutindo o assunto e decidiu tomar uma atitude em relação ao problema. Todo o leite com acidez acima de 18° D e que chegar na plataforma de Ijuí, será devolvido no mesmo tarro, devidamente desnaturado, com a recomendação de que o produto não será destinado a alimentação animal. Este procedimento, a entrar em vigor a partir de 1° de julho, já vinha sendo reivindicado pelos próprios produtores. Já o leite condensado por aguagem, desnate e outros tipos de fraude, não será devolvido ao produtor por configurar um tipo de adulteração do produto de modo intencional.

### PAGAMENTO DO LEITE

Com a estabilização da escalada inflacionária, a CCGL não mais antecipará, pelo menos momentaneamente, o pagamento de parte do leite por o dia 1° de cada mês como vinha fazendo. Conseqüentemente a Cotrijuí seguirá a escala de preços e pagamentos adotados pela própria Central de Leite e que, por ora, deverá ter seu início no dia 20 de cada mês subsequente ao mês de entrega da produção. Se houver mudanças na política de pagamentos certamente a Cotrijuí deverá consultar a Comissão de Produtores de Leite para adotar novas medidas e procedimentos.

### O SAL COMUM NA DIETA DOS ANIMAIS

Constituído por dois tipos de minerais — o sódio e o cloro —, o sal comum é tão importante na dieta dos animais quanto o fornecimento de grãos e pastagens. As reservas de cloro e sódio disponíveis no organismo dos animais mais bovinos são limitadas; por este motivo a necessidade de fornecimento diário do sal em cocho fechado. Os sintomas de deficiência de sódio e cloro são: falta de apetite; ânsia por sal; pelagem áspera; perda de peso; produção decrescente de leite; crescimento reduzido — no caso de animais novos — e apetite depravado — os animais lambem o pelo de outros animais. Na prática o consumo de sal comum ocorre da seguinte forma:

- Temeiros — dosagem mínima de 10 gramas por dia.
- Novilhas e vacas secas — dosagem mínima de 30 gramas por dia.
- Vacas em lactação — dosagem mínima de 40 a 60 gramas por dia.

É importante observar que o animal se auto-regula e passa a comer em proporção quase que exatas às quantidades citadas, desde que tiver disposição. Também é importante incluir um por cento de sal comum às rações. O produtor deve ter o cuidado de obedecer mais esta prática de manejo, pois afeta diretamente a produção de leite do animal.

### SECAGENS DE VACAS LEITEIRAS

A secagem é um procedimento muito importante a ser observado no manejo dos animais produtores de leite. Num período de 50 a 60 dias antes do parto, toda a vaca de leite deve ter sua lactação interrompida. A importância da "secagem" da vaca está no fato de que o animal precisa ser preparado para iniciar uma nova lactação. Diante disto, se faz necessário acumular algumas reservas, principalmente de gorduras que poderão ser usadas no início da lactação. Está comprovado que as vacas que não tiverem período de reabilitação, poderão apresentar uma redução de até 30 por cento no volume de leite produzido quando não "secas". Uma vaca de leite pode ser "secada" através da suspensão da ordenha e da ração animal. O produtor também pode fazer a secagem de forma mais lenta, utilizando o seguinte critério:

- Suspendendo o fornecimento de ração;
- Cortando o fornecimento de água por um dia;
- Espaçando a ordenha da seguinte forma: no primeiro dia, tirar leite apenas uma vez; no segundo dia, tirar só à tarde; no terceiro dia não fazer a ordenha; no quarto dia só tirar leite pela manhã, suspendendo a ordenha nos dias seguintes.

O uso de produtos capaz de evitar a instalação de germes e uma possível mastite, só deverá ser ministrado no último dia da ordenha.

# CALENDÁRIO

## TRIGO

### Novas variedades

BR-37 e BR-38 são duas novas variedades de trigo, precoces, com lanças aprovadas durante a 22ª Reunião da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo, realizada no Instituto de Pesquisas Agrônomicas - Ipagro, Universidade da Agricultura e Abastecimento. Elas são oriundas do Centro de Pesquisa de Trigo da Emater, instalado em Passo Fundo.

O encontro reuniu cerca de 100 técnicos - a maioria técnicos de pesquisa do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná - que dis-

cutiram os resultados obtidos na execução dos projetos de pesquisas desenvolvidos no ano de 1989.

A 22ª Reunião da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo foi coordenada pelos agrônomos Luiz Waldmann e João Manoel Pompeu, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento. Eles fizeram recomendações técnicas para o corrente ano, que deverão ser publicadas sob o título "Recomendações da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo para o Ano de 1990".

## AGROTÓXICOS

### Pouca procura

Pouca procura. Desta forma o técnico Peri Korb, da Emater de Ijuí, tem o interesse dos agricultores e produtores do município em relação ao uso de agrotóxicos armazém da região. No escritório da

### A programação do CTC

#### • ABRIL

Durante o mês de abril, o CTC realizou visitas e realizou as seguintes atividades e encontros.

Visita ao curso de Enfermagem da Universidade de Cruz Alta. Os 24 alunos conheceram os trabalhos realizados no CTC e também a importância da agricultura e que tipos de doenças podem acontecer e como evi-

tar. Além de conhecer o CTC, os agricultores e filhas de associados da Emater de Cruz Alta. Objetivo da visita conhecer o CTC e o trabalho realizado na área de gado leiteiro.

Visita aos técnicos e um veterinário da Secretaria da Agricultura do município de São Borja. Além de conhecer o CTC, os técnicos e veterinário apresentaram novas propostas de diversificação para serem empregadas na região.

Visita ao Secretário Municipal de Agricultura e Comércio e Meio Ambiente de Santa Rosa, Cláudio Klein, para conhecer os trabalhos realizados

na Secretaria de Agricultura do município de São Borja.

Visita ao Campo com representantes do Centro de Intercâmbio e Troca de Experiências. O grupo, depois de participar de uma palestra do agrônomo Miguel de Souza, visitou os trabalhos que estão sendo conduzidos nas hortas e a Estação de Pisca-Piscado.

Visita de Supervisores da Cotrijuí. Reunião com produtores para avaliação do recebimento de peixes na Residência.

#### • MAIO

Visita de três turmas do Curso de Técnico Agrícola do Imeab; visita ao Estádio Agrícola de Palmeira das

Carazinhas.

Emater, segundo o agrônomo, apenas cinco produtores preencheram o cadastro. Esse material cadastrado e que integra a Campanha de Higienização, lançada pela Sargs para ser executada pela Emater e cooperativas com o apoio de órgãos estaduais e municipais, será recolhido pela Secretaria de Saúde, através do departamento de Meio Ambiente.

Embora o interesse pelo preenchimento dos cadastros tenha sido pequeno, o Peri Korb acredita que ainda existe muito veneno espalhado pela região, armazenado de forma inadequada. Muitos agricultores nem sabem mais que veneno têm guardado, diz ainda Peri lembrando que, durante a campanha que oficialmente já se encerrou, foram achados produtos à base de arsênico, mercuriais e clorados guardados em galpões sem muita proteção.

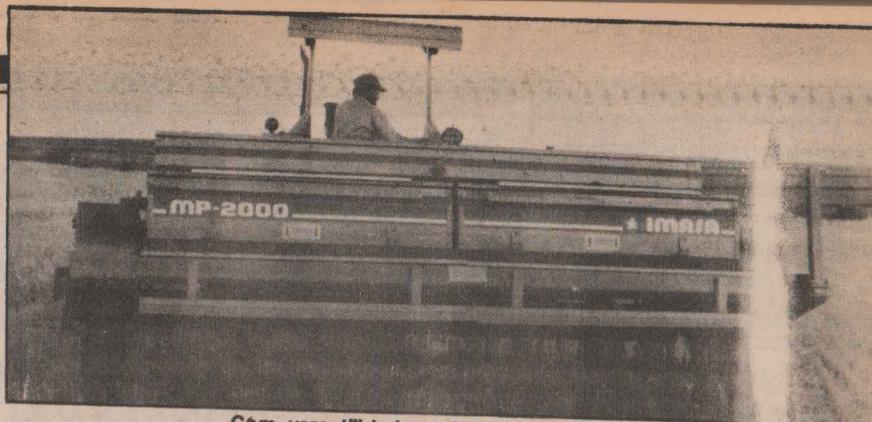
## CUSTOS

### O uso do maquinário

O plantio das culturas de inverno já está em andamento. Neste tempo de falta de liquidez, no entanto, é preciso ficar de olho nos gastos. A tabela abaixo dá uma idéia de quanto um produtor pode gastar com o uso das máquinas para preparar a terra, semear, combater os inços e fazer a colheita

CUSTO DAS OPERAÇÕES DE MÁQUINAS EMITIDO EM 15.05.90 - DIRETORIA AGROTÉCNICA

Num	Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
001	Trator 62 CV	198,05	1,75	139,80	108,00	447,60	0,00	0,00	447,60	0,00	0,00
002	Trator 77 CV	230,95	2,04	163,02	126,00	522,00	0,00	0,00	522,00	0,00	0,00
003	Trator 82 CV	256,19	2,26	180,84	144,00	583,29	0,00	0,00	583,29	0,00	0,00
004	Trator 95 CV	286,54	2,53	202,26	162,00	653,32	0,00	0,00	653,32	0,00	0,00
005	Trator 110 CV	331,93	2,93	234,30	216,00	785,15	0,00	0,00	785,15	0,00	0,00
006	Trator 118 CV	371,62	3,28	262,32	234,00	871,22	0,00	0,00	871,22	0,00	0,00
020	Automotriz 110 CV	964,80	9,05	723,60	252,00	0,00	1,949,45	0,00	1,949,45	0,90	2,166,06
021	Automotriz 123 CV	1,014,40	9,51	760,80	270,00	0,00	2,054,71	0,00	2,054,71	0,90	2,283,01
027	Arado 3 discos	61,33	0,24	27,26	0,00	0,00	0,00	88,83	672,12	0,48	1,400,25
028	Arado 4 discos	77,39	0,30	34,40	0,00	0,00	0,00	112,09	695,38	0,48	1,448,71
030	Grade aradora 16 discos	145,80	0,57	64,80	0,00	0,00	0,00	211,17	794,46	1,06	749,49
031	Grade aradora 22 discos	166,02	0,65	73,79	0,00	0,00	0,00	240,45	823,74	1,06	777,11
032	Grade niveladora 32 discos	103,32	0,40	45,92	0,00	0,00	0,00	149,64	732,93	1,59	460,96
033	Grade niveladora 36 discos	122,73	0,48	54,55	0,00	0,00	0,00	177,76	761,05	1,59	478,65
034	Subsolador P 5 pés	34,09	0,13	15,15	0,00	0,00	0,00	49,38	632,67	0,76	832,46
035	Subsolador - T 5 braços	52,74	0,21	23,44	0,00	0,00	0,00	76,38	659,67	0,32	2,061,47
036	Semeadeira adubadeira 13L	173,86	0,68	96,59	0,00	0,00	0,00	271,12	854,41	1,77	482,72
037	Semeadeira adubadeira 15L	189,71	0,74	105,39	0,00	0,00	0,00	295,84	879,13	1,77	496,68
038	Plantadeira - D 5 sulcos	213,92	0,83	118,85	0,00	0,00	0,00	333,60	916,89	0,93	985,90
039	Plantadeira - D 6 sulcos	233,42	0,91	129,68	0,00	0,00	0,00	364,00	947,29	0,93	1,018,59
040	Distribuidor calcário 1 T	85,16	0,33	47,31	0,00	0,00	0,00	132,81	716,10	0,93	770,00
041	Distribuidor calcário 5 T	105,58	0,41	58,66	0,00	0,00	0,00	164,65	747,94	1,55	482,54
042	Terraceador B estrada 2D	53,91	0,21	23,96	0,00	0,00	0,00	78,09	661,38	0,37	1,787,51
043	Terraceador Base Larga	86,04	0,33	38,24	0,00	0,00	0,00	124,61	707,91	0,22	3,217,77
044	Capinadeira mecânica 6 pés	34,50	0,13	15,33	0,00	0,00	0,00	49,96	633,25	1,24	510,69
045	Pulverizador Jacto 600 L	139,16	0,54	61,85	0,00	0,00	0,00	201,55	784,84	1,64	478,56
046	Pulverizador Jacto 2,000 L	219,24	0,85	97,44	0,00	0,00	0,00	317,53	900,82	1,64	549,28
047	Atomizador Jacto 400 L	99,20	0,39	44,09	0,00	0,00	0,00	143,68	726,97	1,64	443,27
048	Carreta agrícola 6 T	58,18	0,24	20,53	0,00	0,00	0,00	78,95	662,24	1,33	497,92



Com versatilidade, a MP-2000 permite a...  
...semeadura de diversas culturas tanto em plantio direto como em convencional

### MP 2000 — tecnologia em nova dimensão

A Imasa - Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S/A, após o sucesso alcançado pela Multiplantadeira MP-1600 - Prêmio Gerdau Melhor da Terra de 1988 - está lançando no mercado a mesma tecnologia em maior dimensão: a MP-2000.

Com notável versatilidade, a MP-2000 permite a semeadura de inúmeras culturas - soja, milho, trigo, arroz, ervilhaca, algodão, girassol, entre outras -, tanto em plantio direto como no convencional, nos mais variados espaçamentos - 0,16 a 1,0 metros - devido ao seu inédito sistema dosador de sementes e seu conjunto de linhas sulcadoras.

A MP-2000 é capaz de proporcionar rendimento operacional, utilizando um número de linhas superior ao das máquinas existentes: 9 para a soja, 4 para o milho e 20 para o trigo, arroz e aveia.

Nos seus 304 centímetros - largura útil - a máquina concentra a sua capacidade de carga: 380 quilos para semente e 950 quilos para adubo. Os dois pistões hidráulicos facilitam arrematar na lavoura, trabalhando com apenas metade da máquina, transformando de maneira simples e prática, alta tecnologia em grande versatilidade. Maiores informações a respeito da plantadeira MP-2000, podem ser obtidas na Imasa, avenida 21 de Abril, 775, em Ijuí ou pelo telefone (055) 332-1233.

## SERVIÇOS

### Cutelaria brasileira bem aceita no interior

A cutelaria e utensílios domésticos brasileiros são cada vez mais aceitos nos mercados externos. A Gazola, empresa de Caxias do Sul, está exportando para 37 países, sendo hoje uma das maiores do Brasil, em seu ramo, à base de aço inoxidável.

Empregando cerca de 600 funcionários, a maioria altamente especializados, dispõe de elevada tecnologia, para atingir a qualidade dos produtos.

Um dos mercados que a Gazola vem intensificando contatos para con-

quistar, e o México, de onde retornou, há dias, seu gerente de exportações, Julio Gazola. Segundo o industrialista, atualmente o México é dos mercados mais promissores na América Latina, devido a sua estabilidade política e econômica, obtida após a redução da inflação verificada no país.

Além do mais, lembra Julio Gazola, o México possui muitas afinidades culturais e de costumes com o Brasil, o que pode se revelar em bons negócios nos dois sentidos.

Sem muito o que comemorar, o Dia Mundial de Conservação de Solos foi marcado por um encontro de reflexão envolvendo direção e técnicos da Cotrijuf e imprensa de Ijuí. No balanço da situação, a constatação de que o Programa de Recuperação de Solos da Cotrijuf precisa retornar para que um grande número de agricultores possa permanecer na terra, através do aumento da produtividade



Até quando os produtores de soja da região vão poder sobreviver colhendo, em média, 1.800 quilos por hectare? Essa questão foi levantada pela direção e técnicos da Cotrijuf num encontro de reflexão e que também serviu para assinalar o Dia Mundial de Conservação do Solo. De que forma aumentar a produtividade e tirar o agricultor do estado de empobrecimento em que hoje se encontra? insistiram ainda os técnicos preocupados com a situação e apontando a conservação do solo como única saída não só para reverter o quadro como também capaz de assegurar mais eficiência na propriedade rural.

A preocupação com o solo não é uma coisa nova na região. Lá pela década de 50, muito antes do domínio do binômio trigo e soja, já se falava no assunto. Um movimento, pioneiro pelas suas características, originou a primeira Associação Conservacionista de Solos do país. Foi por esta época que o sistema de terraceamento começou a se propagar pela região como sinônimo de conservação de solo. Sem dúvida que o terraceamento de base estreita foi uma prática que cumpriu com a sua finalidade, assinala o agrônomo Rivaldo Dhein, do Centro de Treinamento da Cotrijuf, com especialização na área de solos, destacando o pioneirismo da região e apontando para a necessidade de se alcançar avanços mais significativos nesta área. Hoje, observa ainda, felizmente o agricultor já está mais consciente de que terraceamento e conservação de solo não são a mesma coisa.

**OUTRAS PRÁTICAS** — Mas foi somente a partir da década de 80, com o desenvolvimento do Projeto Integrado de Uso e Conservação do Solo, lançado a nível estadual, que se passou a dar maior ênfase e atenção a outras práticas mais culturais de conservação de solos, como a rotação de culturas, a manutenção da resteva, o menor trânsito das máquinas na lavoura, a cobertura vegetal, entre outras. Nesta época já se sabia, embora poucos dessem importância, de que a conservação de solos se faz fundamentalmente cobrindo o solo com vegetação, destacou Rivaldo durante o encontro que também contou com a presença dos veículos de imprensa da região e técnicos da Emater de Ijuí.

O binômio trigo e soja resultou em imensas áreas descobertas na Região Pioneira, principalmente durante os meses de inverno. O trigo ocupava apenas metade da área cultivada com a soja no verão. O restante da área, cerca de 50 por cento, permanecia descoberta, sujeita a ação das chuvas e do vento. Mas um programa de diversificação das atividades na propriedade lançado pela Cotrijuf na região não só reduziu a ação do binômio trigo e soja, como também vem sendo apontado como responsável pela redução do percentual de área descoberta nos meses de inverno que baixou dos 50 para 10 por cento. Temos hoje 250 opções de cultivo tanto de origem animal como vegetal a oferecer aos agricultores, admite Rivaldo, sem desconhecer no entanto, a força das culturas trigo e soja, ainda responsáveis por 40 por cento da produção da região.

Ao citar dados levantados no CTC e coletados desde 1976, o Rivaldo queria mostrar que a cobertura do solo é uma prática conservacionista por excelência, "que pode reduzir as perdas de solo em 97 por cento". No entanto as perdas de água continuam acentuadas. Apenas 50 por cento da água fica retida na lavoura, enquanto o restante escorre coxilha abaixo, diz Rivaldo, mostrando-se preocupado com o armazenamento dessa água. Ele aponta o terraceamento como uma das opções possíveis de ser adotada para se evitar perdas de água que necessitaria ficar armazenada na lavoura.

**AS MICROBACIAS** — É neste ponto da questão que entra o trabalho de microbacias que vem sendo

## CONSERVAÇÃO DO SOLO

# O desafio de aumentar a produtividade



Direção e técnicos da Cotrijuf, representantes da Emater e... a imprensa de Ijuí em encontro que assinalou o Dia Mundial de Conservação do Solo

feito na região, abrangendo, além do aspecto "conservação de solos", outras áreas como da educação e saúde. Pelo incentivo ao terraceamento de base larga e outras práticas conservacionistas, o trabalho de microbacias vem contribuindo para a conservação das estradas municipais na medida em que consegue inverter o processo de circulação da água, escorrendo da estrada para a lavoura, destaca o agrônomo.

disse ainda o agrônomo considerando a programação da propriedade como fator importante para o sucesso de qualquer empreendimento. É uma técnica que cada e que exige alguns pré-requisitos que precisam ser considerados, disse ainda Airton de Jesus, lembrando que no Paraná o sistema só deu certo porque os agricultores trabalham com soja num ano e milho no outro.

O trabalho mais adiantado da Microbacia do Arroio Três Negros, na estrada de acesso ao CTC, é a microbacia — uma das que vem sendo feitas na área de atuação da Cotrijuf — envolve 120 famílias e 2.780 hectares num trabalho totalmente integrado onde, além do manejo das lavouras e estradas, entra forte a questão da diversificação de culturas. O trabalho na microbacia do Arroio Três Negros é o resultado de soma de esforços da Cotrijuf, Emater, Prefeitura Municipal de Ijuí e Unijuf, Imasa, etc.

**PLANTIO DIRETO** — E o plantio direto, é ou não uma prática de conservação de solos?, quiseram saber os jornalistas presentes ao encontro. O plantio direto, respondeu Rivaldo, é uma das últimas fases do processo de conservação do solo. O produtor só vai obter sucesso no sistema, depois de ter terraceado a sua propriedade, compactado o seu solo, corrigido as terras e feito rotação de culturas. O plantio antes de preencher estes requisitos, é como colocar a carroça na frente dos bois. Muitos problemas vão ocorrer na certa. É uma prática que precisa ser iniciada em cima de uma área em condições, alerta ainda o agrônomo para quem o sistema vai apresentar um grande avanço neste inverno.

Plantio direto significa fertilidade e rotação de culturas, completa o agrônomo Airton de Jesus da Unidade de Ijuí. Nenhum produtor, em função das pragas, consegue sobreviver fora do monocultura de trigo e milho.

## Os resultados do Programa

O empobrecimento dos solos da região levou a Cotrijuf a lançar, em 1988, um Programa de Recuperação de Solos. Segundo o Airton de Jesus, agrônomo responsável pela área de solos na Região Pioneira, o projeto foi elaborado a partir de levantamento feito nas propriedades rurais da região. O levantamento mostrou que, de um total de 340 mil hectares de terras cultiváveis na Região Pioneira, 167 mil hectares necessitavam de correção da acidez; 105 mil, além da acidez, necessitavam de correção de fósforo e 110 mil hectares, de correção do potássio.

O programa teve o apoio do Banco do Brasil como órgão financiador e pretendia, num prazo de três anos, recuperar 180 mil hectares de terra. Mas como os recursos não saíram, a Cotrijuf assumiu os financiamentos enquanto teve fôlego para resistir. Ao atingir uma área corrigida de 40 mil hectares, foi obrigado a suspender o programa, "mas com resultados que já podem ser quantificados", assinalou Airton de Jesus referindo-se aos produtores que fizeram correção e que nesta safra estão colhendo, em média, 3.500 quilos por hectare contra os 1.800 quilos colhidos em áreas onde não foi feita a correção. Essa produtividade, segundo o agrônomo, pode ser comparada a dos países mais desenvolvidos e que usam as melhores tecnologias para a soja. Uma produtividade média de 1.800 quilos por hectare, frente aos altos custos de produção inviabiliza qualquer propriedade.

**RETOMADA** — O diretor presidente da Cotrijuf reconhece a necessidade de se retomar o Programa de Conservação de Solos, mas deixou claro que qualquer decisão está na dependência da definição de linhas de crédito. O que mais nos angustia é saber que o projeto tem que andar, mas faltam recursos, disse Meira para o qual, o ideal seria que o presidente Collor liberasse parte dos recursos retidos para que fossem aplicados em programas que revertessem em maior produtividade.

Para o diretor vice-presidente da Cotrijuf, Celso Sperotto, o produtor mais capitalizado vem conseguindo corrigir suas terras, usando recursos próprios. Enquanto isso, os pequenos, com medo de buscar recursos junto aos bancos e mesmo sabendo dos resultados expressivos, vão ficando para trás. Aquele que conseguiu recuperar 20 por cento de sua área, já está colhendo mais e se capitalizando. Essa é uma grande preocupação porque leva a um distanciamento prejudicial à agricultura, disse Celso Sperotto, preocupado com os problemas sociais do campo que podem aumentar ainda mais em consequência deste distanciamento.

# Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluz da Silva Lucchese

## A vida das abelhas é mesmo doce

Uma colherada de mel faz a gente pensar: quem fabricou essa delícia?

É quase impossível acreditar que não foi nenhuma fábrica moderna, cheia de gente e máquinas. Mas quem fez foi um outro tipo de operário: as abelhas. Para essas operárias não existe greve. Nem patrão. Elas trabalham pela comunidade, que é a colmeia.

Lá dentro é uma mini-cidade com 60 mil abelhas. Se você pensa que acontece algum empurra-empurra com tantas abelhas, pode tirar o cavalinho da chuva. Tudo é organizado, limpo e ninguém reclama de ninguém. Afinal, elas já estão bem educadas.

Apareceram há uns 20 milhões de anos, bem depois dos dinossauros. E se multiplicaram pelo mundo.

Dessa misturada toda, os cientistas já contaram 20 mil espécies diferentes de abelhas. Mas a mais famosa, a estrela da família, é a abelha européia, conhecida no mundo todo como ótima doceira. Ninguém faz um mel como ela.

No Brasil existem várias espécies nativas que fabricam mel. A mais respeitada é a jataí, uma abelha pequenina e delicada, que não tem nem ferrão. Mas a sua vida ainda é pouco pesquisada.

Quem tem a vida mais conhecida pelos cientistas é a abelha européia, a tal doceira internacional.

As abelhas estão cheias de inúmeros pares: duas antenas (que servem de nariz), duas mandíbulas, quatro asas e seis patas. Seu mel é muito apreciado pelos homens. E também por outras abelhas, camundongos e, em certos países, até pelos ursos.

Mas elas não são úteis só porque fabricam mel. Quando passam pelas flores levam o pólen de uma parte a outra, ajudando para que surjam mais flores e frutos.

Os homens, que não são bobos nem nada, descobriram que podiam criar abelhas. Fazem isso há mais de quatro mil anos. E gostam tanto do resultado que um dos momentos mais felizes de suas vidas eles chamam de lua-de-mel.

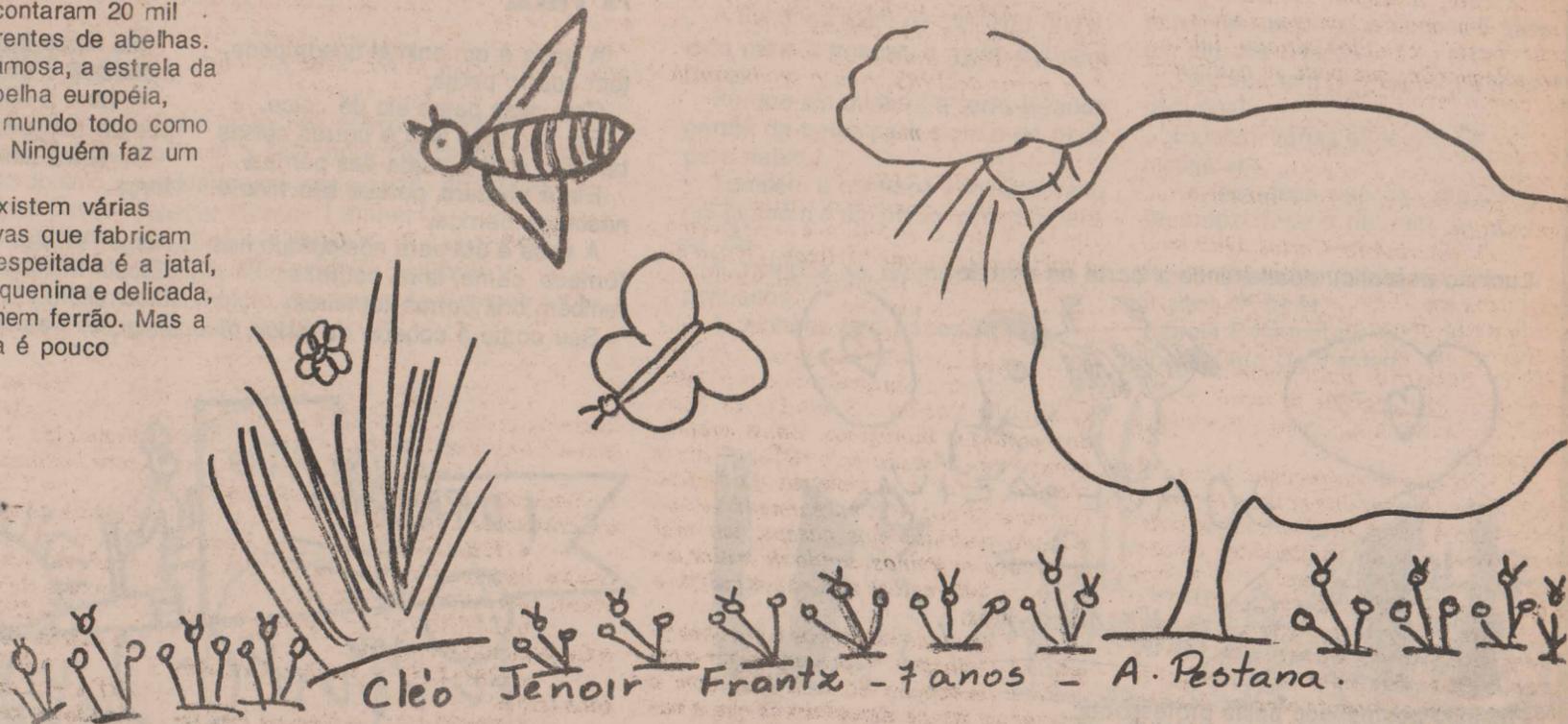
Para produzir o mel, uma abelha precisa de flor. Para uma abelha, voar entre as flores de um jardim deve ser tão gostoso quanto uma criança entrar numa loja de doces.

O que ela faz no jardim? Ela colhe o pólen — um pozinho amarelo — e o néctar — um líquido bem docinho — e leva para a

colmeia. Lá, tudo isso se transformará em alimento. Puro ou na forma de mel.

Toda colmeia tem uma abelha-rainha. Uma rainha que não tem coroa nem trono. Tem muito trabalho. Ela chega a botar mais de dois mil ovos por dia.

Uma abelha vive 45 dias e, desse período, ela faz tudo. Assim, nas colmeias, encontramos abelhas com muitas profissões: abelha faxineira, abelha babá, abelha soldado, abelha pedreiro. Tem até a abelha ventilador que agita suas asas para deixar bem fresquinho o interior da colmeia.



## As crianças da pré-escola no mundo da comunicação e da escrita

Esta experiência foi realizada na Escola Municipal Dona Leopoldina e Davi Canabarro de Ijuí com as turmas da Pré-escola.

Atendendo a uma necessidade do grupo de crianças, desenvolvemos o Centro de Interesse "A Comunicação e a Criança", com o objetivo de oportunizar a livre expressão e a construção de novos conhecimentos.

Para o incentivo à pesquisa, as crianças foram divididas em grupos e cada uma optou por uma tarefa a ser realizada junto com os alunos das demais séries da Escola e na comunidade e ficaram assim distribuídos:

- Grupo 1 - Pesquisa dos Jornais elaborados em Ijuí.
- Grupo 2 - Pesquisa de Rádios existentes em Ijuí.
- Grupo 3 - Pesquisa da Carta do Correio local até sua casa.
- Grupo 4 - Outras formas de Comunicação: teatro, TV, música, etc.

Ao término da pesquisa os resultados foram relatados ao grande grupo pelos pesquisadores.

Entre os meios de comunicação pesquisados, a atividade que mais despertou interesse e curiosidade nas crianças foram as cartas enviadas para outra escola, levadas no correio local. Houve muita expectativa quanto ao recebimento das respostas das mensagens enviadas espontaneamente por eles. Junto com as demais atividades foram realizados passeios, visitas aos meios de comunicação local.

Ao finalizar este trabalho concluímos que todas as crianças necessitam ser estimuladas para as questões de comunicação, independente do meio e das condições sócio-econômica em que vivem, basta serem estimuladas.

Apresentamos aqui, a produção de algumas cartas escritas e enviadas pelas crianças da Pré-escola, destas duas escolas, para outras escolas. Elas se iniciam no processo de construção da escrita. Observem as escritas das crianças que se utilizam de símbolos gráficos - desenhos e letras.

Kelvin quer convidar os colegas para jogar bola, expressando-se assim.



e aqui despede-se com abraços e beijos - A ORO-E-BREO. Daiane contou em sua carta a história do Pombo Correio.



Luciano desenhou nós levando a carta no correio.



Trabalho coordenado pelas professoras: Sueli Massafra e Noeli Kunz.

## Eu sou a Rosa

Eu gosto de ser rosa porque todos gostam de mim, eles gostam de cheirar as minhas pétalas, elas tem um cheiro bom.

Minha cor é cor-de-rosa. Eu adoro essa cor.

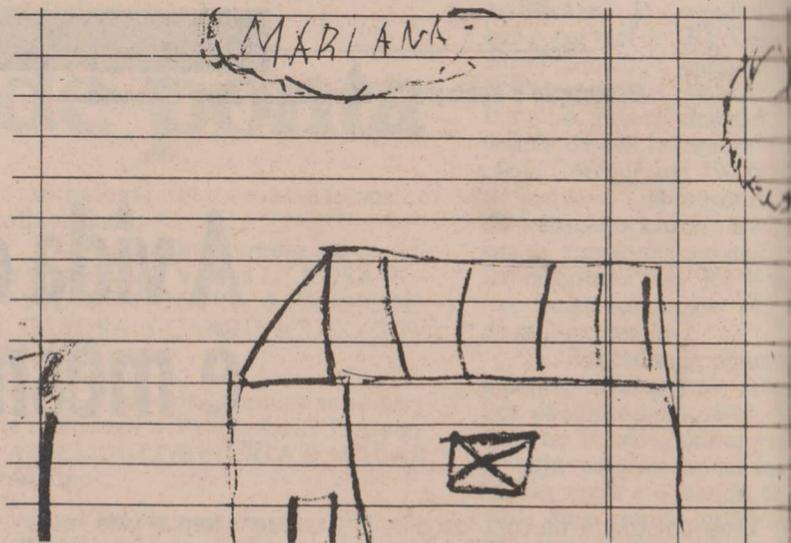
Eu vivo num jardim junto a um pé de limão. Nós conversamos muito sobre a beleza da natureza. Nós precisamos muito de natureza.

Ele diz que eu sou muito bonita, por isso não precisa mais flores.

As crianças gostam de mim e apanham outras rosas e deixam para enfeitar o jardim.

Todos os dias as crianças vão brincar ao lado do jardim. As vezes eu dou tanta risada deles, porque eles fazem muitas gracinhas.

Nome: **Fátima Regina dos Reis**  
4ª série  
Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Padre Burmann.



## A soja

O pai plantou soja numa segunda-feira e no domingo o pai foi olhar a lavoura de soja, ela estava saindo da terra.

O pai voltou muito feliz e disse:

- Mãe a soja já está nascendo. A mãe respondeu:

- Tomara que dê bem para fazer a casa.

A soja já estava na altura de quatro dedos. Depois de passar dois meses a soja já estava fechada.

E as lagartas começaram a comer.

O pai botou veneno mas não adiantou.

O pai, eu e a mãe fomos na lavoura de Arno Gørgen pegar as lagartas pesteadas pelo baculovirus. Trouxemos um vidro cheio. O pai botou o baculovirus na soja.

Agora a soja já está madura.

Nome: **Joanara Gørgem**

Série 4ª

Professora: Tânia Marize Gørgem

Escola: João Ramalho

## A vaca

A vaca é um animal quadrúpede, tem quatro patas.

Com suas patas ela dá coice.

Ela faz tudo isso e outras coisas também com a ajuda das pernas.

Ela é vivíparo, porque seu filhote nasce da barriga.

A vaca é útil para nós porque nos fornece carne, leite, couro e também cria outros terneiros.

Seu corpo é coberto de pêlos.

Ela come pasto, milho, quirera, mandioca e outras coisas.

A vaca é um animal vertebrado, porque tem ossos.

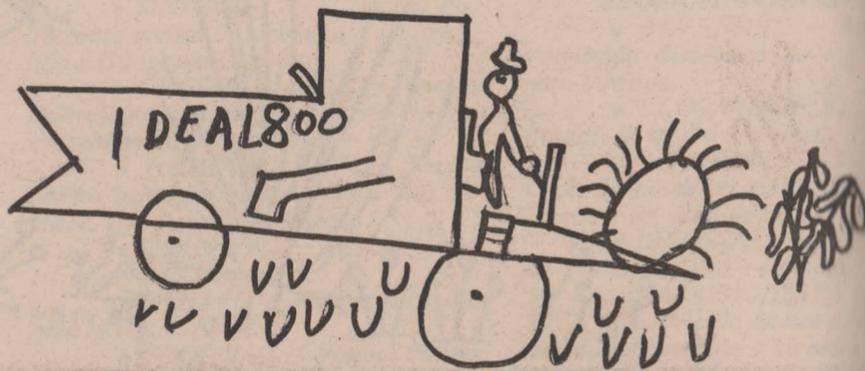
A vaca é um animal que tem muita força.

Nome: **Vilmar Lamberty** - 4ª série

Escola Municipal de 1º Grau

Incompleto Humberto de Campos

Augusto Pestana.



# Página do Leitor



## A Rincão Seco no meu sonho

Uma vez uma vila muito bonita e grande. Havia muitos moradores. Alguns dos moradores eram: dona Elizandra, senhor Leandro, seu filho, dona Elizandra Maria, compadre Clairton, seu Ivanor, fazendeiro e dona Cláudia.

Dona Cláudia morava numa chácara, onde havia uma piscina e também um casarão. Ela tomava banho cada dia na piscina e perto da piscina havia uma cabana. Dona Cláudia era muito rica.

As vizinhas de dona Marciane e de dona Maristela.

Nome: **Cláudia Müller** — 10 anos  
Série: 4ª  
Escola Municipal de 1º Grau  
Incompleto Santíssima Trindade  
Professora: Beatriz Hasse  
Rincão Seco — Augusto Pestana

## A colheita da soja

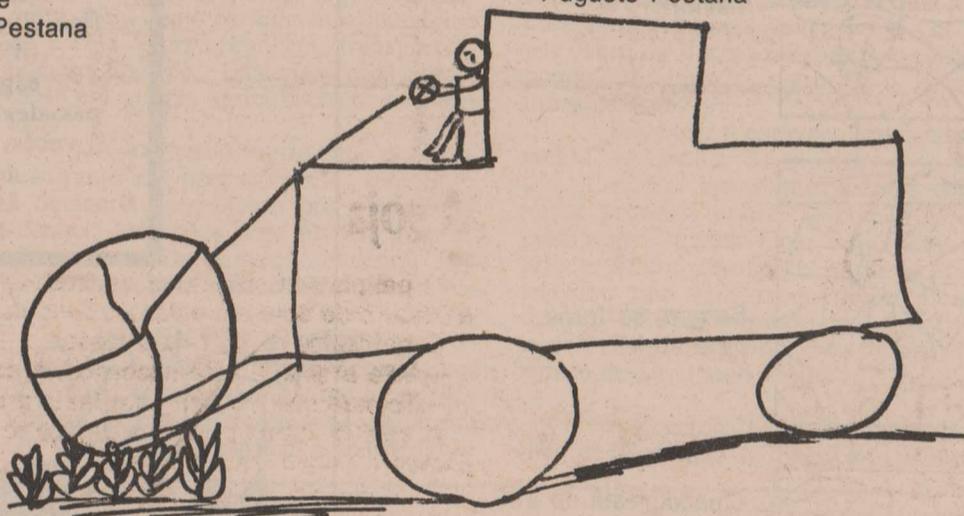
A soja é plantada e depois colhida. As pessoas colhem a soja com a ceifa ou com a trilhadeira.

A soja não rendeu muito.

Se a gente colhe bem, dá bastante dinheiro.

Quando colhemos, levamos a soja para a Cotrijuf. Da Cotrijuf eles levam para o Porto de Rio Grande. No porto eles carregam a soja em um navio e levam pelo mar. Daí a soja vai para outros países.

Nome: **Josenara Desbesell** — 9 anos  
3ª série  
Escola Municipal de 1º Grau  
Humberto de Campos  
Augusto Pestana



## O solo

O solo é muito importante para podermos cultivar nossos alimentos.

O desmatamento causa a erosão que é provocada pelas chuvas.

As erosões podem arrasar o solo, destruir plantações e curvas de níveis.

Os tipos de solo são: arenoso, argiloso e humoso.

Solo arenoso deixa passar a água com facilidade e serve para construção.

A argila é o barro, não deixa vazar a água com facilidade, e é útil para fazer vasos de flores e para fabricar tijolos.

O solo humoso contém restos de animais mortos e restos de vegetais podres que servem para plantar flores.

Esses são os tipos de solo.

Nome: **Marcelo As Schmitt**  
Escola Estadual de 1º Grau  
Incompleto Dr. Pestana  
3ª série 8 anos  
Rincão dos Müller

## Poluição

Muitas cidades que estão poluídas, porque tem muitas fábricas que soltam muita fumaça. Também o ar está muito poluído porque tinha as lagartas na cidade.

Uso de muito veneno para matar a lagarta. Mas esse veneno, poluiu o ar.

Quando o ar limpo não podemos respirar as árvores, mas devemos plantar mais árvores.

Quando plantamos mais árvores limpamos o ar.

Quando vamos derrubar mais árvores, vamos viver?

Nome: **Lamberty** — 4ª série

## Poluição do solo

As pessoas contaminam o solo quando jogam lixo no chão, depois chove e o lixo vai para o fundo do solo. Também os lançamentos de água, ou poço. As pessoas que tem doenças como febre tifóide, disenteria, contaminam o solo fazendo o lixo no chão.

As fezes dos animais também poluem o solo, podendo conter micróbios, como o bacilo do tétano.

Nome: **Gilmar Lamberty**  
2ª série — 9 anos  
Escola Municipal de 1º Grau  
Incompleto Humberto de Campos  
Augusto Pestana

## A minhoca

A minhoca além de ser uma ótima isca para ir pescar, é muito útil para a terra.

Porque ela mistura a terra levando partes de baixo para cima e de cima para baixo.

Também a minhoca é invertebrado, ela também é um ótimo alimento para as rãs.

A minhoca se reproduz de ovos pequenos.

A minhoca tem esconderijo de

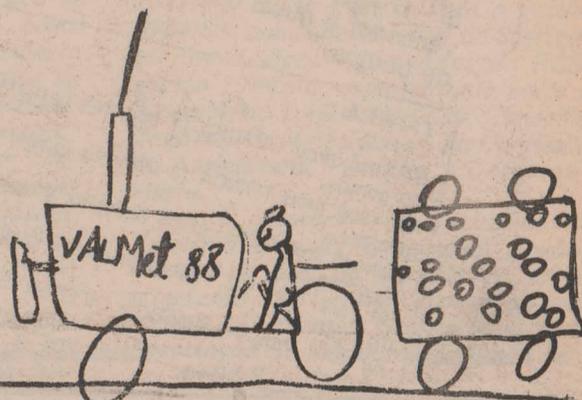
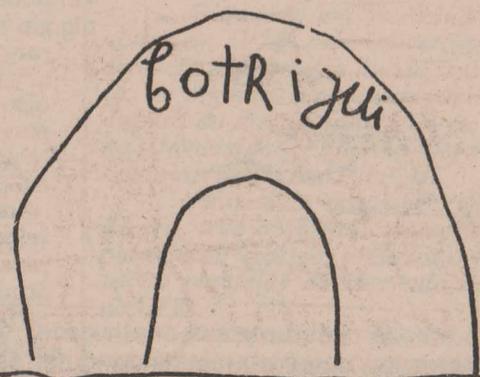
baixo de madeiras e cepos. E vive em lugares úmidos.

Também tem minhocas grandes e pequenas.

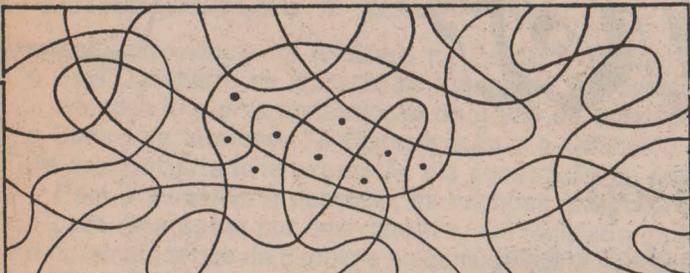
Existem várias espécies de minhocas.

As minhocas nascem, crescem, reproduzem-se e morrem.

Nome: **Solange Elise Heuser**  
9 anos 3ª série  
Escola Estadual de 1º Grau  
Incompleto Dr. Pestana

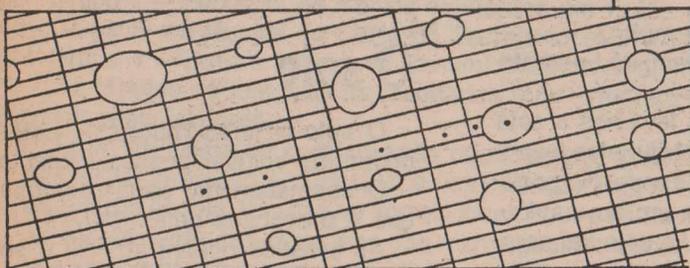


Preencha os espaços pontilhados e descubra as respostas.

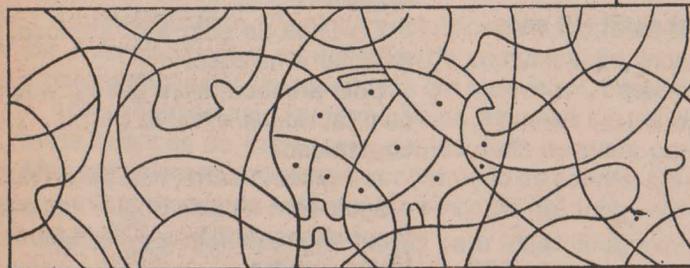


**Adivinha o que é!**

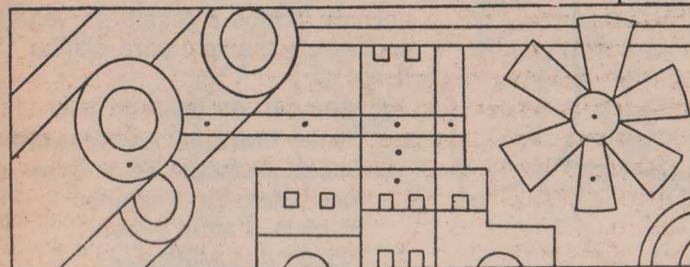
Não tem pernas,  
mas sempre anda?



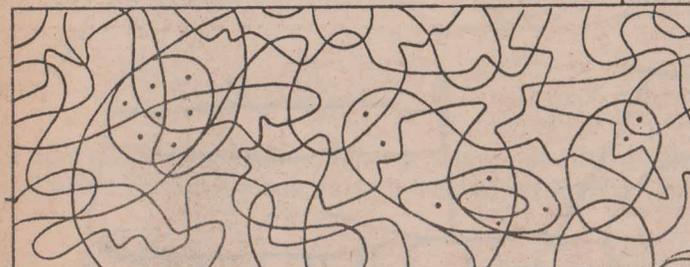
Quando perde a cabeça,  
fica queimado?



Quanto mais cheio fica,  
melhor?



Sempre se torce  
para abrir?



Quando está no alto,  
é prata, quando cai  
no chão, é ouro?

Respostas:  
sapato, fôstforo, coítrinho, chave, ovo.

## Os dados da sorte

Este jogo, famoso em toda a Europa, vai mexer com os nervos da turma! Tudo depende da sorte na hora de jogar os dados.

**Você precisa de:**

- \* 4 dados
- \* papel e lápis

**Como brincar:**

- 1 - Chame 4 amigos para jogar com você.
- 2 - Arranje 4 dados, papel e lápis para cada jogador anotar seus pontos.
- 3 - Tirem par ou ímpar pra ver quem começa.
- 4 - Cada jogador, na sua vez, atira todos os dados ao mesmo tempo. Depois marca seus pontos, olhando a tabela.
- 5 - O jogo termina após 10 jogadas. O vencedor é quem conseguir o maior número de pontos.

### TABELA

- Se você tirou QUADRA (4 números iguais) marque 25 pontos.
- Se você tirou TRINCA (3 números iguais) marque 20 pontos.
- Se você tirou DOIS PARES (2 duplas diferentes) marque 15 pontos.
- Se você tirou UM PAR (2 números iguais) marque 10 pontos.
- Se você tirou 4 NÚMEROS DIFERENTES marque 5 pontos.

## Editorial

Numa das edições da Revista Alegria, li este texto sobre as abelhas que está saindo na primeira página. Achei-o bastante interessante, tanto que estou dando a vocês a oportunidade de também o lerem.

Na página do leitor, que não é lida somente por crianças, destacamos um relato de experiência do trabalho de duas professoras que, como outras, acreditam que ler e escrever é um processo que cada criança constrói.

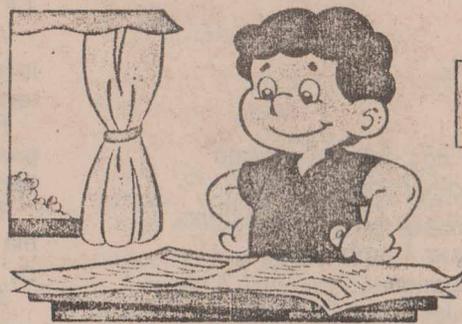
No passatempo apresentamos atividades escolhidas das revistas Nosso Amiguinho (jan/90-nov/88) e Alegria (nº 86), porque esgotaram-se os passatempos enviados por vocês. Criem outros e mandem-me!  
Um abraço  
Marilyza.

## PINTURA MODERNA

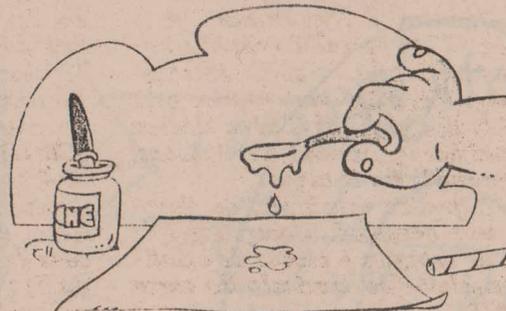
**Material:** jornais velhos, algumas folhas de papel sulfite em branco, tinta guache em diversas cores, canudinho para refrigerante, colher de café e uma vasilha pequena com água.

### Como fazer

Forre uma mesa com jornais velhos para não sujar.



Depois, com a colher de café, despeje um pouco de tinta sobre uma folha de papel.



Você pode usar sua criatividade, misturando diversas cores e procurando variar as formas.  
Boa sorte, artista!

Prepare as tintas, adicionando um pouco de água, de forma que fiquem como uma pasta mole.



Coloque o canudinho sobre a tinta e sopre. A tinta vai se espalhar, formando desenhos variados e surpreendentes, dignos de uma arte moderna.

